

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

VOZ ACTIVA

Da criação de um jornal escolar digital para a Escola Secundária José Gomes Ferreira

Joana Catarina Americano da Silva

TRABALHO DE PROJETO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientadora: Professora Doutora Fernanda do Rosário Farinha Bonacho

Orientadora: Professora Doutora Margarida Joana Quaresma Tomás Pontes

Lisboa, 2021

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho é da minha autoria, sendo uma das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. É um trabalho original, que nunca foi submetido a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação.

Certifico que todas as citações estão devidamente identificadas. Tenho também consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 22 de outubro de 2021

A candidata,

Joana Catarina Americano

RESUMO

Este trabalho de projeto tem como principal objetivo criar uma versão digital e multimédia do jornal escolar *Voz Activa* e, assim, proporcionar um espaço para os alunos do ensino secundário desenvolverem competências de literacia mediática. O processo de criação deste jornal escolar, a difundir em formato digital para a Escola Secundária José Gomes Ferreira, obteve o apoio dos participantes e atividades integrados no projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, durante o ano letivo de 2020/2021.

Foram feitas entrevistas ao corpo docente da Escola Secundária e aplicado um inquérito (criado na plataforma *Google*) aos alunos da escola, com vista a obter informação sobre as expectativas e necessidades mediáticas dos alunos em relação ao jornal escolar.

Com os dados levantados e analisados, foi feito um protótipo de um jornal escolar multimédia, concebido de forma a abrir possibilidades de leitura, mais criteriosa, do mundo. Nos trabalhos produzidos pelas equipas transversais de alunos do secundário e colegas do ensino superior – finalistas de licenciatura em jornalismo, e a monitorização dos docentes da ESCS, acautelou-se a existência de uma componente jornalística, comprovada pela qualidade e rigor do texto das seis peças jornalísticas que incorporam a proposta da versão online do Jornal *Voz Activa*.

O trabalho feito com o jornal escolar para a melhoria da literacia mediática é um processo a médio/longo prazo, e é composto como uma experiência de leitura e escrita do mundo, onde a textualidade multimédia deve ser produzida de forma crítica e regulada, no sentido de comunicar com responsabilidade com toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: literacia mediática; jornal escolar; adolescentes; educação; digital.

ABSTRACT

This project's main objective is to create a multimedia version of an existent school newspaper and provide a space for high school students to develop their media literacy skills. The creation process for this multimedia Escola Secundária José Gomes Ferreira newspaper received the collaboration of some participants and activities integrated in the “*Academy of Reading the World: Journalism, Communication and I*” project, during the school year of 2020/2021. There have been various interviews made with the high school teachers and a survey carried out on *Google* Platform to the high school students in order to obtain information about media expectations and needs towards the existence of a multimedia newspaper was conceived to open more insightful reading possibilities of the world around. Furthermore, in the tasks developed by transversal teams of students from ESJGF and his colleagues from the final year of Journalism in ESCS, together with the professors and journalists monitorization, it was possible to pay attention to the journalistic features, confirmed in the text quality and accuracy of the final six journalistic pieces, which are part of the first *Voz Activa* online edition.

All this work done with the school newspaper to improve students' media literacy is a medium/long term process, and it is suggested as a world reading and writing experience, where multimedia textuality must be explored in a critical and regulated format, heading for a responsible communication movement with the school community.

Keywords: media literacy; school newspaper; teenagers; education; digital.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer às Doutoradas Fernanda Bonacho e Joana Pontes, as minhas orientadoras, que se mostraram disponíveis e exigentes para que nunca baixasse os braços, nem perdesse o foco ao longo da produção deste trabalho e às quais agradeço por nunca terem desistido de mim.

À Escola Superior de Comunicação Social por ter sido a minha casa ao longo destes poucos anos e, apesar dos tempos atípicos, me ter mostrado que era sempre bem-vinda e de confirmar que terá as portas abertas para mim quando precisar.

À Escola Secundária José Gomes Ferreira por me terem auxiliado e trabalhado comigo para que este projeto fosse possível. Obrigada à atual Diretora da escola Rosária Alves pela ajuda e apoio para que este projeto fosse possível, à professora Maria Vitalina Pinto, atual coordenadora do *Voz Activa* que se manteve em constante contacto para que o projeto pudesse avançar, à professora responsável pela Biblioteca Lina Velez que partilhou os documentos para o melhor conhecimento da escola e à professora responsável pela turma, que integra o projeto, Maria Trincão Tomáz, que se manteve ativa e produtiva para que as peças dos alunos fossem feitas.

Aos meus pais, Rui e Clayda, que sempre fomentaram a minha curiosidade e que me ajudaram a abrir os horizontes através da leitura e do espírito crítico. Por me mostrarem que por vezes o melhor era deixar fluir e que iria encontrar o rumo quando menos esperasse.

Agradeço às minhas irmãs, Ana e Mariana, que aguentaram as madrugadas de medo e confusão e que sempre me apoiaram quaisquer que fossem as minhas decisões ao longo do meu percurso académico e profissional. Elas nunca largaram a minha mão ao longo de toda a minha vida.

À Vanessa que sempre me mostrou o meu valor e por ter sido ela a ajudar-me a dar o primeiro passo no mestrado desta casa. Nunca foi uma amiga, sempre foi aquela terceira irmã que veio de outra mãe.

Por último, aos meus amigos, que durante este processo nunca me deixaram desistir e que me apoiaram ao longo das chamadas para me conseguir mostrar que não havia mal em sentir-me cansada, por vezes.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
AGRADECIMENTOS	v
ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS	viii
ÍNDICE DE FIGURAS NO TEXTO	ix
CARTA DE INTENÇÕES	x
INTRODUÇÃO.....	1
1. A Literacia Mediática	1
2. Ler o mundo com o Jornal Escolar.....	4
3. Metodologia de Investigação.....	8
CAPÍTULO I CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO	10
1. Projeto “ <i>Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu</i> ” ..	11
2. Escola Secundária José Gomes Ferreira.....	13
3. Jornal <i>Voz Activa</i>	16
CAPÍTULO II EXPECTATIVAS: A VOZ DOS ESTUDANTES	21
CAPÍTULO III O JORNAL ESCOLAR DIGITAL	31
1. Artigos para o Jornal.....	32
1.1 <i>Baltazar</i>	32
1.2 <i>Máscara²: Como o teatro escolar se adaptou à pandemia</i>	34
1.3. <i>Saltatio: É tudo uma questão de vida?</i>	35
1.4 <i>Pelos bastidores das redações</i>	37 ¹
1.5. <i>A dança, o medo e a incerteza: Um olhar sobre as cicatrizes que a pandemia tem deixado nos adolescentes e a dança como refúgio para uma jovem de 16 anos</i>	39
1.6. <i>Bataclan</i>	40
2. Proposta para o jornal escolar.....	42
2.1. Cabeçalho	44
2.2. Secções do Jornal.....	45
2.3. Artigo de Destaque	47
2.4. Artigos	47
2.5. Fotogaleria.....	49
2.6. <i>Podcast</i>	51

2.7. O “Sobre Nós” e Rodapé.....	53
3. Imagem e Divulgação.....	56
CONCLUSÃO.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	61
ANEXO A.....	68
ANEXO B.....	89

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1	21
Tabela 2	22
Tabela 3	22
Tabela 4	23
Tabela 5	24
Tabela 6.....	25
Tabela 7	26
Gráfico 1	27
Gráfico 2	28
Gráfico 3	29
Gráfico 4	29

ÍNDICE DE FIGURAS NO TEXTO

Fig. 1.....	13
Fig. 2.....	14
Fig. 3.....	16
Fig. 4.....	17
Fig. 5.....	25
Fig. 6.....	27
Fig. 7.....	43
Fig. 8.....	44
Fig. 9.....	45
Fig. 10.....	48
Fig. 11.....	50
Fig. 12.....	52
Fig. 13.....	53
Fig. 14.....	54
Fig. 15.....	55
Fig. 16.....	56

CARTA DE INTENÇÕES

Decidi para trabalho final de curso, em conjunto com as professoras Doutoradas Fernanda Bonacho e Joana Pontes, integrar o projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, e ativar o jornal escolar da Escola Secundária José Gomes Ferreira, *Voz Activa*, transportando-o para o mundo digital.

Desde cedo que o meu interesse pelo jornalismo se manifestou e no meu 4º ano de escolaridade tive a oportunidade de integrar um jornal escolar, *Gazeta de Ferro*, no qual incorporei a secção de textos originais desenvolvidos pelos alunos. Apesar de ter durado apenas um ano letivo, levou a que esta curiosidade fosse incentivada e quando ingressei no 12º ano tive a oportunidade de fazer o papel de jornalista na Cimeira das Democracias de 2016 - projeto realizado pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica. A oportunidade de participar nestes dois projetos de contacto com os media fez despertar em mim um desejo imenso de integrar o mundo jornalístico.

A proposta deste jornal escolar digital é ativar o jornal existente em papel há muitos anos na Escola Secundária José Gomes Ferreira através de competências que os alunos acham relevantes, após a interpretação de um inquérito e de entrevistas ao corpo docente. Além disso, este desenvolvimento do jornal escolar ajudará a que os estudantes possam comprovar que conseguem *ler* o mundo com as ferramentas corretas através da literacia mediática.

Atualmente, trabalhar com os jovens para desenvolver o jornal escolar *Voz Activa*, numa componente multimédia, foi um caminho a seguir para poder conhecer vários aspetos do jornalismo. Para ser jornalista não basta apenas escrever e conhecer todo o processo. As etapas que se verificam, desde a capacidade para criar um jornal escolar até ao produto final, diz muito sobre as novas competências e ajuda à criatividade do jornalista.

INTRODUÇÃO

1. A Literacia Mediática

O termo “literacia mediática” surge, pela primeira vez, no ano de 1955 com o professor Louis Forsdale para ajudar os estudantes a ganhar capacidades de literacia mediática, todavia “o termo não ganhou força na altura”² (Carlsson, 2019: 38). Quando falamos em literacia mediática, a expressão implica dois conceitos que estão “intrinsecamente relacionados, são mutuamente dependentes: a literacia tem por base um conjunto de competências - são as competências que formam o âmago, o cerne, do conceito de literacia” (Lopes, Pereira, Moura & Carvalho, 2015: 5).

O conceito de literacia mediática encerra (ou sugere, já que o conceito é evolutivo e pressupõe atualização) uma panóplia de competências: ser mediaticamente literato é ser capaz de aceder aos *media*, de compreender as suas mensagens, de as analisar, de as avaliar criticamente, e de criar e de saber comunicar em diversos contextos. Ora, se parece ser relativamente simples identificar e circunscrever em domínios teóricos de análise esta panóplia de competências (competências técnicas, competências crítico-cognitivas e competências criativas, por exemplo), o mesmo se poderá dizer em relação à sua avaliação e mediação.

Ibidem: 6-7

O termo “literacia” é utilizado frequentemente enquanto sinónimo de “educação” (Carlsson, 2019: 37). Contudo, apesar destes dois conceitos se cruzarem de quando em vez, “literacia mediática” é diferente de “educação dos media” ou “educação para os media”, porque implicam diferenças no contexto social e no ângulo da investigação. “Com frequência tais designações precisam de ser culturalmente contextualizadas, porque decorrem de percursos e tradições em que foram enfatizados, em dados momentos, ora os media ora a comunicação; ora os processos formativos ora os seus resultados; ora as tecnologias, ora os conteúdos e efeitos mediáticos, entre outros aspetos” (MILOBS, 2021). É sempre necessária uma educação “para enfrentar os novos desafios” (Pinto, 2004: 6) e, desta forma, compreender a importância da literacia mediática.

² Cf. cit. original “the term did not gain much traction at the time”.

Em termos de investimento na área, Portugal tem disponibilizado formação aos professores, com o projeto o de [Literacia para os Media e Jornalismo](#), por exemplo, uma parceria entre a Direção-Geral de Educação e o Sindicato dos Jornalistas (ERC, 2019:50), que abrange os professores do terceiro ciclo, secundário e outros intervenientes da comunidade educativa. Esta formação passa pelo aprovisionamento de ferramentas que facilitam a escolha de notícias de qualidade, identificando as que não preenchem os “critérios de credibilidade: cuja fonte é duvidosa ou desconhecida, que não cumprem as normas éticas e deontológicas do jornalismo” (*ibidem*: 51). É sublinhada a importância da fiabilidade da informação necessária para que o risco de existirem erros seja mínimo, sendo que o trabalho jornalístico deve ser orientado por uma ética rigorosa, na medida em que os media funcionam com base em valores jornalísticos cuja missão é servir o espaço público.

É inegável que a literacia mediática tem também um papel fundamental no combate à desinformação, inclui “toda a informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é susceptível de causar um prejuízo público” (*ibidem*: 2).

A literacia mediática oferece ferramentas aos cidadãos para conseguirem ter capacidades de distinguir o que é falso do que não é.

A LMI [Literacia dos Media e da Informação] é uma aliada no combate e estas conceções, ao mesmo tempo que levará a que os cidadãos escolham os órgãos de comunicação social mais credíveis para se informarem. Assim, a concordância entre estes poderá passar pela aposta na qualidade dos conteúdos informativos.

ibidem: 48

A formação e o fomento da literacia mediática são importantes, porque adquirir conhecimento contribui sempre para uma melhoria das capacidades de análise crítica do público.

Têm existido diversos projetos relacionados com a literacia mediática, que têm ajudado a entender a evolução dos recursos usados para explorar a formação cultural mediática.

Em 2014, por exemplo, o Ministério da Educação publicou um *Guia de Educação para os Media* dirigido ao público pré-escolar, ensino básico e secundário (Pereira, Pinto,

Madureira & Guedes, 2014). De acordo com Cardoso et. al (2019), este guia “propõe essencialmente (...) um quadro de referência para o trabalho pedagógico em torno das questões da Educação para os Media, tendo como base documentos análogos dos diversos países e tomadas de posição de instituições europeias internacionais sobre o assunto” (Cardoso et. al., 2019: 14).

Anteriormente, em 2009, foi criado o Grupo Informal sobre a Literacia Mediática (GILM), cujo grande objetivo era promover a literacia mediática em Portugal. Este grupo mantém-se ainda hoje ativo e foi responsável pela viabilidade do lançamento do *Observatório sobre a Literacia Mediática* (MILObs), em 2012, com o intuito de promover “uma série de iniciativas ou investigações ou no âmbito em questão” (*ibidem*: 15). Este observatório contribui para a existência de um domínio de investigação da Educação para os Media, ao cobrir trabalhos desenvolvidos tanto em Portugal como no estrangeiro, promovendo, assim, a literacia mediática junto do público. Após “um tempo de interregno e outro de preparação, o MILObs foi lançado publicamente no dia 06 de julho de 2018” (MILObs, 2021). Este Observatório partilha as práticas de literacia mediática existentes e acaba por constatar o sucesso de várias experiências na área da comunicação e dos media. Desta forma, é possível construir uma interação “com entidades nacionais e internacionais com preocupações similares às do MILObs” (*ibidem*) e tomar uma “posição pública relativamente a matérias de interesse público relacionadas com o seu tempo de atividade” (*ibidem*). O MILObs tem uma atividade intensa, pois participa em inúmeros projetos como o “*CLIMA@EDUMEDIA*”, desenvolvido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que pretende apoiar a educação nacional - em específico no 3º ciclo e no ensino secundário. Existe ainda um projeto em conjunto com a plataforma Erasmus+ denominado “*E-Media Lab Project*”, cujo objetivo é proporcionar ferramentas aos professores que adquiram “competências de literacia para os media” (Cardoso, 2019: 17).

Outro projeto em que o MILObs está envolvido, financiado pela Comissão Europeia, é o “*Media Literacy For Living Together*” (MILT), que pretende “indiretamente, chegar às comunidades em que os jovens participantes se inserem, permitindo que os participantes se tornem agentes de mudança social através do uso e criação de media” (*ibidem*: 18).

Estes projetos apresentados servem de exemplo do investimento feito na área em Portugal e mostram a aposta feita na formação de uma consciência crítica mediática para a comunidade.

2. Ler o mundo com o Jornal Escolar

Célestin Freinet (2004) lembra que a educação não tem uma fórmula fixa e o quão importante é continuar a trabalhar em prole da instrução, reforçando as formações. A cultura e a educação são a premissa para um melhor entendimento do mundo. As competências obtidas são fatores determinantes para a qualidade de vida do cidadão, mas neste processo o “problema da nossa relação não é de modo algum – como pretendem nos fazer crer – o “conteúdo” do ensino, mas a preocupação essencial que devemos ter [é com os jovens]” (Freinet, 2004: 18). O importante é conseguir que o aluno trabalhe sozinho. É preciso provocar “a sede, mesmo que por meios indiretos. Restabelecer os circuitos. Suscitar um apelo interior para o alimento desejado” (*ibidem*: 19), porque quando o estudante perde o entusiasmo de aprender o professor sente que falhou.

Os pensamentos do pedagogo francês trouxeram novas formas de ver a educação e foi com ele que se introduziu o trabalho didático relacionado com o jornal escolar. Atualmente, o jornal escolar está aliado a outros contextos como o da educomunicação (Silva, 2013), que desenvolve um tipo de análise e produção textual na criação de um espaço de informação comunitário no seio escolar. Neste caso, os jornais escolares podem apresentar

o conteúdo teórico abordado na disciplina acerca do género jornalístico ou noticioso para que os alunos possam ter “ferramentas” de como “saber” se informar, organizar esses fatos entre si e conseguir compreender as características do modo histórico que vivenciam.

Silva, 2013: 2

O trabalho da educomunicação e do jornal contribui para a existência de melhorias no sistema educativo. O exercício do jornalismo realizado na escola não é necessariamente o “tradicional”, ou seja, a inovação das dinâmicas serve, particularmente, para atrair e aperfeiçoar o interesse dos educandos sobre o que acontece ao seu redor. Participar na criação e desenvolvimento do jornal escolar contribui para um bom ambiente entre alunos e professores.

O jornal escolar contribui para a consciência da importância de valores como a liberdade e responsabilidade, associando o facto de se poder “expressar opiniões e desejos de vários agentes educativos” (Vieira & Oliveira, 2011: 549). Este tipo de participação promove uma cidadania ativa, e a educação associada aos media que agrega várias temáticas da sociedade, como a política, economia, cultura, etc.

O jornal escolar tem um grande valor na educação para os media, tendo em conta as múltiplas práticas e ações que estão associadas. O conceito de cidadania é trabalhado no questionamento dos direitos e deveres dos cidadãos, no sentido de evitar que sejam marginalizados, por exemplo. Portanto, o jornal escolar incorpora várias realidades e dimensões num campo de ação circunscrito.

O jornal labora para educar e preparar os jovens para a vida fora do meio educacional, pressupondo comportamentos e valores cívicos. As vantagens de um jornal assentam num trabalho feito por pares, em sala de aula ou fora dela, e na interação com os restantes membros da comunidade educativa. É visto e encarado “como um espaço de produção mediática e ao mesmo tempo de contacto dos alunos com os assuntos escolares, do meio envolvente à comunidade escolar e também à sociedade civil” (Brites, 2011: 538). “A questão de como as ferramentas jornalísticas são apresentadas na escola é relevante para conceber e implementar projetos que podem desenvolver o pensamento crítico, com ênfase nos valores jornalísticos democrático”³ (Brites, 2020: 49). Assim, os alunos formam opiniões e ganham consciência das ferramentas utilizadas na construção do jornal, adquirindo, simultaneamente, conhecimentos da importância da liberdade de expressão.

Enquanto atividade extracurricular, o jornal escolar habilita também os professores com novas aptidões que estão relacionadas com atividades jornalísticas, proporcionando uma “oportunidade de (...) ter uma voz na comunidade escolar, e mesmo de serem reconhecidos nessa comunidade” (Brites, 2011: 544). Portanto, é possível comprovar como esta participação é “respeitada e considerada” (CNE, 2021: 75).

O Conselho Nacional de Educação (CNE) reuniu-se, em julho de 2021, demonstrando uma preocupação na participação dos jovens no processo de aprendizagem, que os ajuda a adquirir capacidades para as suas vidas sociais (*ibidem*). Concluiu-se que é importante que os alunos sejam ouvidos e que não tenham apenas a função de recetáculo de ensinamentos e valores disponibilizados pela escola. É essencial que haja uma participação ativa dos alunos, pois, infelizmente, as “crianças e os jovens são frequentemente considerados como futuros cidadãos e não como cidadãos efetivos, isto é, como sujeitos de direito que a lei atual lhe confere desde o seu nascimento” (*ibidem*: 76). Geralmente a criança tende a conseguir adaptar-se aos ambientes à sua volta

³ Cf. Cit. Original: The question of how journalistic tools are introduced at school is relevant for thinking of, and implementing, projects that can foster critical thinking, with emphasis on journalism’s democratic values”

e a identificar-se com as atividades e grupos existentes, mas é fundamental manter o foco no quão importante é a voz do aluno.

O jornal implica também uma forte dimensão técnica e prática na utilização de ferramentas jornalísticas, mantendo sempre os jovens participantes ligados à leitura e à escrita. O “jornal escolar possibilita o aluno se expressar de uma forma que lhe convém através dos meios que dispuser” (Silva & Krauss, s.d.: 5). A produção de textos para um jornal escolar é sujeita, normalmente, a correções individuais, feitas pelo próprio aluno, seguidas de correções coletivas, feita pela turma e, por fim, o docente responsável acaba por editar a versão final antes da peça ser publicada.

O jornal escolar pode existir na sala de aula, mas ser projetado também para fora do próprio espaço escolar. Existe a hipótese de criar um trabalho que opte pelo jornalismo tradicional em papel, como também o jornalismo multimédia, tendo em conta os recursos humanos disponíveis, ou seja, condições de trabalho, que criam “ecossistemas comunicativos no espaço escolar por meio do jornal escolar” (Silva, 2013: 2). O jornal não funciona, desta forma, como um projeto restrito, mas sim como algo flexível e libertador para os alunos que conseguem ter oportunidade de criar algo novo abrindo lugar a novos ambientes criados pelos media.

A voz dos jovens na escola básica e secundária está aparentemente assegurada e prevista pela legislação. Desde a regulamentação das Associações dos Estudantes (Lei n.º 23/2006, de 23 de junho alterada pela Lei n.º 59/2019, de 7 de agosto); passando pela definição da participação dos alunos nos Conselhos Gerais dos Agrupamentos, no entanto, são apenas representados por alunos maiores de 16 anos (n.º 6, do Artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril republicado no Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho); indo até aos direitos do Estatuto do Aluno (Decreto-Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro) (CNE, 2021: 78-79), em que se pretende cumprir a proposta de lei, na qual “lhes são reconhecidos direitos de participação ativa, designadamente através da apresentação de sugestões e críticas relativamente ao funcionamento da escola” (*ibidem*:79).

A criação do jornal pode colaborar na identidade de uma comunidade escolar, incluindo as atividades eventos do seu planeamento (Naia, 2011: 813). Dentro e fora da sala de aula, os media tornam-se um objetivo no “estudo de reflexão” (Leal, Santos & Matos, 2011: 564), assim como de “desenvolvimento, mas também de espaço e tempo no contexto escolar” (*ibidem*).

Atualmente, o jornal *Público* acompanha os jornais escolares através do projeto [Público na Escola](#), um projeto de educação para os media retomado no ano letivo 2019/2020, em parceria com o Ministério de Educação e a Fundação Belmiro de Azevedo (PÚBLICO,2021).

O PÚBLICO na Escola pretende voltar a desempenhar um papel fulcral na formação de novas gerações de leitores, decisiva para a construção de sociedades esclarecidas e plurais.

Ibidem.

De acordo com as responsáveis pelo projeto, Bárbara Simões e Luísa Gonçalves, o principal objetivo é “fomentar a literacia mediática, estimular a prática de um jornalismo escolar crítico, imaginativo e de qualidade, bem como contribuir para o combate à desinformação” (*ibidem*). O Concurso Nacional dos Jornais escolares, promovido pelo *Público*, por exemplo, cria uma dinâmica com os jornais escolares nacionais, cujo “concurso decorreu novamente num ano letivo condicionado pela pandemia e consequente ensino à distância” (*ibidem*).

A escola e os seus projetos de jornais escolares desempenham um papel importante na organização de informações relevantes para a comunidade escolar, mas também para fornecer instrumentos necessários para o desenvolvimento das competências mediáticas dos envolvidos e da sua consciência crítica em relação ao mundo.

3. Metodologia de Investigação

Neste trabalho, a construção da análise foi feita com o método de observação participante, para aceder mais facilmente à informação através da participação e observação do objeto de estudo. (DeWalt, 2011: 252).

O método participante foi relevante para o equilíbrio entre a participação e observação. O equilíbrio contribuiu para que o investigador se adaptasse ao ambiente e possibilitou resultados efetivos (*ibidem*: 264). Neste tipo de metodologia é importante registar o máximo de dados possíveis para captar a melhor da informação.

Seguindo este método participante, foram feitas várias visitas à Escola Secundária José Gomes Ferreira, que se encontra incluída no projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, para conhecer o recinto escolar, trabalhar com a escola e conceber um protótipo de um jornal escolar, que capte a essência e ative o já existente jornal escolar *Voz Activa*.

As visitas à escola possibilitaram quatro entrevistas presenciais, que permitiram uma comunicação verbal e não verbal facilitadora de obtenção de informação (Leeuw, 2008: 317). Foi possível entrevistar uma professora e diretora de turma, Ana Maria Trincão Tomáz; foi contactada a atual Diretora do Agrupamento de Escolas de Benfica, Rosária Alves; entrevistou-se a professora e coordenadora responsável pelo Jornal *Voz Activa*, Maria Vitalino Pinto, e por fim, foi entrevistada a professora responsável pela biblioteca da escola: Lina Maria Velez.

Além das entrevistas, aplicou-se um inquérito aos alunos, selecionados de forma aleatória, da Escola Secundária José Gomes Ferreira, no sentido de entender a sua posição em relação à existência de um jornal escolar na sua escola. Este inquérito foi feito digitalmente, através da plataforma *Google*, uma vez que os inquéritos feitos pela internet ganham cada vez mais popularidade, facilitando a sua aplicação (*ibidem*: 321). Este inquérito foi, depois, processado pelo programa de software de estatística: *Statistical Package For the Social Sciences* (SPSS).

Entretanto, desenvolveu-se a análise de conteúdo das entrevistas, das respostas aos inquéritos feitos aos alunos e dos próprios conteúdos do jornal em papel existente na escola e dos novos artigos propostos para o jornal. Esta análise exaustiva ajudou a delinear as características da nossa proposta de projeto (Ruas, 2017: 124).

Assim, de uma forma sumária, o trabalho seguiu sete etapas principais: começou com a ideia de um projeto de ativação do jornal escolar *Voz Activa* em meio digital; seguiram-se as leituras para o enquadramento teórico; definiram-se algumas entrevistas

exploratórias num terceiro momento; houve um contacto direto com o espaço-escola e os atores da comunidade escolar (alunos e professores) importantes para o projeto; na quinta etapa construiu-se um inquérito e avaliou-se a resposta dos jovens à proposta de um novo jornal escolar; de seguida, na sexta etapa, fez-se uma análise de todas as etapas anteriores; e na sétima etapa concebeu-se uma proposta de um novo jornal *Voz Activa* digital.

CAPÍTULO I | CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

Desde maio de 2018 que as Academias Gulbenkian do Conhecimento, lançadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, promovem competências sociais e emocionais das crianças e dos jovens para desenvolverem ferramentas para um futuro que está em constante mudança (Fundação Calouste Gulbenkian, 2021). Segundo a Fundação, é importante chegar a “10 mil jovens, nos próximos cinco anos, e dotar uma centena de organizações sem fins lucrativos de metodologias e estratégias que, comprovadamente, desenvolvam novas competências num universo de sub-25 anos” (*ibidem*).

Esta promoção de projetos e atividades no âmbito cultural e da educação, que trabalha o pensamento crítico e que envolve uma essencial “adaptação à mudança” (*ibidem*), selecionou o projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, onde se insere o presente trabalho de mestrado, da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), Instituto Politécnico de Lisboa (IPL).

1. Projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”

A Academia de Leitura do Mundo é um projeto implementado em várias escolas secundárias a nível nacional e que visa criar uma experiência imersiva de comunicação, dinamizando um conjunto de atividades jornalistas e comunicacionais junto dos jovens, com base em parcerias celebradas entre instituições de ensino superior e secundário. O objetivo principal é munir os jovens de ferramentas para descodificar as notícias, questionar o consumo passivo de informação e estimular uma postura crítica e construtiva adequada aos desafios da cultura noticiosa e mediática. Para além da Escola Superior de Comunicação Social e Instituto Politécnico de Lisboa, também a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, a Escola Superior de Tecnologias de Abrantes do Instituto Politécnico de Tomar, a Universidade da Beira Interior e a Universidade do Algarve integram o projeto de investigação.

A “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, em Lisboa, estabeleceu um protocolo com a Escola Secundária José Gomes Ferreira (ESJGF) do Agrupamento de Escolas de Benfica, desde o ano letivo 2019 (ESCS, 2021). Foram lançados desafios aos estudantes da ESJGF, com a “colaboração de vários docentes da ESCS, jornalistas e especialistas da área da Comunicação e Jornalismo” (*ibidem*), que pretendem desenvolver “competências de comunicação, autorregulação e espírito crítico dos indivíduos entre os 14 e os 25 anos” (*ibidem*). Pretende-se com o projeto desenvolver, acima de tudo, as competências críticas dos jovens em relação aos conteúdos informativos e comunicacionais.

O projeto da Academia centra-se na importância do saber ler o mundo, através de práticas que permitam reconhecer a diferença entre a informação e a ficção (Bonacho, 2020:4), e os trabalhos desenvolvidos adaptam-se às realidades de cada comunidade escolar. Assim seguem-se práticas colaborativas com os estudantes, monitorizada pelos docentes e especialistas em comunicação e jornalismo. É com este desafio que os alunos experienciam os bastidores dos processos jornalísticos e testam as suas competências comunicacionais e mediáticas.

No segundo ano dos trabalhos da equipa de Lisboa da “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*” (2020/2021), é selecionada a turma de 11º

ano de curso Científicas-Humanístico e Línguas e Humanidades, da Escola Secundária
José Gomes Ferreira.

2. Escola Secundária José Gomes Ferreira

A Escola Secundária José Gomes Ferreira, situada na freguesia de Benfica desde o início dos anos 80, é hoje sede do Agrupamento de Escolas de Benfica, tem capacidade para 49 salas de aula e alberga cinco blocos e um pavilhão gimnodesportivo.

Ao entrar na ESJGF observa-se como a própria construção se consegue envolver com a grande magnitude de verde existente (Fig. 1). A natureza está presente em todo o espaço escolar e é uma característica visível em todo o recinto. A preservação da natureza e o cuidado com os animais aparentam ser importantes, uma vez que a escola mantém projetos como o *Clube da Apicultura* e o *Clube de Agricultura Biológica*, além dos projetos já antigos, como o “*Planta Bosques*” (2013/2014). No interior dos edifícios, verificam-se adaptações para que as aulas presenciais fossem possíveis, face à situação pandémica da Covid-19. Por exemplo: alunos devem entrar por um lado e sair por outro, para não criar uma grande afluência de estudantes no mesmo local. As mesas e as cadeiras, por exemplo, que estavam por todo o recinto escolar, foram retiradas tornando os corredores essencialmente espaços de passagem.



Fig. 1 – Exemplo do envolvimento da ESJGF pela natureza. Fotografia de Joana Silva.

A biblioteca da escola, localizada no primeiro piso do Bloco A, está dividida em três partes. Na entrada é possível aceder a uma variedade de manuais auxiliares e dicionários escolares (ANEXO B – Fig. 8). É também neste primeiro espaço que está a área informática (*ibidem*) e a zona lúdica. O espaço contíguo é totalmente em madeira e composto por paredes forradas em livros, destinado à leitura e ao estudo (recentemente adaptada para que a sua utilização seja feita com as devidas normas de segurança) (Fig. 2). A terceira e última divisão é o arquivo da biblioteca, na qual apenas os funcionários podem entrar.



Fig. 2 – A segunda divisão da biblioteca. Fotografia de Joana Silva.

A atual Diretora do Agrupamento de Escolas de Benfica, Rosária Alves, afirma a existência de uma missão na ESJGF na qual “a escola prepara os alunos para a vida” (ANEXO A – Doc. 4) e “não é só preparar para a vida académica, prepara [os alunos] como seres humanos” (*ibidem*). Ou seja, de acordo com as palavras da diretora, a escola pretende desenvolver valores de âmbito pessoal, social e profissional. Assim, além da vertente humana, é importante não esquecer a função principal da escolar: “preparar os alunos para entrarem no ensino superior ou para seguirem outras vias de ensino” (*ibidem*).

A direção ESJGF apoia projetos extracurriculares como, por exemplo, o *Clube de Animação e Multimédia*, o *Clube de Fotografia* (ANEXO B – Fig. 2) ou o *Clube Europeu*,

uma vez que estes projetos “completam as aquisições académicas” (ANEXO A – Doc. 4). Alguns projetos tendem a estar incluídos nos programas curriculares de forma a desenvolver as diversas capacidades criativas dos alunos. A diretora de turma Ana Maria Trincão Tomás sublinha a adesão dos alunos, porque “de facto, conseguem encontrar na escola atividades que consigam ajudar na sua formação geral” (ANEXO A – Doc. 3). Outra das preocupações da escola é a divulgação dos projetos, uma vez que “se nós não divulgarmos aquilo que se faz nos projetos, eles acabam por morrer” (ANEXO A – Doc. 4), ou seja, a partilha pública dos trabalhos é aqui considerado um desafio importante e essencial para a dinâmica da comunidade.

Em termos de novos projetos, a escola ambiciona ter um grupo de estudantes “que tem de ser necessariamente [diferente]” (ANEXO A – Doc. 4), no sentido da sua disponibilidade para outros desafios além da atividade curricular. Esta é uma componente que traz “uma troca de experiências muito mais rica” (*ibidem*), mantendo-se sempre em vigor a premissa de conseguir “ter uma resposta para todos os alunos da escola” (*ibidem*).

Apesar de todo este interesse, os professores confirmam a existência de dificuldades na concretização e desenvolvimento de projetos, ou na criação de novos, devido, particularmente, à pandemia da Covid-19. A biblioteca, segundo a professora responsável, Lina Maria Velez, foi um espaço prejudicado: “Muitos projetos que tínhamos já não se realizam (...) depois as aulas online também não ajudam” (ANEXO A – Doc. 6). Tornou-se “muito mais fácil os alunos aderirem a atividades que sejam lançadas pelos próprios professores, para depois se dirigirem à biblioteca, do que propriamente atividades organizadas e lançadas pela biblioteca” (*ibidem*). Apesar de concordar que tanto os alunos como os professores estão cansados do ensino online (*ibidem*), entende-se que seria uma mais-valia “colocar [o serviço da] biblioteca online” (*ibidem*). Apesar de não ser fácil e de ser um processo moroso, a professora responsável tem feito formação e “investido bastante” (*ibidem*) nesta área, que se transformou num objetivo a médio prazo, porque “a biblioteca tem de evoluir urgentemente” (*ibidem*).

3. Jornal *Voz Activa*

Desde os anos 90 que a comunidade escolar da Escola Secundária José Gomes Ferreira tem produzido um jornal escolar, que se mantém ativo até à atualidade, e que pretende contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico, dos hábitos de leitura e de escrita de todos os alunos.

O primeiro número do jornal escolar foi lançado a fevereiro de 1990, quando a escola ainda era denominada Escola Secundária de Benfica, e foi a Primeira Página de há 31 anos (Fig. 3). De acordo com as entrevistas feitas, esta primeira edição do jornal marcou a escola, e mais de três décadas depois continua motivo de orgulho e celebração.

No 40º aniversário da ESJGF, por exemplo, no dia 20 de novembro de 2020, com a ajuda da biblioteca, foi organizada uma exposição com o objetivo de partilhar com toda a comunidade educativa os projetos da escola, e o *Voz Activa* teve o seu local de destaque. Desde o primeiro editorial de 1990 que o jornal se comprometeu a “transformar a voz passiva (...) em voz activa” (ANEXO B – Fig. 12), afirmando que o seu sucesso dependeria da proximidade e colaboração de todos com a condição de “ser feliz se te vir por perto” (*ibidem*).

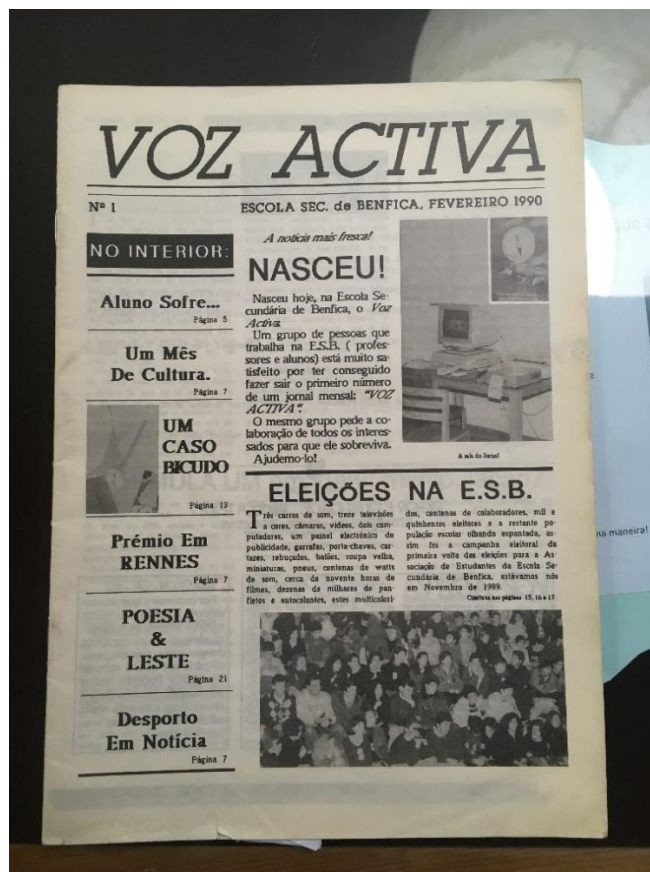


Fig. 3 – Primeira Página do Jornal Escolas *Voz Activa* nº1 de fevereiro de 1990.

Fotografia de Joana Silva.

Desde o primeiro número que se manteve o hábito das fotografias a preto e branco, sendo que, atualmente, a única cor que se destaca da paleta de cinzentos é na primeira e últimas páginas. A participação dos alunos é essencial, nomeadamente para esses espaços de destaque. Na edição número 25 (dezembro de 2018), da segunda série do *Voz Activa*, a primeira página foi criada por uma aluna do 12º ano, cuja ilustração (Fig. 4) apresenta um “desenho analítico de um inseto: uma borboleta” (ANEXO B – Fig. 15), com uma “técnica mista de pastel e óleo” (*ibidem*). Na contracapa existe a “interpretação de um auto retrato de Pablo Picasso” (Fig. 4), feita a lápis de cor e grafite por uma aluna do 10º ano.

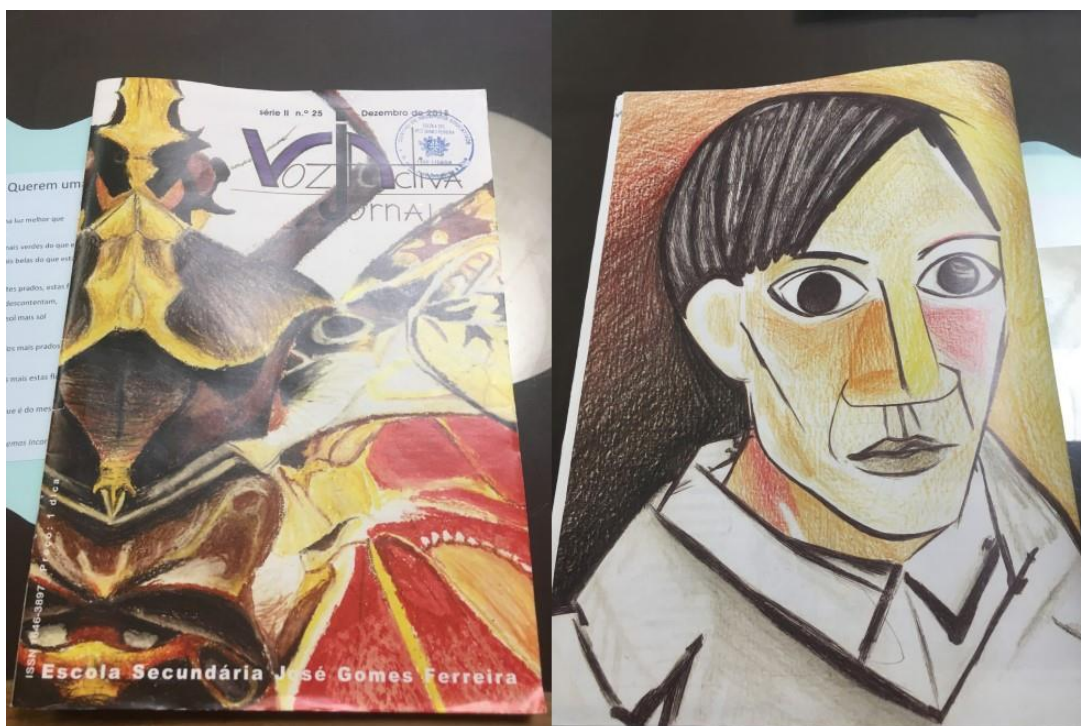


Fig. 4 – Capa e contracapa do número 25 da segunda série do *Voz Activa* lançado em 2018.

A professora e coordenadora do jornal escolar, Maria Vitalino Pinto, partilha que este trabalho gráfico é feito com o professor de artes, Carlos Farias” (ANEXO A – Doc. 5), que faz o grafismo do jornal escolar pelo menos desde abril de 2009 (ANEXO B – Fig. 13 e 14).

Logo na primeira página do primeiro número do jornal *Voz Activa*, que fica assente que o jornal pretende desenvolver o espírito crítico dos estudantes não só com a escrita como através “do desenho, da fotografia, dos gráficos...” (ANEXO B – Fig. 12). Presente-se que os alunos sejam ouvidos, tanto que, no editorial do primeiro número

afirma-se: “É como se também tu renascesses e te tornasses muito mais importante para a tua escola” (*ibidem*).

O jornal inclui uma atividade escolar, que se chama “*ouvir o silêncio, lendo*” - uma atividade que faziam todos os anos e que pretendia que toda a escola parasse durante meia hora para permanecer em silêncio e ler um livro (Anexo A – Doc. 5). Para ilustrar o acontecimento, eram tiradas fotografias em todo recinto escolar e elaboravam-se artigos com imagem e um pequeno texto para nota da atividade” (*ibidem*). Além do “*ouvir o silêncio, lendo*”, existe o “*Ler é...*” em que é pedido a cada aluno uma definição do que é ler numa pequena frase com a intenção de fomentar o pensamento crítico e a criatividade dos estudantes.

A professora Maria Vitalina Pinto, coordenadora do *Voz Activa*, desde 2011/2012, mantém-se ainda na linha da frente do jornal. Atualmente o jornal tem duas séries completas que foram premiadas pelo jornal *Público* (*ibidem*) cujo concurso obrigava a ter três jornais publicados por ano. O jornal *Voz Activa* também já participou em exposições fora da escola, como por exemplo, numa exposição, em Almada, na exposição de jornais escolares (*ibidem*).

De acordo com a professora Maria Vitalina Pinto, o jornal manteve-se com uma receção positiva ao longo dos anos, pois os estudantes apreciavam poder ver o seu trabalho, por mais pequeno que fosse publicado no jornal. Todo o processo de envio do artigo para o jornal, à edição e publicação final era seguido com muito entusiasmo por todos (*ibidem*).

No ano letivo de 2020/2021, a escola concorreu a alguns projetos de apoio a jornais escolares e conseguiu ser selecionado, o que implica a sua concretização nos próximos dois ou três anos. Tendo a escola demonstrado interesse em manter o jornal ativo, este apoio é fundamental para trabalhar um conjunto de experiências essenciais para a identidade da comunidade escolar “enquanto processo de transformação do sujeito” (*ibidem*). Segundo, a atual diretora, Rosária Alves, o jornal escolar encontra-se em fase de reformulação (ANEXO A – Doc. 4), e segundo a professora Lina Velez trabalha-se com a premissa de que o jornal precisa de ser diferente e evoluir (ANEXO A – Doc. 6). Durante a intervenção feita durante a exposição do 40º aniversário da ESJGF, Maria Vitalino Pinto também reforçou a importância da preservação da memória para a evolução do jornal, alertando para o facto de que “a memória dessa experiência nos 40 anos da escola Secundária José Gomes Ferreira sirva para continuarmos recordando o passado e construindo o futuro” (ANEXO A – Doc. 2). Para o novo ano letivo 2021/2022,

a escola prepara a criação de um [Clube de Jornalismo](#), que irá contribuir para o desenvolvimento do *Voz Activa* (ESJGFc, 2021). Assim, os objetivos pedagógicos do plano curricular destes alunos deverão estar aliados ao jornal escolar porque:

A ESCOLA é um dos múltiplos lugares desse caminho e o VOZ ACTIVA foi, (é) dentro da escola, uma experiência de construção da identidade, uma força dentro de múltiplas forças, uma oportunidade para nos conhecermos melhor e nos darmos a conhecer aos outros.

ANEXO A – Doc. 2

Rosária Alves, defensora destes objetivos, compreende que a componente da temática da cidadania é importante (ANEXO A – Doc. 4). Este tópico tornou-se, particularmente, fulcral para a escola com a pandemia da Covid-19: os confinamentos iniciados em março de 2020 e reforçados, mais uma vez, a partir de janeiro de 2021 provocaram aprendizagens deficitárias (ANEXO A – Doc. 5) e a própria comunicação entre os professores e os alunos foi “cortada” (*ibidem*). Ana Maria Trincão Tomáz dá nota de como a escola se tornou “um local de passagem” (ANEXO A – Doc. 3) e que isso pode explicar a sensação de estarem a viver numa escola “parada” (Anexo A – Doc. 5).

Esta Diretora de Turma integrante do projeto da Academia confirma que o papel desempenhado pelo jornalismo e pelos jornais é extremamente importante e que seria muito difícil conseguirmos “viver sem informação” (Anexo A – Doc. 3). A importância de todos os cidadãos estarem bem informados faz a diferença no equilíbrio de uma sociedade.

Esta premissa relembra a tentativa já com alguns anos de contribuir para uma comunidade educativa mais participativa e informada através da reformulação do Jornal *Voz Activa* para o meio digital: “Houve uma altura que nós nos propusemos a pôr todos os números na página da escola” (ANEXO A – Doc. 5), ficando, assim, o conteúdo de todo o Jornal digitalizado e em formato PDF. Todavia, o processo enfrentou algumas questões difíceis de ultrapassar e atualmente são poucos os números que se encontram disponíveis.

A proposta deste projeto de mestrado é contribuir para ativar a componente multimédia do jornal escolar digital *Voz Activa*. Apesar do formato proposto ser multimédia, a estrutura original do Jornal irá tentar ser preservada, enquanto imagem identitária a proteger. Para avançar com esta proposta e conseguir concretizar o protótipo,

foram aproveitados exercícios jornalísticos desenvolvidos pelos alunos da turma 7º do 11º de Línguas e Humanidades, com a ajuda dos alunos finalistas do curso de licenciatura de jornalismo da ESCS, no âmbito da agenda de atividades da Academia de Leitura do Mundo.

CAPÍTULO II | EXPECTATIVAS: A VOZ DOS ESTUDANTES

Para oferecer uma componente multimédia ao Jornal *Voz Activa* decidimos ouvir a voz dos alunos, no sentido de respeitar a identidade da própria Escola Secundária José Gomes Ferreira. O trabalho de inquirição aos estudantes da escola foi pensado com esse objetivo e para que o jornal pudesse funcionar após terminada a intervenção da “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”.

Foi elaborado um inquérito e distribuído pelos alunos da escola, durante o mês de junho e julho de 2021. Ao utilizar o formulário da *Google*, tentou-se chegar ao maior número de estudantes, entre o 9º e o 12º ano de escolaridade. O inquérito foi partilhado por email com alguns professores, para depois partilharem com os seus alunos, mas foi também partilhado pela aplicação *WhatsApp* dos alunos participantes da Academia.

O inquérito (ANEXO A – Doc. 1) tem o total de 13 perguntas e foi possível obter 94 respostas. Três das perguntas são de resposta aberta, para que o aluno tenha abertura para expressar a sua opinião em relação à questão; duas são perguntas justificativas a respeito do que foi perguntado anteriormente; a terceira questão tem como objetivo perceber que tipo de jornal os estudantes gostariam de ter na escola e foi pedido que escolhessem três palavras que caracterizassem o jornal ideal. As três primeiras perguntas de resposta fechada são questões de identificação para que, posteriormente, seja possível verificar as relações entre género, idade e ano de escolaridade. Os resultados foram processados e analisados através do programa de estatística SPSS.

Portanto, as variantes foram trabalhadas por este programa. No total dos 94 inquéritos, 59,6% dos estudantes são do género feminino, 36,2% são do género masculino e os restantes 4,3% preferem não ser identificados pelo género (Tabela 1).

		Género	
		Frequência	Percentagem
Válido	Masculino	34	36,2%
	Feminino	56	59,6%
	Outro	4	4,3%
	Total	94	100,0%

Tabela 1 – Contagem dos inquiridos por género.

A média dos alunos que responderam ao inquérito encontra-se entre os 16 e os 17 anos, a que corresponde 31,9% dos respondentes. Este fator relaciona-se com o facto de a maioria dos inquiridos (46,8%) se encontrarem no 11º ano, sendo que dentro desta maioria 61,4% são do género feminino; 36,4% são alunos do sexo masculino e um aluno não quis ser identificado por género (Tabela 2).

		Género					
		Masculino		Feminino		Outro	
		Contagem	%	Contagem	%	Contagem	%
Ano	de 9	1	20,0%	4	80,0%	0	0,0%
Escolaridade	10	12	35,3%	19	55,9%	3	8,8%
	11	16	36,4%	27	61,4%	1	2,3%
	12	5	45,5%	6	54,5%	0	0,0%

Tabela 2 – Relação entre o ano de escolaridade e o género dos inquiridos.

Como referido no capítulo anterior, o Jornal *Voz Activa* existe desde o início dos anos 90 - apesar de nos últimos dois anos não ter saído nenhum número, devido à situação pandémica que o mundo viveu. Talvez por esse motivo, a maioria dos estudantes que participaram no inquérito disseram não conhecer a existência do jornal (80,9%) (Tabela 3).

Conheces o *Voz Activa*?

		Frequência	Percentagem
Válido	Sim	18	19,1%
	Não	76	80,9%
	Total	94	100,0%

Tabela 3 – Percentagem referente à totalidade de alunos que conhecem o jornal *Voz Activa*.

O facto de a maioria dos alunos estar no 10º e 11º ano e, devido à pandemia da Covid-19 se fazer sentir desde o ano letivo de 2019/2020, os resultados podem ser influenciados por este contexto e é possível que a falta de conhecimento do Jornal possa ter sido agravada devido às aulas à distância e ausência física da escola. Para a vida do jornal, o segundo confinamento, já no ano letivo 2020/2021, “foi pior que o do ano passado”

(Anexo A – Doc. 5), pois tornou muito difícil a disponibilidade para a elaboração de conteúdos.

Apesar de a grande parte dos alunos não conhecer o *Voz Activa*, a sua maioria (71,3%) gostava de ter um jornal na escola, comprovando assim o interesse por esta atividade extracurricular, que reforça a importância do lançamento do Clube de Jornalismo no ano letivo de 2021/2022. Um dos motivos para pretenderem um jornal passa sobretudo pelo desejo de se manterem informados sobre os acontecimentos escolares (30,9%); uma outra parte admite que seria interessante enquanto atividade extracurricular (19,1%), e outra parcela dos alunos gostaria de ter um jornal escolar para poder partilhar acontecimentos escolares, que não seriam notados e conhecidos publicamente se fossem apresentados de outra forma (8,5%). Todavia, apesar de grande parte dos alunos quererem um jornal escolar, 14,9% dos respondentes confessa não estar interessados nessa ideia, e uma minoria - 5,3% - acha mesmo desnecessário a existência de um jornal escolar (Tabela 4).

Porquê?

		Frequência	Percentagem
Válido	Informar	29	30,9%
	Partilhar ideias	8	8,5%
	Interessante	18	19,1%
	Sociedade	1	1,1%
	Fundamental	7	7,4%
	Não me interessa	14	14,9%
	Não acho necessário	5	5,3%
	Outro	11	11,7%
	Total	93	98,9%
	Omisso	Sistema	1
Total		94	100,0%

Tabela 4 – Contagem das respostas dadas pelos próprios alunos sobre o porquê de quererem ou não um jornal escolar.

É importante notar que o único estudante que não justificou a sua resposta, demonstrou, contudo, interesse em ter um jornal na escola, mesmo não tendo

conhecimento do *Voz Activa* na ESJGF. É importante também salientar que vários estudantes sublinham a importância de um jornal pela sua componente informativa em relação ao que se passa nos vários setores da sociedade. Um dos alunos, por exemplo, afirma que gostava de ter um jornal para poder desenvolver as suas capacidades e ter uma ideia do que poderá ser o mercado de trabalho. O respondente é maior de idade (18 anos) e encontra-se no 12º ano de escolaridade. O reconhecimento da importância de ter um jornal escolar poderá estar também ligado às preocupações por se encontrar numa fase final do ensino obrigatório e ser um momento de decisões de vida futura importantes (ensino superior ou mercado de trabalho).

Apesar de constatarem a importância de um jornal escolar, a maioria dos alunos não pretende participar no jornal (74,5%). Contudo, 25,5% dos inquiridos pretendem fazer parte da equipa e trabalhar no desenvolvimento do *Voz Activa*. (Tabela 5). A percentagem dos 25,5% é, na sua maioria, estudantes do género feminino e na sua maioria encontram-se na faixa dos 16 anos de idade.

Gostarias de Participar no Jornal?

		Frequência	Percentagem
Válido	Sim	24	25,5%
	Não	70	74,5%
	Total	94	100,0%

Tabela 5 – Frequência e Percentagem dos estudantes inquiridos que estão interessados em participar no jornal.

93,6% dos alunos que responderam concorda que um jornal escolar digital consegue alcançar mais pessoas, devido a essa componente multimédia. Assim, parece ser necessário apostar nesta componente digital e multimédia para ajudar e motivar os alunos, quer a envolverem-se nas tarefas do jornal quer a aumentar o público leitor, desenvolvendo as capacidades de leitura e de escrita de todos. Com essa possível componente digital, o inquérito avaliou também o interesse e conhecimento do formato *podcast*, não esquecendo o facto de a ESJGF ter, já há algum tempo, um *Clube de Rádio* (Fig. 5), que podia ser aproveitado e produzir o conteúdo de som do jornal.



Fig. 5 – Instalações do clube de rádio. Fotografia de Joana Silva.

Sendo o *podcasting* uma ação de publicação de ficheiros multimédia na internet, este formato pode ser utilizado para seguir a informação noticiosa, e foi neste sentido que se tentou avaliar o grau de conhecimento dos alunos sobre *podcast*. A totalidade dos inquiridos confirmaram saber o que é um *podcast*. Assim, à pergunta sobre a pertinência da existência de um *podcast* com o jornal digital (Tabela 6), a ideia foi vista de bom grado, recebendo uma maioria de respostas positivas de 84,0%.

**Achas que um jornal escolar digital
pode incluir um *podcast*?**

		Frequência	Percentagem
Válido	Sim	79	84,0%
	Não	15	16,0%
	Total	94	100,0%

Tabela 6 – Frequência e Percentagem dos alunos que acham que é positivo a inclusão de um *Podcast* no jornal escolar digital.

Os alunos acham benéfico a associação do *podcast* ao jornal escolar porque (26,8%) acham que dessa forma iria conseguir alcançar ainda mais pessoas e iria haver a possibilidade de obter uma componente dinâmica (14,9%). Uma parte dos educandos confirma que seria interessante esta ligação (10,6%) e 9,6% dos inquiridos confirmam que esta combinação ajudaria a existência de um lugar de debate. 16,0% que não acham que seria interessante e 7,4% acha que pouca gente ia ouvir, devido às atividades letivas. (tabela 7).

		Porquê?	
		Frequência	Percentagem
Válido	Interessante	10	10,6%
	Alcançar mais pessoas	25	26,6%
	Tem lugar para debate e opinião	9	9,6%
	Dinâmico	14	14,9%
	Divertido	6	6,4%
	Simple e fácil	3	3,2%
	Inovar	1	1,1%
	Pouca gente ia ouvir	7	7,4%
	Estranho / Secante	1	1,1%
	Outro	15	16,0%
	Total	91	96,8%
	Omisso	Sistema	3
Total		94	100,0%

Tabela 7 – Contabilização das respostas sobre a inclusão do *Podcast* num Jornal Digital.

Uma outra componente importante em qualquer projeto digital é a fotografia e as potencialidades e plasticidade da fotografia. Como podemos ver no gráfico 1, a esmagadora maioria (98,9%) dos estudantes revela que a fotografia devia ter um espaço próprio no jornal, não apenas como acessório dos artigos escritos, mas como elemento principal da história ou podendo ser a imagem a própria história. Assim, fica demonstrado o entusiasmo em relação à existência de uma dinâmica visual no jornal escolar. Neste

sentido, é possível também, por exemplo, contar com a colaboração do *Clube de Fotografia*, já com instalações da ESJGF (Fig. 6).

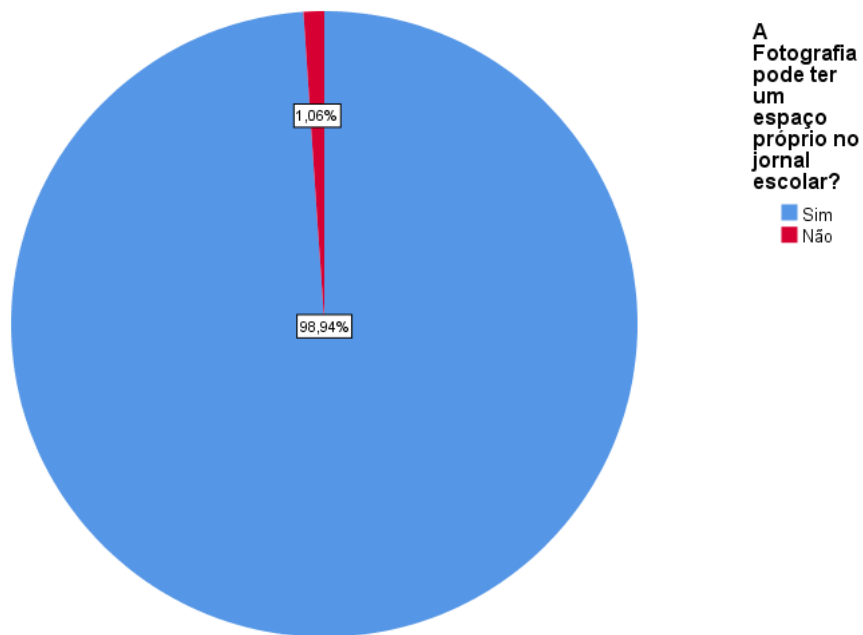


Gráfico 1 – Gráfico relacionado com a importância da fotografia e da existência de um espaço próprio para o jornal escolar.



Fig. 6 – Salas do Clube de Fotografia. Fotografia de Joana Silva.

Dar nota de que houve um único estudante que afirmou que não achava necessário que houvesse espaço próprio para a fotografia no jornal, o que significa que a maioria reconhecesse o valor da imagem, fotografia ou ilustração na informação, e a importância da linguagem visual na comunicação de um jornal escolar.

No final do questionário pediu-se a cada um dos alunos que descrevesse em três palavras o seu jornal ideal. Para compreender melhor e analisar os dados obtidos, dividiram-se as palavras em três tópicos, para verificar as diferentes preferências. Dar nota de que esta última pergunta não foi respondida por todos – havendo dois alunos que não forneceram qualquer tipo de palavra para descrever o jornal ideal, e apenas 82 estudantes (87,2%) disponibilizaram as três palavras.

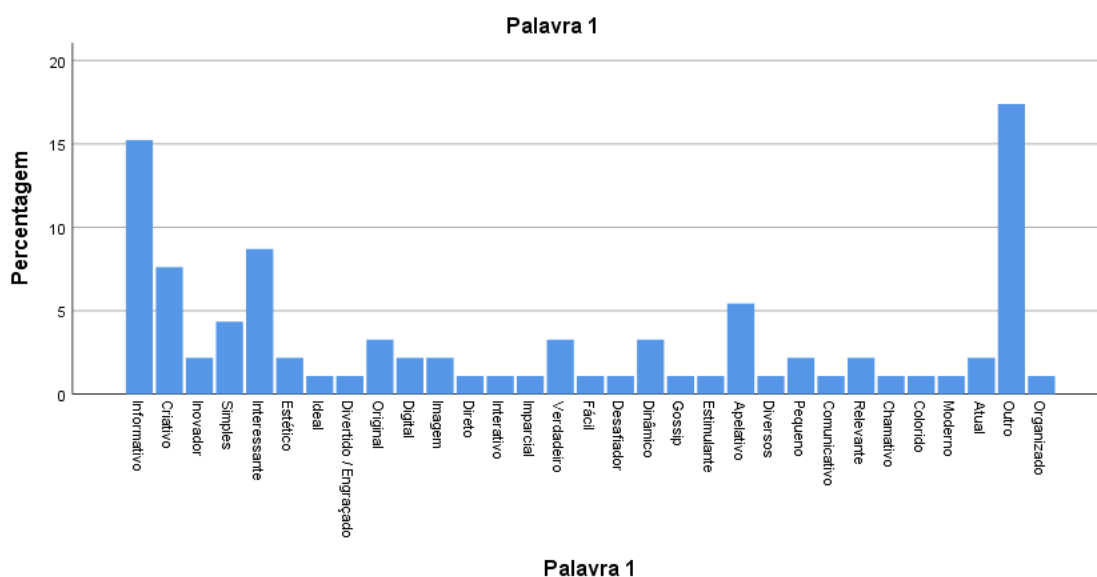


Gráfico 2 – Gráfico com a escolha da primeira palavra a definir o jornal ideal.

Na primeira palavra (Gráfico 2) a maioria tem preferência pela palavra “informativo” (14,9%), “interessante” (8,5%) e “criativo” (7,4%). Dar nota que os 17% apresentados em “outro” são uma série de palavras que foram escolhidas apenas uma vez por um dos alunos. No entanto, as palavras escolhidas mostram uma preocupação para que o jornal seja informativo.

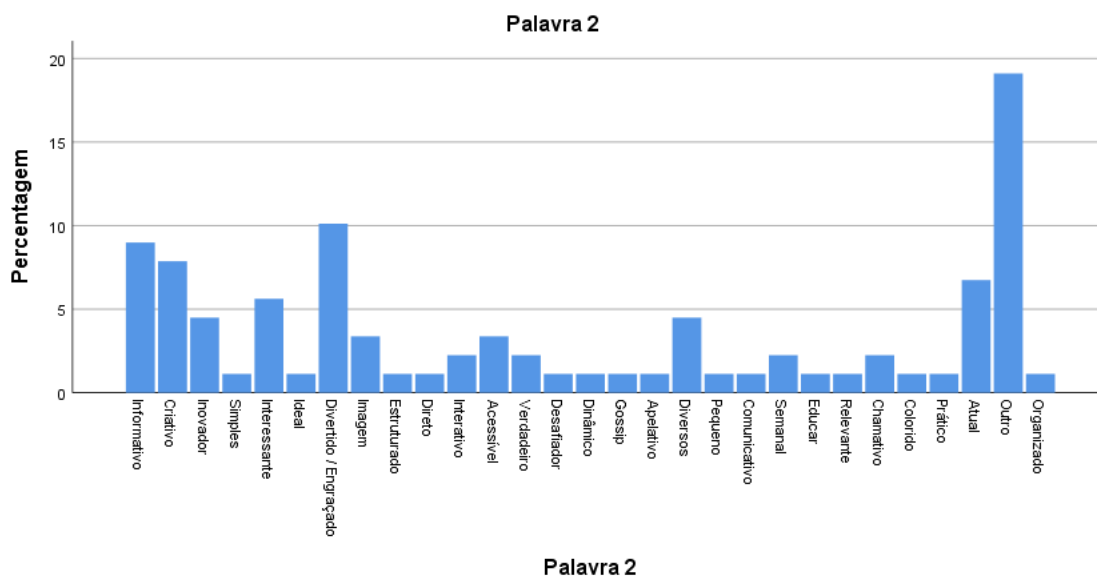


Gráfico 3 - Gráfico com a escolha da segunda palavra a definir o jornal ideal.

Na segunda palavra (Gráfico 3) refere-se que o jornal deve ser “divertido” / “engraçado” (9,6%), novamente “informativo” (8,5%), e “criativo” (7,4%) e que fosse “atual” (6,4%). Além disso, 18,1% em “outro” são palavras que apenas foram escolhidas uma vez por um estudante, continuando a prevalecer palavras que reforçam a ideia de ser informativo. Nesta segunda palavra pode-se notar que os alunos pretendem algo menos sério que consiga puxar pela criatividade.

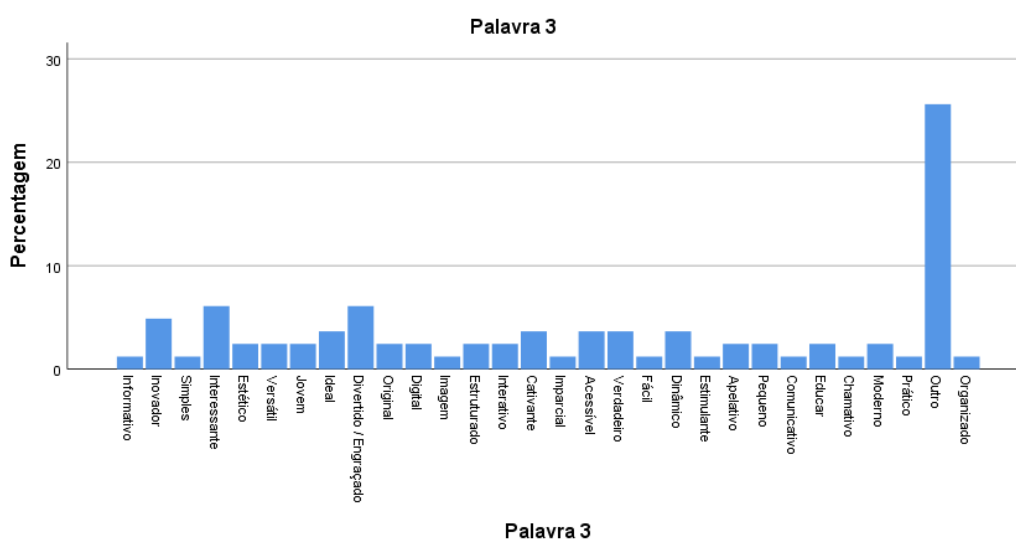


Gráfico 4 - Gráfico com a escolha da segunda palavra a definir o jornal ideal.

Por fim, na terceira palavra, como podemos observar no gráfico 4, como já referido anteriormente, apenas 82 estudantes inseriram a terceira palavra. Neste caso, a maioria dos inquiridos queriam um jornal “interessante” (5,3%), “engraçado” e “divertido” (5,3%) e que fosse “inovador” (4,3%), sendo que 22,3% se foca noutros conceitos que pertencem a uma componente mais dinâmica e original sobre o que poderá ser o jornal escolar, como por exemplo “confrontos”, “plural” ou “produtivo”. Nesta terceira palavra a questão informativa foi posta de lado, uma vez que, por exemplo, apenas um estudante escolheu “informativa” – palavra que tinha sido das mais votadas como primeira e segunda palavra.

Para as duas primeiras palavras, os jovens parecem ter-se focado nos princípios do jornalismo (“informativa” e “interessante”), destacando na terceira palavra a componente criativa, para que a questão da originalidade não fosse esquecida no novo formato do jornal – e como foi referido pelas próprias professoras: o jornal precisa de “evoluir”.

Com a análise das respostas ao inquérito, é possível observar aspetos importantes para os alunos e pensar nas melhores opções para produzir o novo formato do jornal escolar *Voz Activa*.

Apesar de a maioria dos alunos não querer participar no jornal escolar que a ESJFG possa produzir, a maioria dos estudantes reconhece interessantes e potencialidades de um jornal na comunidade escolar, devido à importância de maior circulação de informação. Neste sentido, os alunos concordam que o jornal digital conseguirá chegar a um maior número de leitores e que a ligação entre o som da Rádio/do *podcast* e o *Voz Activa* pode ser muito aliciente e dinâmico, uma vez que os estudantes poderão, por exemplo, encontrar aí um espaço para conversa e debate, ou até descobrir outras formas de narrar histórias. Concluindo, a existência do jornal escolar *Voz Activa* em plataforma digital, e a sua ligação possível a outros Clubes já existentes, parece ser um caminho interessante de dinamização da vida de toda a comunidade escolar, nas suas variadas variantes, particularmente após o período de rutura de encontros.

CAPÍTULO III | O JORNAL ESCOLAR DIGITAL

A partir dos dados obtidos nos inquéritos aos alunos da Escola Secundária José Gomes Ferreira e nas entrevistas a alguns dos professores responsáveis pelo Jornal *Voz Activa*, foi desenvolvida a ideia para reformular o jornal, no âmbito de uma plataforma digital. A parceria estabelecida entre o projeto Academia de Leitura do Mundo e a ESJGF possibilitou a idealização de um projeto para o jornal, que investe nas competências mediáticas dos alunos. A ativação deste tipo de projetos de jornais escolares funciona também como apostas no desenvolvimento de aptidões que ajudam a ler o mundo de forma mais crítica e segura, oferecendo um enriquecimento de literacia mediática e das competências comunicacionais a toda a comunidade escolar.

Neste capítulo apresenta-se a proposta daquele que será o número 0 do jornal *Voz Activa* digital. Inicialmente serão focados os artigos criados pelos alunos do 11.º 7.ª de Humanidades da ESJGF, que resultaram das atividades da agenda da Academia de Leitura do Mundo, ano letivo 2020/2021, e que farão parte desse número experimental. Posteriormente será apresentada a estrutura do jornal digital e, por fim, serão apresentadas a identidade gráfica e a proposta de comunicação do *Voz Activa*, uma vez que um dos objetivos da escola é a projeção e divulgação dos projetos existentes.

1. Artigos para o Jornal

Para a construção do protótipo do *Voz Activa* digital, no âmbito da Academia de Leitura do Mundo, os alunos da Escola Secundária José Gomes Ferreira foram desafiados a colaborar na produção de vários trabalhos jornalísticos, em parceria com os alunos finalistas do curso de licenciatura em jornalismo. As seis peças aqui apresentadas foram selecionadas pelo seu interesse informativo e criatividade, ao nível da linguagem multimédia necessária à proposta para o jornal digital. Todas as histórias elaboradas pelas equipas dos alunos, com o apoio e contribuição de docentes da Escola Secundária e ESCS, especialistas em comunicação e jornalismo, sempre com o cuidado de adaptar as regras de rigor jornalístico à realidade da comunidade escolar.

Neste sentido, os trabalhos foram desenvolvidos sobre diferentes temáticas, que partiram das histórias individuais, diretas ou indiretas, dos alunos do secundário e que permitiram a todos os participantes, não só, fazer parte de um trabalho de fundo articulado em equipa (os grupos eram constituídos por três alunos do ensino superior e um/dois alunos do ensino secundário), como também, o contacto com o trabalho jornalístico de pesquisa e rigor dos seus colegas mais velhos, monitorizado sempre pelos professores.

1.1 *Baltazar*⁴

"SOU UM BOÉMIO TRISTE COM UM SENTIDO DE HUMOR
QUESTIONÁVEL"

Baltazar, 2021

Esta peça jornalística em formato de perfil conta a história de Baltazar, um dos próprios estudantes da turma de 11º ano, que se torna aqui personagem principal da história desta equipa e que se define como um boémio triste, ou seja, uma personagem contraditória logo à partida. O trabalho, que se divide em cinco partes, começa com uma fotografia do próprio aluno ao lado da estátua de Fernando Pessoa, no café Brasileira, no Largo de Camões, em Lisboa. Esta imagem introduz também a componente histórico-literária que se desenvolve ao longo do texto.

A equipa responsável pela história começa o trabalho por reforçar uma das palavras importantes para Baltazar: a liberdade. Esta palavra faz a ligação para aquele que é um dos seus hobbies favoritos: os pássaros. Para Baltazar, os pássaros conseguem materializar a aliciante ideia de voar, reforçando a noção de liberdade. A explicação para

⁴ Nota: para ler o perfil na íntegra é possível aceder a <https://beatrizm621.wixsite.com/baltazar/a-brasileira> [consultado em outubro 22, 2021]

este interesse pelos pássaros é depois explicada pelo facto de os pais de Baltazar lhe fomentarem o gosto pelas coisas não materiais, levando-o constantemente a sair de casa só para observar pássaros, por exemplo.

A importância dada à observação é semelhante à que é dada à formação e a outro gosto de Baltazar: a literatura. Baltazar afirma ser “escritor antes de ser leitor” (*ibidem*). A escrita tornou-se um vício – algo quase compulsivo, espontâneo e irreverente. Nesta linha, a peça partilha um dos poemas de Baltazar, com um pequeno áudio do aluno a narrar e a explicar aquilo que escreveu – trazendo a componente de som também para o perfil. No entanto, a questão da escrita e da ambição de ser escritor e depois leitor faz com que o estudante admita e ache que lhe falta experiência e uma “outra visão das coisas” (*ibidem*) e, como tal, grande parte do que escreve não sai dos rascunhos.

Baltazar afirma que o ato de escrever é um trabalho de eternizar as palavras e lhe permite alimentar todos os seus ecléticos gostos de literatura: Lord Byron, Maria Filomena Mónica e Tolstói são alguns dos autores referidos e cujas histórias são vividas com entusiasmo por Baltazar.

Para ilustrar as várias narrativas da sua história pessoal, é construído um roteiro histórico-literário, que nos leva, inicialmente, até ao Jardim da Estrela: o seu escape dentro da cidade de Lisboa.

Eu acho que as pessoas hoje em dia não conhecem o significado da palavra romântico. Falo de Romantismo, do que era o ser romântico e não o que é ser romântico. E acho eu este espaço consegue conservar essa aura. A meu ver é, talvez, o último oásis do Romantismo em Lisboa.

Ibidem

Baltazar acaba por discutir o conceito de romantismo quando fala do seu antepassado, José Cardoso Vieira de Castro e o tipo pentavô de Baltazar introduz o tópico da Rua das Flores. Esta personalidade é importante para a cultura portuguesa uma vez que fazia parte do círculo literário de Ramalho Ortigão, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco. A amizade com Eça de Queirós explica o como e o porquê de a narrativa da sua vida ter sido utilizada, talvez, como inspiração para o romance d’*A Tragédia da Rua das Flores*. Depois da Rua das Flores, Baltazar leva-nos para a Praça do Município, onde explica o seu apoio pela monarquia: “Nas palavras de Fernando Pessoa «a I República foi uma orgia lenta de bandidos estúpidos». E eu devo dizer que concordo com ele. Eis algo que

nos aproxima, ambos somos monárquicos. Deve ser uma coisa de poetas...” (*ibidem*). Para ele, não se pode comparar 700 anos de monarquia com 100 de República.

A referência de Fernando Pessoa, na sua opção política monárquica, leva-nos para o último local do roteiro de Baltazar: a Brasileira. Na Brasileira, local onde esta história começa, com a fotografia do aluno ao lado da estátua do poeta, Baltazar volta à ideia de ser um boémio “fascinado pelas noites do Bairro Alto” (*ibidem*), mas também, “um eremita que encontra em casa a tranquilidade” (*ibidem*).

A sua vida acaba por ser como um livro e Baltazar afirma estar na terceira fase – a parte em que volta a evocar o conceito de liberdade.

1.2 Máscara²: Como o teatro escolar se adaptou à pandemia⁵

Máscara² divide-se em dois grandes momentos, sendo o primeiro as restrições da Covid-19 ao teatro escolar da ESJGF e os obstáculos superados pela clube de teatro e sendo o segundo as curiosidades sobre o teatro que possam ser relevantes para o público. Em ambos os casos, este trabalho feito pela equipa responsável pela história fortalece a ideia do digital utilizando essencialmente vídeos e imagens ao longo do trabalho.

O título desta peça jornalística traz, desde logo, a ideia do teatro em tempos de pandemia: os atores que sempre colocaram a sua máscara para interpretar um papel em cima de um palco, agora teriam de colocar uma outra, agora visível devido à pandemia, para que o espetáculo pudesse acontecer.

A atividade extracurricular de teatro escolar teve várias restrições, devido à pandemia de Covid-19, mas a professora de teatro na ESJGF, Rita Martins, continuou o trabalho conseguindo ainda ter 15 alunos a integrar nas atividades. Das cinco opções para uma apresentação dadas pela professora, os alunos escolheram “ADN”, uma adaptação da peça de 2008: “Ácido Desoxirribonucleico” – um trava-línguas que foi simplificado pelo acrónimo para ser mais fácil a sua pronúncia.

Os alunos que se mantiveram no projeto viram o seu trabalho ser limitado, mais uma vez, devido aos ensaios serem feitos à distância e divididos por turnos, de acordo com as divisões colocadas às turmas da secundária: “Tive de criar um horário de manhã para que os [alunos] que têm aulas à tarde, e um horário de tarde para quem tem aulas de manhã. Portanto, eles não se cruzam. Aqui começam os problemas...” (Máscara², 2021). A restrição dos horários e o pequeno espaço do teatro da ESJGF levou a que a solução fosse

⁵ Nota: para ler a peça jornalística na íntegra é possível aceder a <https://danielamferreira4.wixsite.com/my-site-7> [consultado em outubro 22, 2021]

a entrada de um parceiro para resolver o problema. O Teatro de Carnide disponibilizou o seu espaço para os ensaios do grupo e a partir desse momento, os estudantes começaram a ensaiar todos juntos no edifício, aos fins de semana.

A dificuldade para o trabalho final, em junho de 2021, seriam as máscaras. Dado que a não utilização da máscara estava ainda fora de questão, a solução seria utilizar máscaras transparentes para existir uma interação mínima com o público, e assim seria possível ver as caras dos alunos em cima do palco.

No final do artigo, conseguem apresentar cinco curiosidades, exemplificadas através de vídeo e imagem, sobre algumas técnicas importantes para trabalhar numa peça de teatro: desde a imaginação, concentração até à colocação de voz e à capacidade de memorizar textos.

A peça sobre a temática do *bullying* iria estrear e estar em palco, nos dias 19 e 20 de junho de 2021, no entanto um contacto positivo com covid-19 levou a que a peça fosse adiada para uma data posterior.

1.3. *Saltatio: É tudo uma questão de vida?*⁶

O conceito “saltatio”, proveniente do latim, refere-se a uma atividade que tende a aumentar o ritmo do coração como acontece, por exemplo, na dança. O trabalho, que se divide em quatro partes, reforça esta atividade extracurricular da EJGF valorizando, através de um áudio, produzido por um conjunto de alunos, é possível descrever a dança como uma atividade que é capaz de transmitir emoções, sentimentos, conhecimentos, valores e atitudes através dos movimentos e da linguagem corporal. Além disso, desenvolve-se a criatividade, o raciocínio e também a curiosidade. Segundo as alunas que participam nesta reportagem sobre a dança, é possível ganhar confiança e autoestima com esta prática desportiva.

Esta atividade desportiva está prevista pela tutela nas modalidades propostas para as disciplinas extracurriculares, uma vez que faz parte do plano *Desporto Escolar*. João Paulo Rebelo, Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, que se disponibilizou para dar uma entrevista para esta reportagem, defende que a “prática de desporto favorece não só a saúde, mas até o próprio rendimento académico e ajuda a prevenir o abandono escolar” (Saltatio, 2021).

⁶ Nota: para ler a peça jornalística na íntegra é possível aceder a <https://figueiredogolo.wixsite.com/saltatio> [consultado em outubro 22, 2021]

Os Jacarés são o grupo de dança da ESJGF já há 20 anos, e os elementos deste grupo são reconhecidos pelos prémios obtidos nas competições nacionais, e também pela originalidade das coreografias, por exemplo, inspiradas no filme “A Noiva Cadáver”. Além dos Jacarés, existem mais dois grupos de dança na ESJGF. Os Gatos, que foram criados há 10 anos, e os Esquilos – estes dois grupos foram constituídos, sobretudo, para separar os alunos mais novos dos mais velhos, uma vez que os Jacarés se focam nas competições regionais e nacionais.

A professora Margarida Cunha é quem os acompanha desde há muito. É professora há 37 anos e ajuda os alunos sob a premissa de os ajudar a libertar e motivar, pois considera a dança um espaço inclusivo para aprender diferentes estilos, sem deixar ninguém de fora: “Não é apenas o meu cunho pessoal. É deixar os outros existir” (*ibidem*).

Para abordar a componente da liberdade na dança é relatada a história da Diana, uma aluna da ESJGF de 17 anos. Desde criança que sempre participou em atividades desportivas relacionadas com a dança, começando pelo ballet e, mais tarde, na dança escolar, integrando os Gatos e posteriormente os Jacarés. Um dos seus melhores momentos foi a vitória do grupo na competição regional. No entanto, uma lesão no joelho levou Diana a mudar as perspetivas que tinha na sua vida com a dança: “Foi a sensação de me tirarem algo que é importante e que faz parte da minha vida. Foi como se me tivessem tirado um amigo especial” (*ibidem*).

Apesar da sua lesão, a aluna recusou-se a sair dos Jacarés, escolhendo ficar no grupo como assistente da professora Margarida. Contudo as mudanças pareciam não ter fim e, com a pandemia de Covid-19, mais alterações se avizinhavam, nomeadamente o cancelamento das competições e alterações no formato dos ensaios. Além disso, a professora Margarida teve de se afastar da chefia dos grupos de dança, sendo substituída pelo professor Válder Veiga. Apesar de a sua função ser a de liderar, o docente, também entrevistado para a reportagem, compreende que o grupo tem uma aliança única e que consegue trabalhar bem sozinho. Segundo os testemunhos recolhidos pela equipa de reportagem, apesar das restrições, os Jacarés parecem não pretender ficar de braços cruzados: afirmam que continuarão a trabalhar, porque a sua paixão pela dança é muito forte.

1.4 Pelos bastidores das redações⁷

Sabia o que era ser jornalista, mas não sabia o que é que um jornalista fazia.

(Pelos bastidores das redações, 2021)

A próxima reportagem conta a história de Maria, aluna de 11º ano, que quer ser jornalista. Aproveitando a oportunidade de poder acompanhar alunas finalistas de jornalismo e os seus contactos privilegiados na área, a reportagem levou Maria à descoberta dos bastidores do jornalismo através da visita a vários meios de comunicação social e entrevistas experientes e jovens jornalistas. O trabalho dividido em seis partes, correspondendo a um jornalista entrevistado, ajudam, desta forma, a aluna, e os leitores desta reportagem a ganhar oportunidade de perceber melhor o que é o jornalismo, o valor da profissão do jornalista e da importância da própria literacia mediática.

Na sede da RTP, Maria teve a oportunidade de conhecer Frederico Moreno – um jovem jornalista e editor da equipa da manhã da Rádio Antena 1. O ex aluno da ESCS afirma que o horário da manhã é dos mais ouvidos na rádio e há que aproveitar esta oportunidade, uma vez que não existe “notícias iguais” no jornalismo. Sempre com a premissa de informar os ouvintes, Moreno lembra que um “bom jornalista é alguém que gosta verdadeiramente disto, porque é difícil fazer jornalismo de qualidade se nós não estivermos verdadeiramente empenhados” (*ibidem*). A pandemia da Covid-19 veio fortalecer esta ideia do empenho: quando tudo começou eram demasiadas notícias e era mesmo necessário estar constantemente dedicado ao que se passava e fazer um esforço para estar constantemente atualizado.

Ainda na Antena 1, Maria teve a oportunidade de falar com uma ex-aluna da ESCS, a jovem estagiária Inês Martins, que está na estação de rádio desde o início de 2021. A jovem jornalista sempre gostou da componente de rádio por ser ouvida pelas pessoas. Inês Martins afirma a importância de ter cuidado com a redação de uma notícia, especialmente na rádio – é preciso captar as informações mais importantes, mesmo em peças de um minuto e meio. A aluna Maria, enquanto falava com Inês Martins, teve ainda a oportunidade de assistir a uma demonstração do equipamento audiovisual utilizado (vídeo integrado no artigo).

⁷ Nota: para ler no artigo na íntegra é possível aceder a <https://marianasofiaportfo.wixsite.com/website> [consultado em outubro 22, 2021]

Paulo Sérgio, jornalista e diretor adjunto da Antena 1, lembra a importância do jornalismo para uma sociedade saudável e defende que “não há democracia sem jornalismo, nem pouco mais ou menos” (*ibidem*). O jornalismo é uma indústria criativa, no entanto é importante não esquecer a seleção de notícias que é feita com critério de noticiabilidade: “Não há perguntas estúpidas nem difíceis. Há é respostas muito complicadas de dar” (*ibidem*).

Já no jornal *Público*, Maria teve a oportunidade de falar com Teresa Abecasis, jornalista premiada (Prémio Fernando de Sousa em 2019 e Prémio Gazeta Multimédia em 2016), que afirma ver o jornalismo como um sinónimo de responsabilidade social e de verdade, porque nunca deixa de influenciar a visão que o público tem do mundo. Neste sentido, é importante não esquecer os riscos que se correm quando: “para o online, às vezes, há a tentação de publicar as coisas com mais pressa, fazer menos pesquisa” (*ibidem*). Apesar de o jornalismo estar a enfrentar grandes desafios, uma das oportunidades para reverter a situação é a abertura de caminho de leitura para os mais novos e apostar na atualidade do que se passa ao nosso redor.

Ruben Martins, ex-aluno da ESCS, é jornalista no jornal *Público* e trabalha com *podcasts*, manchetes e atualizações online, alimentando os conteúdos mais dinâmicos do mundo do jornalismo. A pandemia da Covid-19 trouxe-lhe novas experiências e desafios, especialmente através da necessidade de montar uma redação na sua própria casa. Com as novas condições de trabalho, Ruben Martins fala sobre vários efeitos sentidos devido do confinamento.

Através da sua experiência jornalística, verificou como o online se tornou uma constante no mundo dos jornalistas, trazendo à superfície o sério debate sobre as *notícias falsas* e a contrainformação nas redes sociais da internet - face à dificuldade de filtrar o que é verdadeiro do que não é – uma das funções nobres do jornalista.

Ao comunicar com vários jornalistas e com os bastidores do mundo mediático português, Maria percebe, assim, melhor o que significa ser jornalista, as suas funções e um futuro que ela poderá pensar em construir.

1.5. *A dança, o medo e a incerteza: Um olhar sobre as cicatrizes que a pandemia tem deixado nos adolescentes e a dança como refúgio para uma jovem de 16 anos*⁸

O ângulo desta reportagem sobre a dança, que se divide em quatro partes e envolve a escrita com fotografias e vídeos, trata a saúde mental dos jovens e da geração Z. Constata-se um aumento de casos de ansiedade e depressão, o que parece ter um impacto a curto e a longo prazo na vida dos jovens.

Margarida dos Anjos, uma aluna de 16 anos da ESJGF, criou várias estratégias para gerir as suas emoções e manter o equilíbrio da sua saúde mental. No primeiro confinamento (para ela o pior deles todos), a aluna sentiu-se desmotivada e desorganizada. De repente Margarida isolou-se do grupo de amigos devido ao confinamento e a aprendizagem e os resultados académicos pioraram devido aos horários irregulares e incertos. As suas rotinas foram quebradas e graças ao autoisolamento a sua ansiedade aumentou. A mãe, Rita Neves, foi apanhada de surpresa quando tomou consciência de como se sentia a sua filha. Meses antes, Margarida era uma jovem tímida mas bem-disposta e ativa; com o confinamento tornou-se fechada, deprimida e tinha bastantes dificuldades em gerir a distância dos amigos e da família. Ponderou-se o recurso a um psicólogo, mas a mãe Rita Neves achou que a chegada do verão de 2020 traria melhoras para a sua filha.

De acordo com a reportagem, os jovens recorrem, cada vez mais, a psicólogos ou a psiquiatras depois do início do período pandémico. Inês Vidigal, psicóloga da ESJGF, afirma que na “maioria dos casos, os problemas não surgiram agora com a pandemia. São jovens que já tinham um histórico de problemas de saúde mental, conflitos familiares ou outras fragilidades mentais e que foram muitíssimo agravados neste contexto” (A dança, o medo e a incerteza, 2021): a pandemia tornou-se um gatilho para que os problemas se expusessem.

Com o segundo confinamento, em janeiro de 2021, Margarida tinha receio do que podia acontecer, no entanto, sentiu um menor impacto emocional devido a uma melhor organização das aulas à distância, e por haver mais trabalhos de grupo, que reforçaram o contacto entre os colegas.

Além da organização da escola, Margarida sentiu que a prática da dança voltou a ser o seu refúgio - algo que com o confinamento tinha sido complicado de manter, porque os

⁸ Nota: para ler a reportagem na íntegra é possível aceder a <https://anacatarinabarreiros.wixsite.com/geracaomedoincerteza> [consultado em outubro 22, 2021]

ensaios eram feitos à distância. Porém, ela nunca pensou em parar: “A dança é uma forma de ficar num mundo só meu, dentro de uma espécie de bolha. Perco horas a pensar em coreografias e acabo por não pensar tanto noutras situações e na pandemia. É uma forma de não sofrer” (*ibidem*). Tornou-se uma forma de se abstrair do que a rodeava, em especial depois da perda da avó - um grande impacto emocional para esta jovem, como reconhece na reportagem.

A psicóloga Inês Vidigal confirma que existe uma boa ligação entre o bem-estar psicológico e a prática do desporto. Assim as atividades extracurriculares tendem a funcionar para que os alunos se abstraíam daquilo que os rodeia e reforçar os seus recursos para enfrentar algum impacto emocional negativo.

Apesar de a Professora de dança, Margarida Cunha ter deixado de dar aulas, e de ter sido substituída por um outro professor, a paixão da aluna Margarida persistiu e ajudou-a manter-se focada nos seus objetivos. A dança conseguiu evitar que Margarida se isolasse novamente, de acordo com a própria. As experiências mais colaborativas e artísticas foram algo que a aluna sentiu que perdeu, desde março de 2020, e que no final acabou por causar um aumento da sua ansiedade aliado ao medo de FUMO: *Fear of Missing Out*.

1.6. Bataclan⁹

“Ele dançava muito bem, chamou-me logo à atenção”

Bataclan, 2021

A última reportagem, através de vídeo e de som, conta uma história de amor, entre Aurora e António Pinto, iniciada há 50 anos, num dos locais mais emblemáticos de Paris e que, atualmente, está na memória de muitos como um palco de terror: *Le Bataclan*.

Aurora tinha 16 anos quando se mudou para França com a família na década de 60. Portugal estava sob o domínio do Estado Novo, e o novo tempo de lazer e liberdade em Paris era passado no *Le Bataclan*: “A sala era enorme. Era mais ou menos um coliseu. Havia uma espécie de varandas e quem não queria dançar podia ir lá para cima...” (*ibidem*).

Foi com 18 anos que os seus olhos se cruzaram com os de António Pinto - o seu grande amor, afirma. Os dois afirmam ter sido amor à primeira dança e oito meses depois

⁹ Nota: para ler a reportagem na íntegra é possível aceder a <https://michellecoelhob.wixsite.com/bataclan> [consultado em outubro 22, 2021]

já estavam casados. Passados 50 anos juntos, com três filhos e quatro netos, o casal continua feliz e apaixonado.

Apesar da grande história de amor do casal se ter iniciado no Bataclan, a 13 de novembro de 2015, este espaço tornou-se no palco de um sangrento atentado, com três terroristas a matarem 89 pessoas. O acontecimento chocou várias gerações incluindo a de Aurora:

Eu chorei quando vimos aquelas imagens. Lembrei-me logo dos tempos que passámos lá. Mesmo depois de nos conhecermos ainda fomos lá muitas vezes e muitas vezes, porque era muito agradável. Fiquei chocada, chocadíssima. Na altura em que estavam a dar as notícias, eu corria logo para ver.

Ibidem

Ana, aluna da ESJGF, é neta de Aurora e António e nunca tinha ouvido falar da história dos avós, até à data da entrevista para esta reportagem. Quando os atentados se deram tinha 10 anos e lembra-se do receio que sentiu.

Eva, colega de turma de Ana, vê também as suas raízes em França com os seus avós maternos. Tinha 11 anos quando soube dos ataques (não apenas do Bataclan, como das explosões no estádio e os disparos nos cafés), e a sua preocupação com quem estava em terras francesas foi imediata.

O medo que assolou o Bataclan e que se estendeu por toda a Europa deixou marcas em várias gerações. Desde Ana e Eva, ligadas a França por raízes familiares, a Aurora e António Pinto, cuja memória amarga dos atentados não apaga o início daquela que foi a sua história de amor.

Ibidem

2. Proposta para o jornal escolar

Depois de ter sido feito o levantamento de todas as informações os dados que achámos relevantes para a composição da proposta digital do *Voz Activa* digital, o desenho da estrutura do jornal tentará apresentar um equilíbrio entre as escolhas dos alunos, que partilharam durante o inquérito, o que foi sugerido pelos professores e os conteúdos dos trabalhos produzidos pelas equipas de reportagem da Academia.

Tendo como público-alvo não só os alunos da ESJGF como toda a comunidade escolar do Agrupamento de Escolas de Benfica, esta proposta digital do jornal escolar *Voz Activa* pretende contribuir para a criação de um espaço comunicacional e informativo que permita desenvolver competências críticas, competências de autorregulação informativa e aptidões comunicativas.

Antes de se apresentar o projeto em pormenor, e para que seja mais fácil de compreender a organização esquemática, a proposta da primeira página do jornal digital encontra-se representada, não só, na figura 7 e no exercício digital, disponível online (<https://joanacamericano.wixsite.com/vozactiva>) :

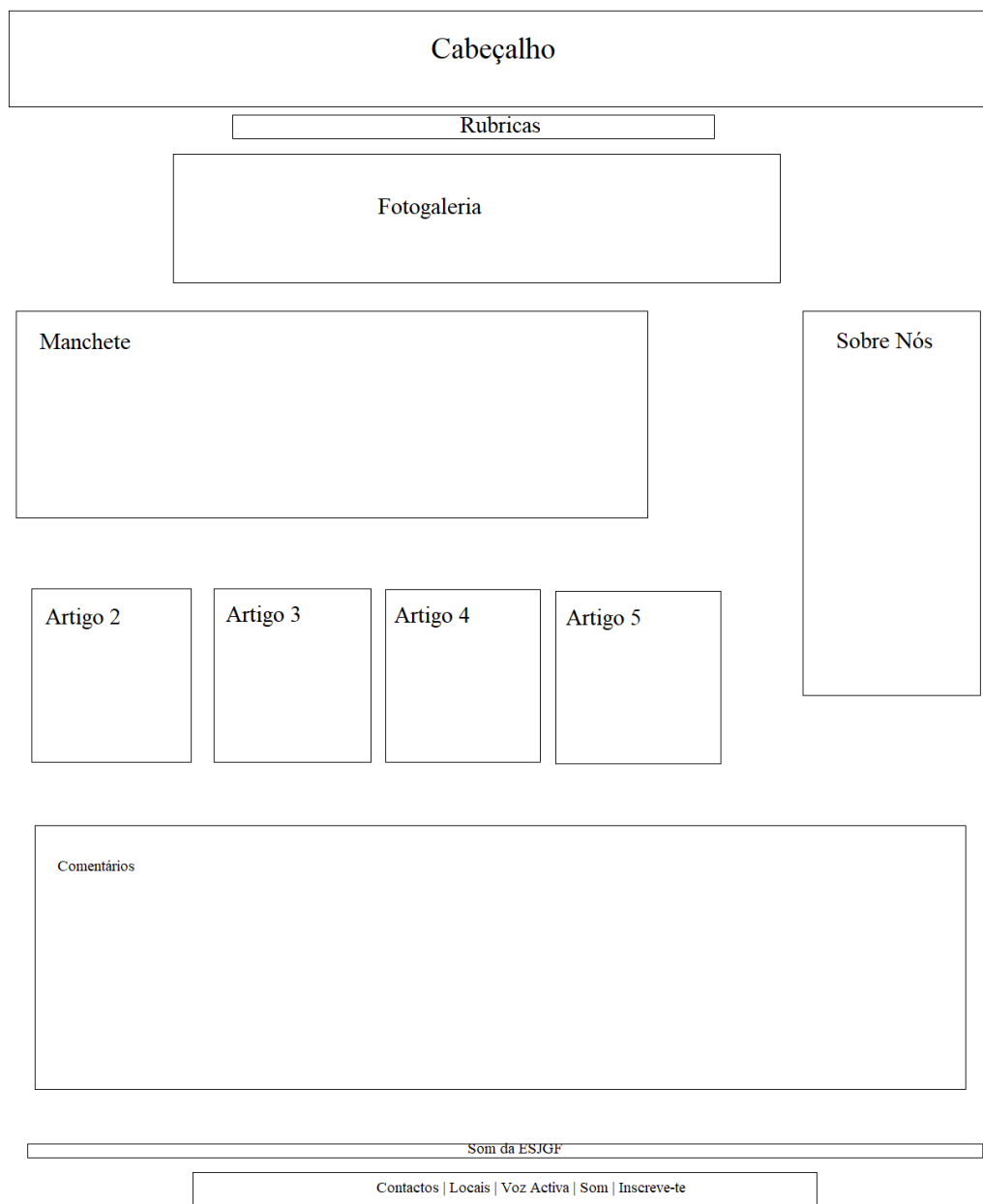


Fig. 7 – Esquema da página principal do jornal escolar digital.

O fundo branco ajuda a captar mais as cores que forem trabalhadas à sua volta, como nos ícones laterais, no cabeçalho ou nos artigos apresentados e até na fotogaleria. O branco é uma cor que relembra o papel e transmite alguma harmonia no texto adquirindo um sentido de organização geral dos conteúdos. A ideia de uma tela em branco pode estimular até a criatividade e a originalidade dos alunos em diferentes parâmetros como o cabeçalho, secções de jornal, entre outros aspetos.

Em todo o jornal haverá barras laterais à direita. Uma delas será o espaço “Sobre Nós” que apresenta, de forma breve, os motivos que levam ao desenvolvimento do jornal

escolar digital. É importante que a mensagem do jornal passe no pequeno texto de apresentação e não apenas através das peças jornalísticas que são partilhadas ao longo do mesmo. Neste mesmo âmbito, como fotografia de perfil podem ser colocadas as letras que têm um local de destaque no logótipo completo: “V”, “A” e “J” (Fig. 8)

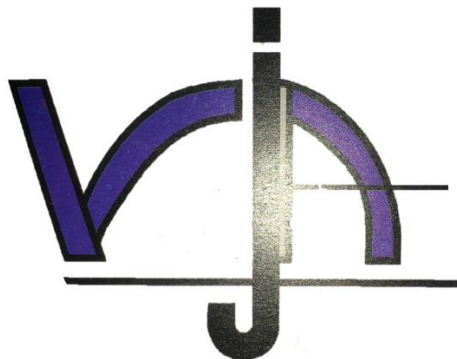


Fig. 8 – Logótipo abreviado do original contendo apenas as letras de destaque.

Logo abaixo seria pertinente colocar na barra da direita um pequeno arquivo anual. Todos os meses e ano estariam numa cor quase a cinzento e, mais tarde, o mês em que teria artigos publicados ficariam a preto e a negrito. Assim, conseguir-se-á identificar mais facilmente os arquivos mensais (ANEXO B – Fig. 22).

2.1. Cabeçalho

O cabeçalho do *Voz Activa* seria a oportunidade ideal para criar uma ponte com a tradição: trazer o logótipo feito nas edições em papel (Fig. 9). O azul nas letras “V” e “A”, das iniciais do *Voz Activa*, pode mudar em alturas das festividades, como por exemplo, o Halloween, o Natal, o dia dos Namorados, entre outros. Contudo, a mudança da cor é inteiramente facultativa da escola – valorizando apenas a ponte entre o passado e o que pode ser o futuro do jornal escolar da ESJGF.



Fig. 9 – O logotipo criado para o jornal *Voz Activa* retirado do número 18 do jornal (janeiro de 2012). Fotografia de Joana Silva.

Para conter ainda mais personalidade, os alunos, em conjunto com a coordenação dos professores responsáveis pelo jornal, poderão arranjar um *slogan* para colocar na zona do cabeçalho de forma a que se consiga entender, desde o início, a identidade do jornal.

2.2. Secções do Jornal

As secções do jornal são um espaço dinâmico em que a criatividade e originalidade deve ditar as suas alterações, que poderão fazer a diferença no sucesso deste jornal escolar. Sugerimos aqui alguns nomes, mas parece-nos que seria interessante ouvir sugestões dos próprios alunos e professores para os títulos das secções do jornal, uma vez que devem espelhar o sentir desta comunidade da ESJGF em que o jornal está alojado e, desta forma, disponibilizar um espaço público de identidade e partilha entre todos. As secções do jornal deverão ser originais e criativas para apelar à sua leitura, contudo devem respeitar os princípios e os valores da ética jornalísticas, ou seja, não devem ser permitidos, por exemplo, designações que incitem ao ódio ou à discriminação (Sindicato dos Jornalistas, 2021).

As secções do jornal estariam alinhadas logo abaixo do cabeçalho e protegidas por uma linha de cor verde, para trazer ao jornal o verde da natureza existente em toda a escola, e oferecendo, assim, um bom contraste com o próprio azul utilizado no logótipo do jornal. Ao clicar numa das rubricas aparece a página com a lista de todos os conteúdos correspondentes, (ANEXO B – Fig. 23) por ordem do mais recente para o mais antigo.

Através dos trabalhos já feitos pelos alunos, é possível ver com alguns exemplos das secções do jornal e de como funcionaria a sua dinâmica:

A Vida do Extracurricular: secção do jornal alargada para falar das atividades extracurriculares, clubes e de projetos que acontecem ao longo de todo o ano letivo. Uma das preocupações dos alunos e professores, que se verificou nos inquéritos e entrevistas, é a importância de divulgar eventos e projetos que a escola oferece, mas que não têm grande adesão devido, muitas vezes, a não se saber da sua existência. Nesta [secção do jornal](#) as peças “*Saltatio*” e a “*Máscara*” são algumas das que podiam apresentadas aqui, pois trazem duas histórias sobre o grupo de dança e de teatro disponíveis para os alunos da escola. Neste momento, podia ser trazido para este tópico a reportagem sobre a Maria nos bastidores das redações dos meios de comunicação, no sentido de trazer informação relevante sobre o jornalismo numa altura em que se prepara o lançamento do clube de jornalismo, no ano letivo 2021/2022.

História de Gentes: a comunidade escolar é composta por várias personalidades dispostas a contar as suas histórias. Esta secção tem o propósito de trabalhar peças que chamam a atenção para a diferença que algumas personagens da sociedade atual (ou mais antiga) apresentam, mas que contribuem, de alguma forma, para diversificar e enriquecer a perspetiva dos assuntos que alunos gostam de ler ou outros que podem descobrir em perfis ou entrevistas, por exemplo “[Baltazar](#)”. Além disso, esta rubrica não precisa de estar circunscrita aos alunos, docentes e funcionários da escola também podem contar histórias que consigam chamar a atenção da comunidade escolar mais alargada, incluindo as próprias famílias dos seus alunos (“[Bataclan](#)”).

Realidades da ESJGF: dar um espaço para falar sobre a escola secundária é importante. A própria comunidade tem informação noticiosa que pode ser trabalhada e partilhada, por exemplo: as ações necessárias na biblioteca ou as adaptações das aulas online. Nesta rubrica é possível colocar o trabalho “*A dança, o medo e a incerteza*”: apesar da dança ser um ponto em comum com as atividades extracurriculares, o ângulo desta peça está focado nas alterações feitas na escola com a pandemia da Covid-19 e de como isso surtiu efeitos negativos em vários alunos.

Fotogaleria: é estabelecer a ideia de que a fotografia pode ter um local específico e que não precisa de ser algo complementar aos trabalhos jornalísticos feitos pelos alunos. Esta secção do jornal será falada com mais pormenor no ponto 2.5.

Som do Voz Activa: uma hiperligação para a inclusão do podcast do jornal para conseguir incluir a dinâmica de som. Vários alunos, em inquérito, referiram que preferiam ouvir a ler e seria uma forma de chegar a ainda mais pessoas. Além disso pode ser visto como um local de debate sobre assuntos em volta da comunidade escolar. Esta secção do jornal será falada com mais detalhe no ponto 2.6.

2.3. Artigo de Destaque

O artigo de destaque é importante, pois funciona como a primeira página do jornal. Coloca em destaque uma imagem maior de um dos artigos e consegue captar a atenção dos alunos necessária para clicar e ler mais. Na página principal, este artigo terá a imagem da peça de trabalho jornalístico selecionado como mais interessante, com o título e o texto em destaque no jornal. O artigo de destaque apresenta-se abaixo do cabeçalho e das secções do jornal devido à grelha para a fotogaleria, contudo, as imagens não se sobrepõem à importância da notícia principal, composta por imagem, título e *lead*.

Como por exemplo, escolhemos como artigo de destaque o perfil de Baltazar, que é a escolha possível, não só porque dá a conhecer a história de um aluno da escola, o que ajuda os outros colegas a aproximarem-se do jornal, mas também porque o perfil faz um curioso roteiro histórico-literário em Lisboa ligada à sua família (ANEXO B – Fig. 17).

2.4. Artigos

Na página principal, as peças jornalísticas estariam nas chamadas abaixo através de com imagens mais pequenas com o título a acompanhar. Logo após o artigo destacado com Baltazar, o primeiro trabalho podia ser “[A dança, o medo e a insegurança](#)”, trazendo diversidade com um diferente tipo de peça, como também uma outra secção do jornal em que se insere ([Realidades da ESJGF](#)). Entretanto, nos trabalhos das atividades extracurriculares, a segunda peça jornalística poderia ser o “[Máscara²](#)” seguida da reportagem sobre Maria “[Pelos Bastidores das Redações](#)”. Poderia acompanhar uma imagem da “História de Gentes” e apresentar a história de amor do “*Bataclan*”. Por fim, na última chamada, de regresso às atividades extracurriculares falamos de “[Saltatio](#)”, que explora a força dos grupos de dança, como a dos Jacarés (ANEXO B – Fig. 17). Quando se clica na chamada para ler o artigo pretendido, a página abre-se na totalidade:

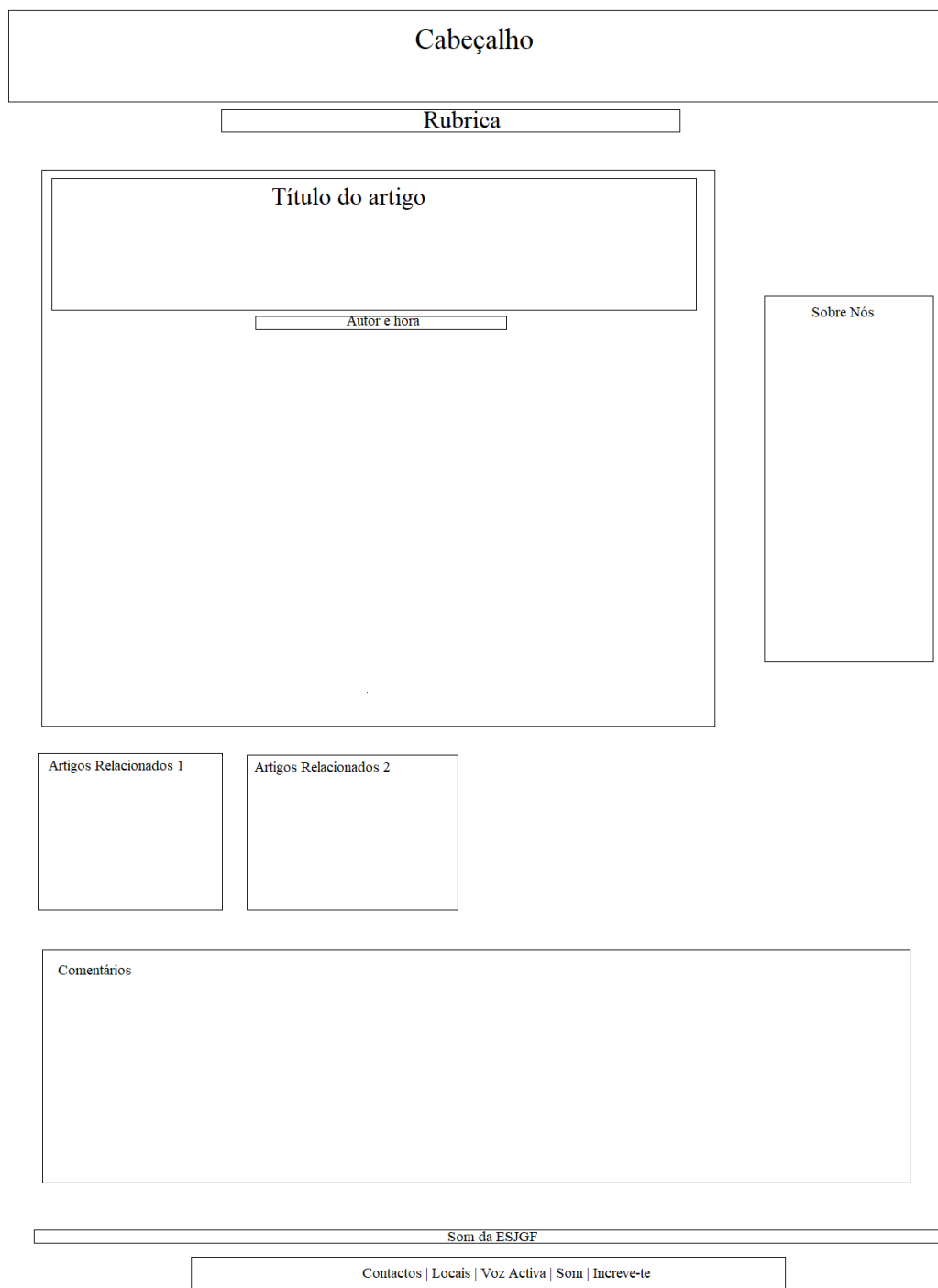


Fig. 10 – Esquema da página do jornal escolar digital quando se abre o artigo pretendido.

A partir do momento em que a página do artigo abre, a fotogaleria desaparece. Será feito um pequeno cabeçalho apenas para o título, e subtítulo caso exista. Por exemplo, no artigo do artigo principal, a fotografia de Baltazar ao lado da estátua de Fernando Pessoa

seria a escolhida, assim como a citação que está presente no cabeçalho no trabalho feito pelos alunos (ANEXO B – Fig. 18).

O texto estaria justificado, com um espaçamento 1,15 e a fonte poderia variar com cada artigo para oferecer rutura na leitura e dar um toque ligeiramente mais moderno e visualmente apelativo. Todas as imagens e clipes de som estariam presentes para fortalecer o texto. Por exemplo, o perfil do Baltazar contém áudios com ele a declamar o seu próprio poema. A autoria estará antes do texto, e no final estarão os ícones para partilha do artigo nas redes sociais, como o *Facebook* ou o *Twitter*.

A seguir ao texto estariam os artigos relacionados por forma a aumentar o envolvimento do leitor do jornal nos trabalhos, por exemplo, os relacionados do perfil de Baltazar podiam ser “*Pelos Bastidores das Redações*” e ainda o “*Bataclan*” – histórias que acabam por estar ou podiam estar na mesma rubrica que o artigo referido.

No fim da página está colocada a caixa dos comentários para os leitores poderem enviar as suas opiniões sobre as peças jornalísticas disponíveis. É importante este campo para ter o *feedback* direto dos leitores, uma vez que transforma o jornal escolar digital num espaço mais vivo, mais dinâmico e aberto. É solicitado o email e o nome da pessoa apenas para dados estatísticos e para controlo de qualidade, seguindo todas as normas da Proteção de dados (Parlamento Europeu, 2016).

2.5. Fotogaleria

A fotogaleria é importante para demonstrar como a linguagem visual pode ser relevante para a informação e comunicação. Neste local estão as fotografias fazem parte dos artigos, mas não só. Se existem alunos que não se sentem preparados, ou com vontade de participar no jornal escolar através da escrita, por exemplo, entrar no campo da comunicação por imagens e fazer parte da equipa de fotografia a colaborar com o *Voz Activa* pode ser uma ótima solução e oportunidade.

Na página principal, logo após o cabeçalho e secções do jornal, que já contem um atalho para a fotogaleria, existe um pequeno friso com fotografias que se movimentam para o lado esquerdo. Estas fotografias pertencem a todos os artigos publicados, mas também existem outras fotografias de todo o ecossistema da vida da escola.

A força da imagem faz parte de uma das atividades mais comentadas pela coordenadora do jornal escolar, Maria Vitalina Pinto, e que pode ser explorada para integrar uma secção própria da fotogaleria. Na atividade “*Ouvir o Silêncio, lendo...*”, a imagem tem ocupado um lugar central na reportagem escrita, mas de forma fixa e linear.

Nesta nova plataforma digital, esta história do silêncio da leitura poderia ganhar outras dimensões, através, por exemplo, da não linearidade do texto que o multimédia disponibiliza.

Na página dedicada à fotografia, terá apenas uma imagem de destaque, com o cruzamento das várias fotografias disponíveis de forma cronológica. Todas as fotografias podem ser aumentadas quando clicadas, verificando assim o seu título e legenda e autoria (Fig. 9). A possibilidade de colaboração desta secção com o *Clube de Fotografia* já existente na escola seria uma possibilidade muito interessante para a qualidade e sustentabilidade deste espaço.

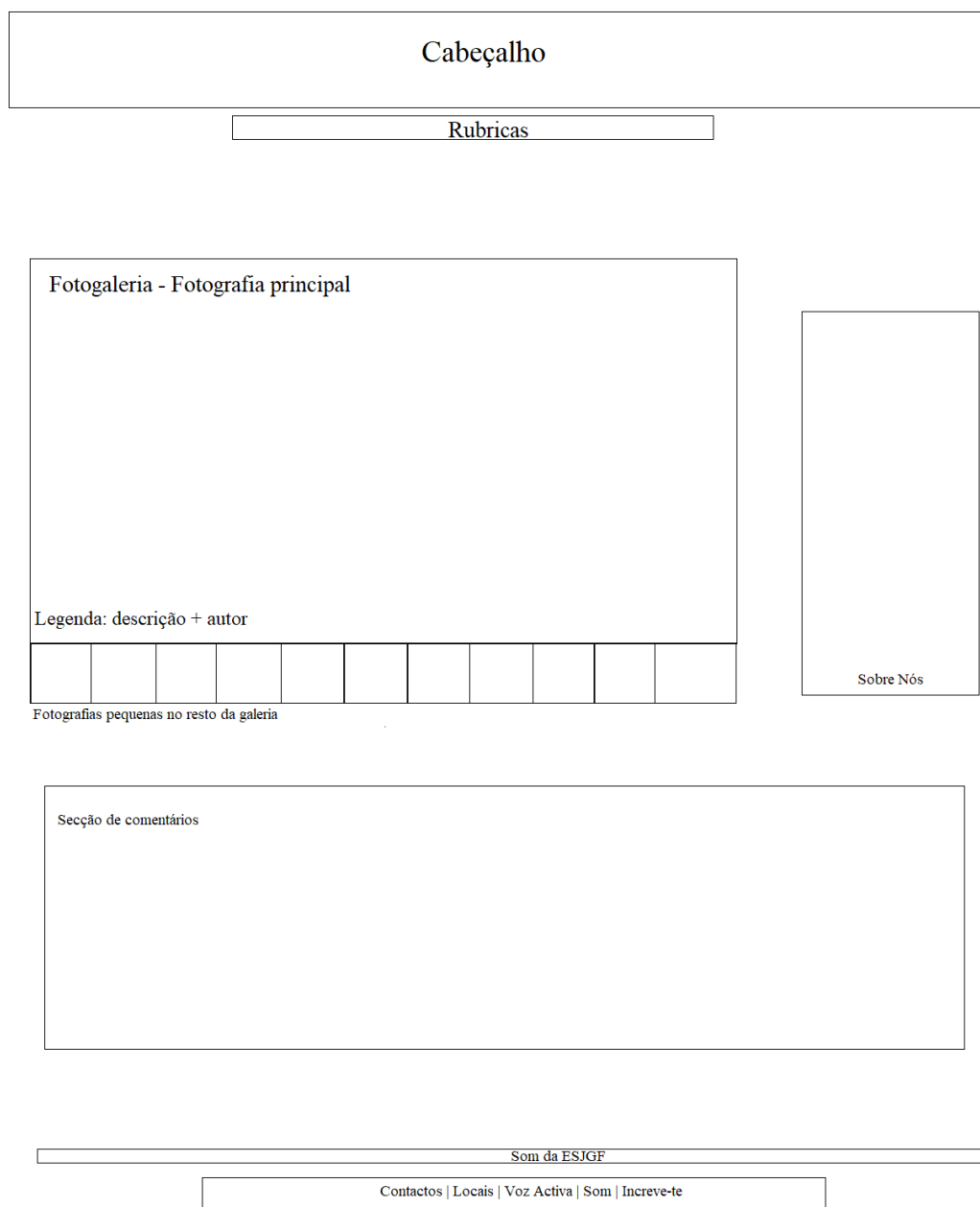


Fig. 11 – Esquema da página do jornal escolar na secção da fotogaleria.

2.6. Podcast

De acordo com os inquéritos aplicados, os alunos consideram original e dinâmico conjugar o jornal digital com o som, ou um *podcast*, sendo possível, desta forma, aliar a componente do som à escrita. Assim, todos aqueles que, por motivos de incapacidade visual, por exemplo, não conseguem ou não sentem motivação para ler podem ouvir os clipes de som dos artigos, ou outras histórias originalmente sonoras. Esta nova forma de comunicação no jornal ajuda a acolher mais alunos que queiram participar no jornal, mas sem a componente escrita.

O *podcast* com o nome de “*Som do Voz Activa*”, por exemplo, introduz um espaço sonoro no jornal e, simultaneamente, um lugar de debate sobre assuntos relevantes para a comunidade escolar. Além disso, o *podcast* pode ser um meio de dinamizar as atividades do *Clube de Rádio* que já existiu na escola como projeto de alunos, mas, que hoje nem sequer é identificado como projeto da escola no novo site disponível [aqui](#).

O Spotify enquanto serviço *streaming* de música, *podcast* e vídeo pode ser uma solução para o *podcast* do *Voz Activa* pois a sua utilização é feita através de um computador ou da aplicação para telemóvel. Além disso, existe um serviço de acesso livre que disponibiliza inúmeros *podcasts*, músicas e vídeos sem ser necessário um valor pecuniário. Através de um processo rápido, o *podcast* “*Som do Voz Activa*” da ESJGF, produzido pelos alunos, estaria na plataforma do jornal e disponível a todos os participantes desta comunidade escolar.

Apesar da ideia de gravação de conteúdos ser algo inovador e interessante, seria de privilegiar umas instalações de rádio físicas. Tendo em conta que a escola já dispõe de uma sala para o *Clube de Rádio* (situado no Bloco C – Pavilhão central), seria interessante, por exemplo, que alguns debates sobre a atualidade, assuntos de interesse para a comunidade, ou alguns episódios do *podcast* fossem feitos em direto, criando um ambiente com toda a verdade, espontaneidade e pressão características características dos diretos. Assim, no dia em que fosse agendado o episódio, ele poderia ser ouvido por toda a escola ao vivo e mais tarde alojado no serviço *streaming*.

Seria também pertinente para os estudantes que nos intervalos maiores existentes na escola fosse possível ter equipas de alunos (via Associação de Estudantes, por exemplo) a partilhar com os seus colegas um resumo dos episódios do *podcast* disponíveis na plataforma do jornal, com uma narrativa clara e apresentada de forma criativa. Noutras alturas também seriam partilhadas pequenas trilhas sonoras de peças jornalísticas feitas para o jornal digital, numa tentativa de estimular o interesse dos alunos para o jornal.

Além da plataforma Spotify conter a sua própria página para o podcast, seria importante que fosse feito um atalho para aceder através do jornal. Neste caso, seria através das secções do jornal colocadas acima e, como explicado no ponto 2.2, pode ser colocado um pequeno leitor de música para se ouvir enquanto se navega pelo jornal. O terceiro atalho seria no rodapé, que liga diretamente para a plataforma de Spotify.

Na página do jornal que foca o *podcast* pode ser colocado o leitor do Spotify com todos os episódios, do mais recente para o primeiro a sair (Fig. 10). Convém lembrar que se mantem a forma de partilhar os episódios nas diferentes redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, e que também é possível deixar um comentário na página do jornal a respeito do *podcast*.

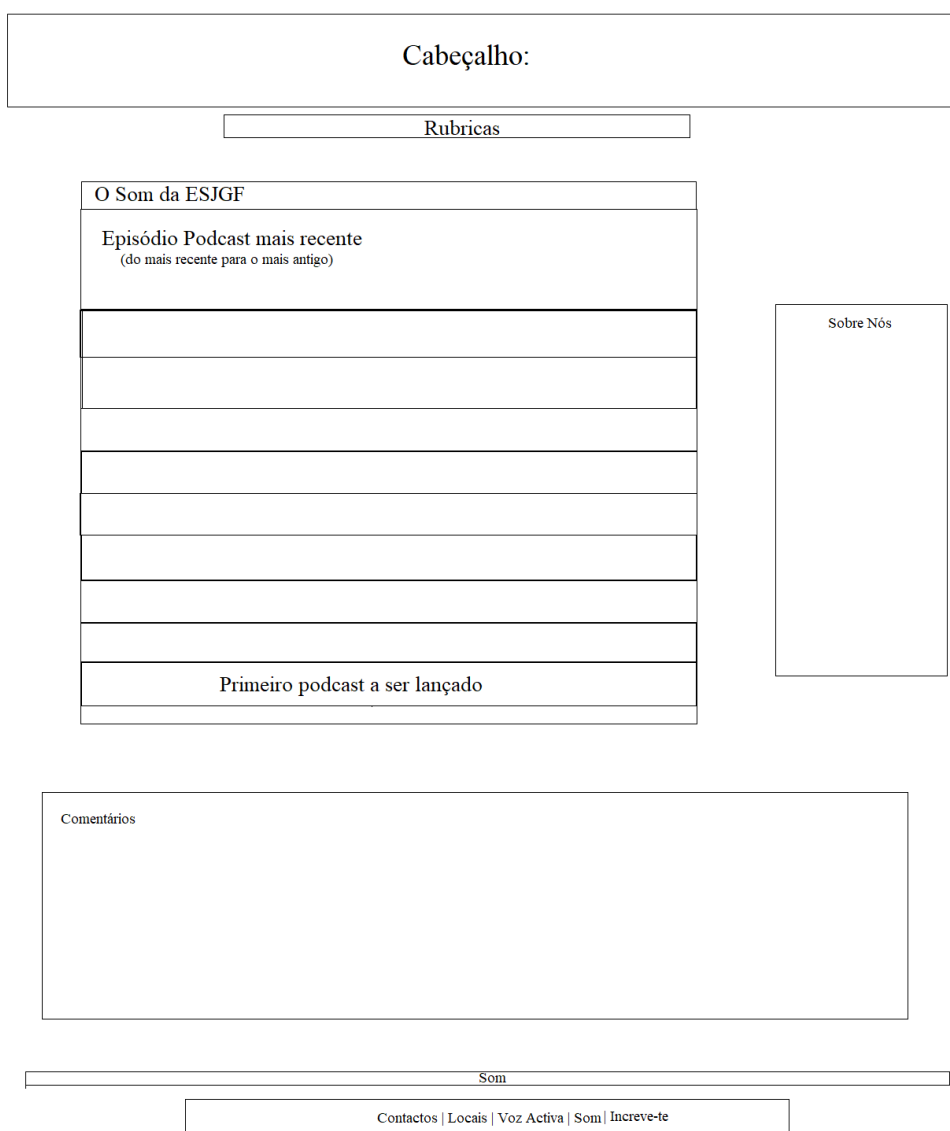


Fig. 12 – Esquema da página do jornal escolar digital da zona onde fica inserido o podcast.

2.7. O “Sobre Nós” e Rodapé

O espaço do “Sobre Nós” contém uma página própria: quando se clica, abre-se um espaço de apresentação de toda a equipa de alunos, professores e técnicos, e uma ligação para o editorial do jornal. Esta página principal está organizada de forma esquemática, em que o primeiro bloco disponibiliza uma hiperligação para o editorial, com todos os compromissos editoriais e éticos do jornal *Voz Activa* digital. A série de blocos seguinte oferece informação sobre os diferentes membros da equipa, contribuindo para a transparência do Jornal e para a responsabilização e espírito de equipa. Os alunos deverão ser responsáveis por escrever as suas biografias, apresentando a sua função no jornal. Existe a possibilidade de trabalhar na equipa da redação, som, imagem ou divulgação de conteúdos – que será, agora abordada no ponto 3 deste capítulo.

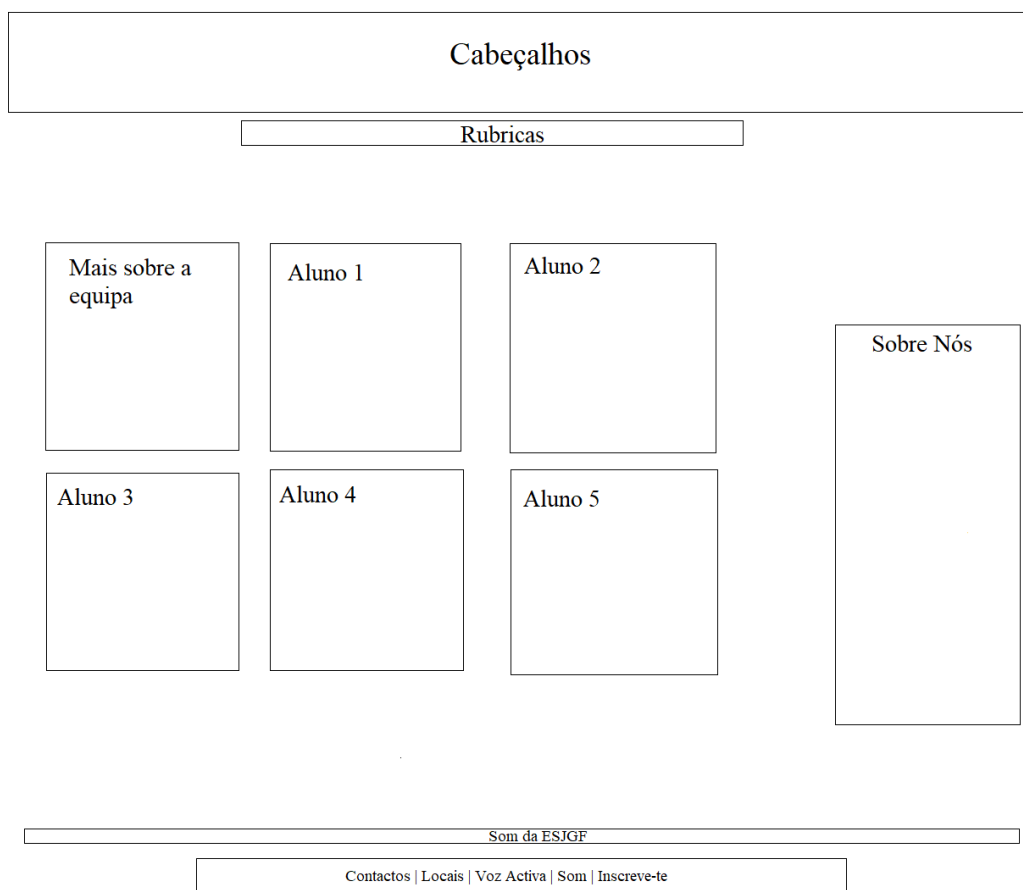


Fig. 13 – Esquema da página da zona sobre a equipa e quem as compõe.

Todas as biografias podem ser lidas para conhecer melhor cada aluno/autor. No centro da página está o nome do aluno com a sua biografia e todos os artigos que ele escreveu ao longo tempo para o jornal (Fig. 14).

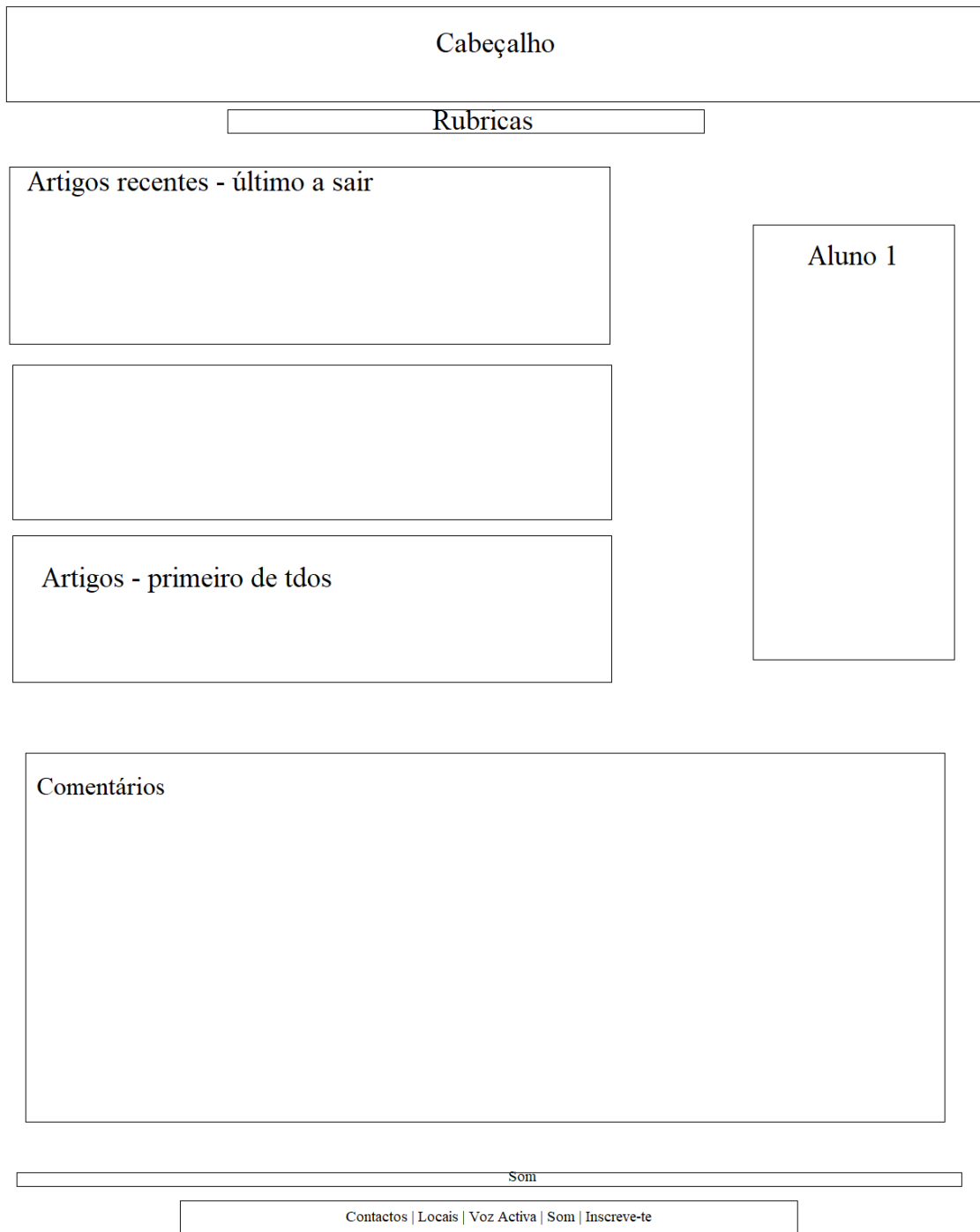


Fig. 14 – Esquema da página ao abrir a página sobre a biografia dos alunos.

O rodapé confirma os contactos, o lugar da produção deste jornal; a hiperligação para *podcast* e a possibilidade de subscrição de uma *newsletter* semanal ou mensal do jornal: ou seja, um email com o conteúdo relevante do jornal direcionado para o público. Aqui estão os contactos da ESJGF e o contacto da diretora do jornal escolar *Voz Activa*. O som

é mais um atalho para o *podcast* do Spotify e a subscrição para *newsletter* é feita através do contacto de email disponibilizado (Fig. 15).

Som da ESJGF				
Contactos	Locais	Voz Activa	Som (atalho para a aplicação)	Incrive-te
Nr. escola	Morada da escola			Colocar email para
Nr. coordenadora	c/código postal			newsletter
email do voz activa				

Fig. 15 – Detalhe de como seria a nota de rodapé.

A zona de rodapé, ao contrário do fundo branco do jornal, será num tom cinzento meio escuro, como por exemplo a cor com o código #c0c0c0 (ANEXO B – Fig. 24), para dar destaque a esta informação.

3. Imagem e Divulgação

A divulgação é muito importante para a informação do jornal e, apesar de a escola ter *Facebook*, *Twitter* e até *Youtube*, o *Voz Activa* deve apostar nas suas próprias redes sociais, ampliando o alcance da sua mensagem sobre a história e a vida da escola, mas, acima de tudo, para a distinguir de outras narrativas ao privilegiar o sentido de rigor ético e transparência informativa do próprio jornal.

Para tentar alcançar ainda mais alunos, especialmente à Geração Z dos alunos do secundário da ESJGF, seria interessante criar uma conta no *Instagram*. As publicações na história desta rede (as tão populares, *Instagram story*) destacam as publicações, por 24 horas, de modo a que o público continue a verificar as informações da rede social. O mesmo acontece com o *Twitter*, tirando partido da rapidez da informação resumida a 280 caracteres. O *Facebook*, apesar de ter como um público-alvo uma geração mais velha, consegue chegar a um maior número de indivíduos, uma vez que é a rede social com volume de partilhas mais elevado (TechNet, 2014).

A imagem de perfil para as redes sociais poderá ser o logotipo já referido anteriormente com as letras que se destacam: “V” “A” e “J” (Fig. 16).

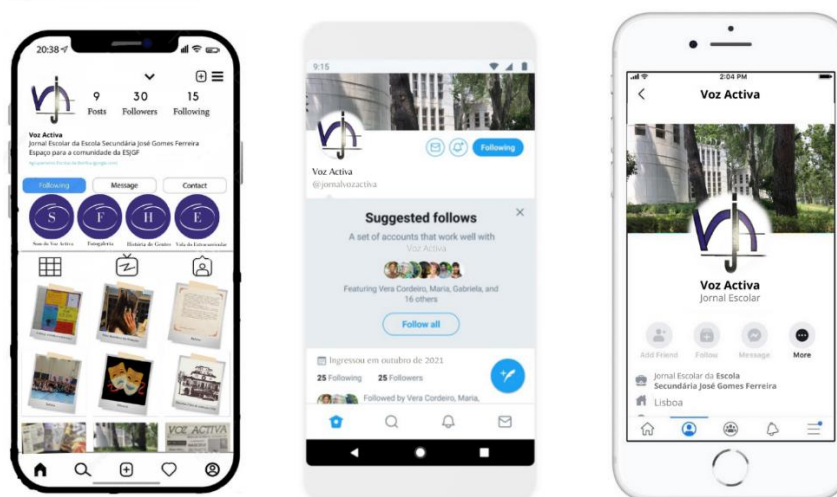


Fig. 16 – Protótipo do que poderá ser o *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* da conta do *Voz Activa*.

Ao criar uma equipa responsável pelas redes sociais do jornal *Voz Activa*, sob supervisão dos professores responsáveis, pode desenvolver-se todo o trabalho de divulgação do novo formato da ESJGF. Aqui, as redes sociais não deverão ser apenas um instrumento de divulgação daquilo que é feito no jornal escolar, mas deve encontrar a sua linguagem de conteúdos.

CONCLUSÃO

Trabalhar a literacia mediática não é um processo com resultados, contudo, é um plano a curto e médio prazo no mundo do jornalismo escolar. As ferramentas devem adaptar-se às necessidades do ambiente que estão inseridas e a escola é um espaço que as aproveita e desenvolve face ao trabalho pedagógico prestado aos estudantes. David Buckingham afirma que as crianças são as mais competentes em termos de literacia mediática do que as crianças de gerações anteriores e até mesmo do que os seus pais (Buckingham, 2005: 6). Ou seja, os jovens provam ser capazes de aperfeiçoar as suas capacidades a vários níveis, incluindo a forma de ver o mundo e de se relacionar com os media.

As competências associadas à literacia mediática conduzem-nos ao projeto “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, do qual faz parte a comunidade escolar da Escola Secundária José Gomes Ferreira (ESJGF), e é um dos palcos para ajudar os alunos a perceber melhor o que se passa à sua volta e a desenvolver as suas competências críticas. O projeto aqui apresentado é a proposta de um jornal escolar digital, capaz de desenvolver e ativar o jornal *Voz Activa* – existente em papel desde os anos 90 – no meio da multimédia, criando uma experiência dedicada à escrita, mas também à imagem, vídeo e ao som.

Os alunos da ESJGF, participantes na “*Academia de Leitura do Mundo: o Jornalismo, a Comunicação e Eu*”, trabalharam com estudantes e especialistas na área do jornalismo para criar peças jornalísticas que farão parte deste primeiro número do *Voz Activa* digital. A sofisticação e diversidade conseguida nestes trabalhos confirma a ideia da inexistência de um padrão linear para as potencialidades da escrita: tem-se em conta os princípios e os valores associados ao jornalismo, mas nunca existe uma peça igual à outra. As ferramentas utilizadas poderão ser iguais, mas os ângulos e os métodos de atuação serão diferentes.

Os trabalhos produzidos comprovam como o exercício prático de ferramentas mediáticas ajuda os jovens a fazer diferentes leituras do que está à sua volta, desde em perfil com um roteiro histórico-literário, até a reportagem sobre formas de lidar com a perda ou ansiedade. Os ângulos fazem toda a diferença e as equipas destes estudantes souberam aproveitar aquilo que tinham pra transformar em reportagens jornalísticas, perfis, entre outros. A composição feita pelos alunos, acompanhado pelos professores, é

também um testemunho da importância de continuar a manter a formação de alunos e professores em literacia mediática, pois é um trabalho que contribui, de facto, para o empoderamento de todos (Wilson, Grizzle, Alton, Tuazon, Akyempong & Cheung, 2013: 20).

Os valores jornalísticos associados a estas histórias incluem, por exemplo, a noticiabilidade da ameaça presente na história que relembra a tragédia do Bataclan; a qualidade e forma dinâmica como se apresentam os detalhes do perfil do Baltazar e da história d'*A Tragédia da Rua das Flores* de Eça de Queirós, protagonizada por José Cardoso Vieira de Castro, tio pentavô do estudante destacada na peça jornalística. O valor da atualidade e impacto de um tema como as consequências da pandemia da Covid-19 também está presente, por exemplo, em alguns dos trabalhos em que os alunos se envolveram para falar das adaptações de teatro da escola no último ano e meio, ou da história da equipa de dança, em que o assunto da saúde mental, em especial na geração Z, também é discutido.

Através destas histórias, os estudantes exploraram novos olhares não só para o mundo noticioso, mas para tudo o que está à sua volta. Foi um caminho que conseguiu comprometer os alunos, fazendo valer as questões da necessidade do rigor e da exatidão na interpretação honesta dos factos (Sindicato dos Jornalistas, 2021).

Todas as professoras que colaboraram neste projeto, desde a atual diretora do Agrupamento de Escolas de Benfica, Rosária Alves, a professora responsável pela Biblioteca, Lina Velez, a diretora de turma integrante do projeto da Academia, Ana Maria Trincão Tomáz, e a professora e coordenadora do *Voz Activa*, Maria Vitalino Pinto, demonstraram total disponibilidade e preocupação sobre as questões da literacia mediática dos alunos. A importância de estimular a curiosidade e o envolvimento dos estudantes nestas atividades extracurriculares contribuíram para que os jovens, por um lado, conseguissem trabalhar e convergir para um melhor entendimento das suas capacidades, e, por outro, para um maior conhecimento das questões da comunicação e do jornalismo.

Este protótipo do jornal escolar digital *Voz Activa* apresenta diversos géneros e meios de comunicação possível: a comunicação clássica, através da escrita de peças jornalísticas como uma reportagem ou uma notícia; a comunicação visual, através da fotografia ou de uma imagem capaz de ter uma mensagem profunda através do ângulo em que é tirada (e, assim, conseguir ainda aproveitar o equipamento existente na escola no clube de fotografia); a comunicação oral, através do *podcast* que integra as diversas possibilidades

do som (possivelmente, aproveitando a rádio da escola), e fornece um caminho para o discurso direto, além do discurso gravado. Por fim, temos a comunicação com as redes sociais, que podem ser criadas para o *Voz Activa*, com a sua própria identidade a ser divulgada e ouvida no mundo *online* da internet.

Por outro lado, todo o trabalho possível com este jornal digital é, também, uma tarefa essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Na necessidade de boas práticas discursivas online, todas estas atividades contribuem para o desenvolvimento de uma cidadania ativa e responsável, baseada na liberdade de expressão e nos direitos fundamentais que devem reger a participação de todos no espaço público (Comissão Europeia, 2018: 25).

O grupo de alunos participantes no projeto conseguiu demonstrar o cuidado exigido na comunicação com o público, sendo todos os textos pensados para respeitar a identidade dos temas e os ângulos abordados.

Trabalhar com jovens na criação de um jornal escolar é um desafio. Não se trata apenas de escrever, nem de arranjar um novo espaço *online* para publicar textos. Neste projeto todos os pormenores são importantes: desde o respeito pela memória de um jornal que a ESJGF mantém desde os anos 90, até à complexidade jornalística dos conteúdos publicados. É um trabalho que tem como ponto de partida a agenda de atividades da Academia de Leitura do Mundo e a certeza na utilidade da ação da literacia mediática para a formação dos estudantes. Em primeiro lugar, foi necessário compreender as dinâmicas da escola, com múltiplas deslocações ao terreno e com entrevistas feitas às professoras responsáveis; depois, constatar a inquietação unanime para com a mudança do jornal *Voz Activa* em papel, o que nos leva a um trabalho de *brainstorming* coletivo para encontrar possíveis soluções.

Os inquéritos aplicados aos estudantes da ESJGF e os contactos estabelecidos na escola a vários níveis foram importantes para entender e avaliar o que era relevante para o jornal, sendo essa uma das grandes premissas desta proposta: o que quer que seja o jornal escolar digital *Voz Activa*, ele não deve falar com o seu público, ou seja, o jornal deve ser aquilo que a comunidade escolar quer que seja, respeitando os valores basilares da comunicação e do jornalismo.

Neste sentido, a concretização deste novo visual *Voz Activa* é um desafio para todos os que acreditam no investimento na literacia mediática através da concretização de uma experiência mediática imersiva. A participação na elaboração de um jornal escolar implica ser responsável por um espaço de informação de qualidade, cuja plasticidade

textual presente nesta comunicação multimédia, servirá como experiência transformadora de uma voz responsável, construtiva e ativa.

BIBLIOGRAFIA

- A dança, o medo e a incerteza. (2021). *A dança, o medo e a incerteza: Um olhar sobre as cicatrizes que a pandemia tem deixado nos adolescentes e a dança como refúgio para uma jovem de 16 anos*. Disponível em <https://anacatarinabarreiros.wixsite.com/geracaomedoincerteza> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Academias Gulbenkian do Conhecimento. (2021). *Apresentação*. Disponível em <https://gulbenkian.pt/academias/apresentacao/> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Associação Literacia para os Media e Jornalismo (2021). *Associação Literacia para os Media e Jornalismo*. Disponível em <https://associacaoliteracia.pt/> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Baltazar. (2021). Baltazar: “Sou um boémio triste com um sentido de humor questionável”. Disponível em <https://beatrizm621.wixsite.com/baltazar> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Bataclan. (2021). *Bataclan: Palco de Começos e Fins*. Disponível em <https://michellecoelhob.wixsite.com/bataclan> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Bonacho, F. (2020). Transmedia experiences for social and emotional communication challenges: the Reading to the World academy. In *Comunicação Pública*, Vol. 15 (29).
- Brites, M. J. (2011). Jornais escolares e a promoção da literacia cívica e mediática. In *Livro de Actas do 1º Congresso Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga.
- Brites, M. J. (2020). Journalism and Digital Resources for transforming schools In. *Revista ICONO14 Revista Científica de Comunicación y Tecnologías emergentes*, 18 (2)
- Buckingham, D. (2000). *The Making of Citizens: Young People, News and Politics*. (1ª edição). Londres: Routledge.
- Buckingham, D. (2005). *The Media Literacy of Children and Young People: A review of the research literature on behalf of Ofcom*. Londres: Centro de Estudos infantis e juvenis e Instituto da Educação dos Media da Universidade de Londres.
- Buckingham, D. (2015). Defining digital literacy: What do young people need to know about digital media? In *Nordic Journal of Digital Literacy*. Londres.

- Cardoso, C. S. G. (2017). *A Grelha da Paginação no Design Editorial Impresso*. (Relatório de estágio). Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, Portugal. pp. 36-47.
- Cardoso, G., Baldi, V., Crespo, M., Pais, P. C., Paisana, M., & Quintanilha, T. L. (2019). *Literacia dos Media – Projetos e Organizações em Portugal e no Estrangeiro*. Lisboa: Gustavo Cardoso & Vania Baldi.
- Carlsson, U. (2019). Understanding Media and Information Literacy (MIL). In *The Digital Age – A Question of Democracy*. Gotemburgo: Departamento de Jornalismo, Media e Comunicação.
- Carreira, A. M. S. (2015). *Design Editorial de Jornais: Re-design do jornal local Notícias da Caranguejeira*. (Dissertação de mestrado). Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, Portugal. pp. 50-71.
- Christofolletti, R., Martins, P., Oliveira, E. R., Baldi, V., Rossetti, E. A., López-Martín, A., Macías-Plaza, M., González-Ruiz, S., Baptista, C., Leitão, O., & Sá, J. C. V. (2019). *Privacidad, transparencia y éticas renovadas*. (1ª Edição). Sevilla: Ediciones Egregius.
- Comissão Europeia (2018). *A multi-dimensional approach to disinformation: Report of the independent High level Group on fake news and online disinformation*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.
- Conselho Nacional de Educação. (2021). A voz das crianças e dos jovens na educação escolar. In. Diária da República 2ª série. Nº 135. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/a/167285538> [Consultado em outubro 22, 2021] Pp. 75-84
- Correia, J. C., Gradim, A., & Morais, R. (2019). *Imaginários Distópicos – metáforas e ficções*. Covilhã: LabCom Books.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- DeWalt, K. M., DeWalt, B. R. (2011). *Participant Observation*. Lanham: Alta Mira Press. Pp. 251-292.
- Doretto, J. (2013). Chamada para a infância: políticas públicas para crianças na Folha e no Público. *Revistas PJ:BR*, 1(1). São Paulo.

- ERC. (2019). *A Desinformação – contexto Europeu e Nacional*. (1ª Edição). Lisboa: Entidade Reguladora da Comunicação (ERC). Disponível em: https://www.parlamento.pt/Documents/2019/abril/desinformacao_contextoeuroe_unacional-ERC-abril2019.pdf [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *"Voz Activa": O Jornal Escolar*. Disponível em <https://sites.google.com/a/aebenfica.pt/aeb-jgf/voz-activa> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Canais de informação*. Disponível em <https://sites.google.com/a/aebenfica.pt/aeb-jgf/rss> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Clube de Jornalismo*. Disponível em: <https://sites.google.com/aebenfica.pt/agrupamentoescolasdebenfica/projetos/clube-de-jornalismo?authuser=0> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Clube Europeu*. Disponível em <https://sites.google.com/a/aebenfica.pt/aebenfica---clube-europeu/> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *História da ESJGF*. Disponível em <https://sites.google.com/a/aebenfica.pt/aeb-jgf/historia-1> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Na Escola Acontece*. Disponível em <https://sites.google.com/aebenfica.pt/agrupamentoescolasdebenfica/not%C3%A0Dcias/na-escola-acontece?authuser=0> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Principais clubes em funcionamento na Escola*. Disponível em <https://sites.google.com/a/aebenfica.pt/aeb-jgf/clubes> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Escola Secundária José Gomes Ferreira. (2021). *Projetos Escolares*. Disponível em <https://sites.google.com/aebenfica.pt/agrupamentoescolasdebenfica/projetos?authuser=0> [Consultado em outubro 22, 2021]

- Escola Superior de Comunicação Social. (2021). *Arrancou a 2.ª Edição da “Academia da Leitura do Mundo”*. Disponível em <https://www.escs.ipl.pt/editoriais/arrancou-a-2-edicao-da-academia-da-leitura-do-mundo> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Fraser, P., & Wardle, J. (2013). *Current Perspectives in Media Education: Beyond the Manifesto*. (1ª edição). Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Freinet, C. (2004). *Pedagogia do Bom Senso*. (7ª Edição). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (2021). *Página web das Academias Gulbenkian do Conhecimento*. Disponível em <https://gulbenkian.pt/academias/> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Gonçalves, J. C. B. (2007). *Jornal Escolar: da periferia ao centro do processo educativo*. In Martins, M. L., & Pinto, M. (Orgs.). *Comunicação e Cidadania – Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* 6. Braga: Universidade do Minho. Disponível em http://erte.dge.mec.pt/publico/jornaiscolares/referencias/jcbg_jornal_escolar.pdf [Consultado em outubro 22, 2021] pp. 1953-1965.
- Hobbs, R. (2010). *Digital and Media Literacy: A Plan of Action*. (1º edição). Washington D.C.: The Aspen Institute.
- Ijuim, J. K. (2013). *Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem*. Covilhã: LabCom Books. Disponível em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20131017-201307_jorgejuim.pdf [Consultado em outubro 22, 2021]
- Leal, C., Santos, A., & Matos, A. (2011). *Diário de Coimbra nas Escolas*. In *Livro de Actas do 1º Congresso Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga.
- Leeuw, E. (2008). *Self-Administered Questionnaires and Standardized Interviews*. In Alaasuutari, P., Bickman, L., Brannen, J. (2008). *The SAGE Handbook of Social Research Methods*. Califórnia: SAGE Publications. Pp. 312-325.
- Lopes, P., Pereira, S., Moura, P. F. R., Carvalho, A. (2015). *Avaliação de competências de literacia mediática: o caso português*. In *Revista Observatório*

- 1(2). Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/39414> [consultado em outubro 22, 2021]
- Martinez, L., Ferreira, A. (2007). *Análise de Dados com SPSS: Primeiros Passos*. Lisboa: Escolar Editora.
 - Máscara². (2021). *Máscara²: Como o teatro escolar se adaptou à pandemia*. Disponível em <https://danielamferreira4.wixsite.com/my-site-7> [Consultado em outubro 22, 2021]
 - MILObs. (2021). *MILObs – Observatório Media, Informação e Literacia*. Disponível em: <http://milobs.pt/> [consultado em outubro 22, 2021]
 - MILObs. (2021). *Quem somos. Apresentação*. Disponível em: <http://milobs.pt/quem-somos/apresentacao/> [consultado em outubro 22, 2021]
 - Naia, E. M. F. (2011). Fora de Portas, os media na escola. In *Livro de Actas do 1º Congresso Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga. Disponível em
 - Parlamento Europeu. (2016). Regulamento (UE) 2016/679 do parlamento europeu e do conselho relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados e que revoga a Diretiva 95/46/CE (Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados) In. *Jornal Oficial da União Europeia*. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:02016R0679-20160504&from=EN> [Consultado em outubro 22, 2021]
 - Pelos Bastidores das Redações. (2021). *Pelos Bastidores das Redações*. Disponível em <https://marianasofiaportfo.wixsite.com/website> [Consultado em outubro 22, 2021]
 - Pereira, M. J., & Pais, M. (2011). “Diário do Lagarteiro”: Mais do que um jornal... In *Livro de Actas do 1º Congresso Nacional Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga.
 - Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E. J., Guedes, M. (2014). *Referência de Educação para os Media para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e Ensino Secundário*. Ministério da Educação e Ciência, Lisboa. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_educacao_media_2014.pdf [Consultado em outubro 22, 2021]

- Pinto, M. (2004). As novas Tecnologias e a educação. In *Anped Sul* Disponível em: https://novastecnologias9.webnode.com/_files/200000001-1e2d91f276/AS_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_A_EDUCACAO.pdf [consultado em outubro 22, 2021]
- Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., Ferreira, T. D. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/44959> [consultado em outubro 22, 2021]
- Pryor, J. (2010). Constructing research questions: Focus, methodology and theorisation. In Tomson, P., Walker, M. (2010). *The Routledge Doctoral Student's Companion: Getting to Grips with research in Education and the Social Sciences*. Londres: Routledge. Pp. 161-171 Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203852248> [consultado em outubro 22, 2021]
- PÚBLICO. (2021). *Público na Escola: Projeto*. Disponível em: <https://www.publico.pt/publico-na-escola/projecto> [consultado em outubro 22, 2021]
- Quivi, R., Van, L, C. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (3ª edição). Lisboa: Gradiva. Pp. 15-28
- Ruas, J. (2017). *Manual de Metodologias de Investigação: Como fazer Propostas de Investigação, Monografias, Dissertações e teses*. Maputo: Escolar Editora.
- Saltatio. (2021). *Saltatio: É tudo uma questão de vida?* Disponível em <https://figueiredogolo.wixsite.com/saltatio> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Silva, A. L. (2013). O Jornal Escolar na Interface Educomunicativa: por uma práxis do Exossistema comunicativo. *II Educom Sul – Educomunicação e Direitos Humanos*. Ijuí: Rio Grande do Sul. Disponível em <http://coral.ufsm.br/educomsul/2013/re/gt1/10.pdf> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Silva, A. L., & Krauss, R. (s.d.). *O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e do Notícias Escolares*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educocomunicacao.pdf> [Consultado em outubro 22, 2021]

- Sindicato dos Jornalistas (2021). *Novo Código Deontológico dos Jornalistas*. Disponível em <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/> [consultado em outubro 22, 2021]
- Stake, E. (2010). *Qualitative Reserash: Studying How Things Work*. Nova Iorque: The Guilford Press. Pp. 71-88.
- TechNet. (2014). *Facebook é responsável por 81,9% das partilhas da web*. Disponível em: <https://www.techenet.com/2014/09/facebook-e-responsavel-por-819-das-partilhas-da-web/> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Tomé, V. (2011). Educação para os Média: é urgente formar professores. In *Livro de Actas do 1º Congresso Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga.
- UNESCO. (1982). *Declaração de Grünwald sobre Educação para os Media*. Grünwald, República Federal da Alemanha.
- Vieira, A., Oliveira, A. (2011). Projeto Trigal Jornal Escolar, doze anos de existência. In *Livro de Actas do 1º Congresso Literacia, Media e Cidadania*, Sara Pereira (Org.), Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga.
- Voz Activa. (2021). *Jornal Voz Activa*. Disponível em <https://joanacamericano.wixsite.com/vozactiva> [Consultado em outubro 22, 2021]
- Wilson, C., Grizzle, A., Tuazon, R., Akyempong, K. & Cheung, C. (2013). *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Brasília, UNESCO.

ANEXO A

Doc. 1 – Inquérito apresentado aos alunos sobre o Jornal Escolar na ESJGF através da plataforma *Google Forms*.

Nome do Inquérito: Jornal Escolar na ESJGF

Apresentação

Sou a Joana Americano da Silva e este inquérito é aplicado no âmbito do trabalho de projeto para obtenção do grau de mestre em Jornalismo, na Escola Superior de Comunicação Social. O trabalho insere-se no Projeto "Academia de Leitura do Mundo: o jornalismo, a comunicação e eu", financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Politécnico de Lisboa, e tem como objetivo criar um espaço de leitura de interpretação do mundo para os jovens e, neste caso, perceber como é visto o jornal escolar na Escola Secundária José Gomes Ferreira.

Muito obrigada pela tua colaboração!

1. Género

- Masculino
- Feminino
- Outro

2. Idade

- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- >18

3. Ano de Escolaridade

- 8º
- 9º
- 10º
- 11º
- 12º

4. Conheces o “Voz Activa”?

- Sim
- Não

5. Gostarias de ter um jornal na escola?

- Sim
- Não

6. Porquê? Resposta aberta

7. Gostarias de participar no jornal?

- Sim
- Não

8. Um jornal digital pode chegar a mais pessoas?

- Sim
- Não

9. Sabes o que é um *Podcast*?

- Sim
- Não

10. Achas que um jornal escolar digital pode incluir um *podcast*?

- Sim
- Não

11. Porquê?

Resposta Aberta

12. A fotografia pode ter um espaço próprio no jornal escolar?

- Sim
- Não

13. Escolhe 3 palavras para definir o teu jornal ideal. Resposta Aberta

Doc. 2 – Contextualização do Jornal Escolar *Voz Activa* para a comemoração dos 40 anos da ESJGF

Comemorar, v. tr,(do lat. Commemoratione) - trazer à memória, fazer recordar, lembrar, Solenizar, festejar a recordação de, a lembrança de algum facto ou acontecimento.

Pedro Machado, J., *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. II, Publicações Alfa, S.A. Lisboa, 1991

Todos comemoramos o nosso aniversário, o dos nossos irmãos, pais e amigos.

Comemoramos como sujeitos inseridos numa família, em grupos de amigos, em redes institucionais e sociais. Comemoramos enquanto elementos de um povo e de uma nação, nuns casos porque nos contaram, noutros porque participamos e, numa dimensão maior, porque aprendemos nessa língua materna que nos fez (e fará) também ser quem somos, pensar como pensamos.

De um modo geral, comemoramos o tempo e o valor simbólico daquilo que nele acontece (aconteceu). Porque é dentro do tempo que nos vamos construindo, à maneira de uma casa, pedra sobre pedra, cimento e vidro, madeiras e calor. E vamos sendo, não exatamente uma soma, mas um conjunto de experiências, cujo sentido foi e é crucial para a nossa identidade, enquanto processo de transformação do sujeito, uma espécie de movimento contínuo, no qual nos vamos identificando com lugares, valores e personagens que nos ajudam a construir os nossos heróis e a quem podemos um dia abandonar mas sem os quais não conseguiríamos fazer o nosso caminho.

A **ESCOLA** é um dos múltiplos lugares desse caminho e o **VOZ ACTIVA** foi, (é) dentro da escola, uma experiência de construção da identidade, uma força dentro das múltiplas forças, uma oportunidade para nos conhecermos melhor e nos darmos a conhecer aos outros.

A Exposição aqui presente mostra um caminho que diz **VALEU A PENA**.

Que a memória dessa experiência nos 40 anos da escola Secundária José Gomes Ferreira sirva para continuarmos recordando o passado e construindo o futuro.

Maria Vitalina Pinto

(Coordenadora do Jornal Voz Activa)

Doc. 3 – Entrevista a Ana Maria Trincão Tomáz – Diretora da turma inserida no projeto.

Como pode caracterizar a sua turma? Em termos de competência relacionais e cognitivas?

É uma turma que eu acompanho desde o ano passado, portanto, é o segundo ano que eu estou com eles, embora sejam dois anos um bocadinho atípicos. O ano passado e este tivemos estas paragens, e o trabalho online que não é de todo a mesma coisa. É uma turma relativamente pequena, é constituída por 23 alunos, a média de rapazes e raparigas é bastante equilibrada. Eu até tenho essa caracterização feita, mas tenho essa ideia de que é uma turma equilibrada nesse sentido. É uma turma de humanidades, em que do ponto de vista cognitivo parece-me que temos aqui umas certas assimetrias. Temos alunos bastante bons e temos alunos que revelam mais dificuldades. Também associado a esta natureza cognitiva também existe o estrato social. O estrato social é determinante. Portanto, temos uma turma bastante heterogenia e eu faço aqui uma relação, nessas competências de carácter cognitivo, relativamente à sua origem, porque os miúdos também não são estimulados da mesma maneira, não têm o mesmo nível sociocultural, não têm uma bagagem cultural idêntica e depois não têm, mas isso não têm turmas nenhuma, não têm hábitos de leitura. Em termos relacionais, do ponto de vista de adolescente-adulto, aluno-professor é uma turma sem problemas nenhuma. Aliás, é uma turma extremamente simpática como disse há bocado inicialmente. Há um excelente clima de trabalho. São alunos que acatam todas as nossas orientações. São simpáticos, são agradáveis. Agora isso depois não se traduz nos resultados escolares porque não passa por trabalho. Isto do ponto de vista adolescente e adulto. Entre eles não sei, mas noto que não há problemas. Não noto situações que sejam motivo de que seja avisada, ou que eu tenha conhecimento.

Mesmo sem esta bagagem cultural e hábitos de leitura, sente que a turma pode ser proativa e mostrar que têm capacidades para mostrar a sua criatividade?

Não. Gostaria de não dizer de uma forma tão declarada. Gostaria de ser mais ponderada. Tocou aí na questão dos hábitos de leitura e podia ser até da minha disciplina, a minha disciplina de português, onde se notaria mais essa falha, mas não. É em todas as disciplinas, inclusivamente educação física, onde às vezes há um desempenho diferente. Todos os professores são unânimes em que há uma certa apatia. Lá está, não são só as dificuldades que podem ser recorrentes da falta de conhecimento ou da falta de leitura. Eles de facto querem, como qualquer aluno, ter bons resultados, mas eles não têm hábitos

de trabalho interiorizados, como digo há uma certa apatia. E o facto de eu ter estado, no fim, em paralelo com o projeto, não executei nada, mas tive a noção.

Sente que existe um estereótipo de que o projeto serve para o jornalismo?

Ana Tomáz: Eles são apáticos. Eu tenho a certeza, imagine uma visita de estudo, por exemplo como eu tentei fazer no início do ano e não consegui, do Padre António Vieira de ir à Igreja de São Roque de Santa Catarina, eu tenho a certeza que uns cinco ou seis fariam um excelente trabalho e os restantes... *“ah isto é uma seca” “ah agora estar aqui a olhar para a Igreja”*. Não é esta a temática a razão deste desinteresse e desta apatia.

E tirando um pouco a questão de por exemplo a escola tem várias atividades extracurriculares, como os vários clubes.

Ana Tomáz: Nestes últimos dois anos os clubes, pronto.

Sim, graças à pandemia, tornou-se muito difícil de trabalhar.

Ana Tomáz: Exato e essas dinâmicas também se perdem um bocadinho.

O facto de os clubes serem extracurriculares poderá, de certa forma, puxar um pouco da criatividade deles? Exatamente porque não é obrigatório?

Ana Tomáz: Eu acho que sim. Como eu disse, eu não estou assim há tanto tempo para estar dentro da dinâmica, a dimensão que eu tenho os clubes tinham uma excelente adesão. Penso que os alunos tinham uma iniciativa própria, e acho que havendo bastante adesão que eles conseguem encontrar, na escola, atividades que consigam ajudar na sua formação geral. A nível do desporto escolar há muita coisa, mas também lá está é muito específico e depois há outros. Por acaso, o jornal da escola tem vindo a cair.

Por falar no jornal escolar, qual seria o papel do jornal escolar?

Ana Tomáz: Em relação àquele que tivemos, ele chamava-se *“Voz Activa”*, eu não lhe sei responder aquilo que poderia ter sido no passado, porque não estava cá. Provavelmente as pessoas que estavam ligadas ao jornal não tinham disponibilidade, como sabe nós estamos tão sobrecarregados com um determinado tipo de tarefas, os professores não conseguem dar resposta a tudo simultaneamente. Agora, sobre qual seria o papel seria agora?

Sim, agora.

Ana Tomáz: Eu acho que um jornal sempre é extremamente importante. Acho que não conseguimos viver sem informação. É que uma das primeiras coisas que acabamos por fazer é o que é que se passa. É claro que um jornal escolar tem um pendor completamente distinto, mas acho que poderia por exemplo, quanto mais não fosse promover a leitura. Que fosse um jornal que fosse ao encontro dos gostos dos alunos, mas isso implicaria o

estudo prévio daquilo que eles gostariam de ver. No fundo o jornal seria feito por eles e para eles. Caso fosse um jornal digital acho que teriam de ser temáticas muito ligadas ao universo deles, que eu tenho alguma dificuldade em entender o que seja.

Eles tornam-se difíceis de ler?

Sim. E eu acho que poderia ser muito importante a colaboração e por outro lado a leitura de temas que dizem respeito à escola, obviamente factos que ocorressem na escola, mas isso implicaria um estudo prévio. Acho que era uma dinâmica interessante numa escola, então em termos digitais mais importante ainda.

Tem de ser de conteúdo que eles consigam ver que não é uma coisa muito académica. Independentemente de ser um jornal escolar, terá de ser muito mais que isso?

Se tiver uma vertente muito académica, pode ter, no carácter informativo, com iniciativas, com cursos. Pode contribuir para a divulgação de vários projetos sem dúvida, não sei, de todos estes de carácter mais prático. Vejo nitidamente uma necessidade de os envolver porque tem de ir ao encontro dos interesses deles. Confesso que tenho alguma dificuldade em ver aquilo que seria a tónica, e também acho que deveria ter alguma identidade. Deveria ser um jornal com alguma identidade e acho que ela devia estar muito ligada à identidade da escola, mas aquilo que eu estou a dizer é muito concetual.

Como disse, um dos marcos é o digital e grande parte dos alunos estão num mundo da internet. Eu sei que a escola tem instalações de rádio, por exemplo.

Neste momento eu não sei como é que as coisas funcionam, neste momento a eleição para a Associação de Estudantes, a grande luta das listas, é precisamente por liderar a rádio da escola.

A minha pergunta recai na rádio. Tendo um jornal digital, haverá a possibilidade de ter um *podcast* em que os alunos conseguem por comunicar para ver também este lado com componente de rádio?

Eu acho que seria extremamente apelativo. Implicaria um trabalho extremamente ponderado e muito prudente. Eu tenho até um aluno numa outra turma que tem um *podcast*. Mas, acho que seria extremamente importante e extremamente apelativo.

Acha que seria uma boa ideia compilar um jornal digital com um *podcast*?

Sim, sim.

Qual seria o valor do jornal para si?

Em relação ao valor, olhe eu acho que poderia ser até um trampolim para trabalhar em sala de aula um determinado tipo de coisas, porque eles ao longo do percurso escolar trabalham vários conteúdos ligados ao jornalismo. Trabalhamos a reportagem, a crónica,

a notícia e podia ser por exemplo um meio de sensibilizar alguns miúdos para esse fim. Podemos falar um bocadinho do digital. É o universo que usamos, mas é um trabalho que implica tempo e agora vejo que é difícil para os miúdos como também para nós. A escola tornou-se um local de passagem, mas isso não tem nada a ver com a pandemia.

Mas acha que a pandemia poderá ter agravado?

Ah sem dúvida. Eu, por exemplo, sempre valorizei o bar da escola, mas não é apenas na questão de beber café.

Trabalha também para a interação social?

Exatamente. Às vezes falamos de assuntos de trabalho, de uma forma informal e acho importante estabelecer uma relação uns com os outros e digo isto porque estou cá há relativamente pouco tempo. Os alunos também fazem isto: vêm e depois vão e falam com as pessoas que sentem alguma empatia. Não vejo tanto aquela interação, à exceção dos clubes. Por exemplo, a biblioteca tinha uma dinâmica extraordinária e com estes dois anos foi-se.

Quais eram as dinâmicas?

Tinha imensas iniciativas. Aliás, a pessoa que está à frente da biblioteca é uma pessoa extremamente disponível. Fazia muitos concursos, com muitas sessões de livros. Ela realmente tinha muitas ideias. Agora acabou. Isto veio sem dúvida criar aqui um fosso ainda maior. Se nós já somos tão individualistas agora com as aulas online há um maior individualismo.

Sente que a pandemia fez com que houvesse ainda mais grupos entre os alunos?

Não tenho muito a perceção. Os miúdos são muito individualistas. Eles e nós. Nós somos todos individualistas. Noto é que as pessoas vêm desempenham a sua função e saem.

Sente que é cada vez menos um ritual estudar aqui na escola?

Eles já nem podem. Não podem passar pelo grande átrio, têm de contornar. Agora há determinadas regras, antes havia aqui mesas espalhadas por todo este bloco C e do anfiteatro e eles estudavam em grupos. Agora terão de os fazer online ou em casa uns dos outros porque não há condições. Já não há bar. Não temos biblioteca. Portanto os espaços agora são mesmo de passagem.

Sente que o ensino começará a ter sempre uma componente híbrida, em que haverá o presencial e o online?

Eu acho que sim. Para complementar certas coisas de trabalho de sala de aula com o online. Há determinadas pessoas que fazem muito mais, acaba por ser mesmo um

complemento. Ou seja, consegue ser um acréscimo muito positivo. Às vezes isso significa muitas horas de trabalho, mas eu acho compensa.

Mesmo com a pandemia, acha que as atividades extracurriculares ajudam nesta dinâmica entre turmas?

Não tenho feedback para lhe dar uma resposta objetiva. Há alunos excelentes e há projetos que os miúdos aderem muito bem. Agora não tenho consistência para lhe dizer nesta perspetiva de trans turma. Eu não fiz nada que envolvesse mais do que uma turma, nem tive conhecimento que outras pessoas o tivessem feito. Portanto, não lhe sei dar uma resposta objetiva.

Mas acha que poderá ajudar?

Eu acho que sim. É um mundo para descobrir e complementar o conhecimento que já têm, com um trabalho por exemplo online. Pode haver um eixo, um tema agregador e se assim for, vários poderão, de certa forma, comunicar em conjunto.

Também para entenderem que eles realmente não são tão diferentes.

Sim, que não existem muros. Nós estamos aqui no fundo todos juntos com um propósito comum. Sem dúvida que às vezes uma conversa, um projeto, se tivéssemos tempo nós conseguíamos cativar. Eu acho que é importante cativá-los para o universo escolar e para o universo académico.

Sente que há momentos que realmente precisava de mais tempo?

Sim, precisava de uma carga horária diferente. Tenho ideia de que eles têm uma carga horária muito pesada, mas não sei até que ponto. Se houvesse um trabalho que passasse pelo presencial e complementar online, juntar alunos com predisposição para uma coisa – mas isto tem de partir de nós professores como é obvio. E eu não tenho capacidade, mas há pessoas que vão tentando, por exemplo, o clube de teatro. Mas que há quem consiga, felizmente, dinamizar essas coisas.

Doc. 4 – Entrevista a Rosária Alves – Diretora do Agrupamento de Escolas de Benfica.

Enquanto responsável pelo Agrupamento, o que lhe parece a ideia de um jornal escolar aqui na escola?

Eu acho fundamental. Acho que é um instrumento de divulgação por excelência e até queria que ele fosse mais divulgado. Nós este ano tivemos uma tentativa digital que correu muito bem, mas ficámo-nos só por uma edição.

Sente que os alunos também estão predispostos no sentido de continuar?

Rosária Alves: Os alunos estão predispostos desde que saibam o que é que vai acontecer e nós temos de apostar mais na comunicação e na divulgação nesses projetos, quer no jornal escolar, quer noutros. Portanto, isto era o que gostaríamos que acontecesse, alargar os projetos da escola.

Dado que falou também nos outros projetos em que a escola também está envolvida, acha que se poderia aliciar os alunos a trabalhar as potencialidades da rádio?

O projeto da rádio é um projeto parado neste momento e eu não conheço muito bem o funcionamento do projeto porque para mim era um projeto da Associação. A ideia era, passados estes tempos mais controversos, rebuscar esse projeto, continuando nas mãos da Associação, mas dar-lhe uma outra dinâmica, que não seja só passar música nos intervalos.

Acha que, aliando também ao jornal escolar, poderia ser útil poder, por exemplo, criar um *podcast*?

Penso que pode ser uma boa solução. É apelativo aos jovens.

Em relação ao jornal da escola, o “*Voz Activa*” qual é que foi a grande utilidade do jornal?

Eu sou-lhe sincera, eu não conheço. O *Voz Activa* é muito antigo e, de facto, deverá ter um histórico que eu não conheço – o que eu conheço é que chegámos a uma dada altura em que batemos na tecla da comunicação e na divulgação. Ele acabava por ser divulgado através do conselho pedagógico, mas depois a participação dos professores nunca chegava a tempo da divulgação das atividades. Daí a criação deste processo paralelo em digital, porque chega muito rápido às pessoas. Independentemente de o Jornal poder ser impresso, ele tem de chegar muito rapidamente através da página do Agrupamento, no caso do digital, e acompanhado de um *Podcast* isso então seria então uma maravilha. Juntávamos a rádio ao jornal e faz todo o sentido. Estes dois anos foram muito complicados para o desenvolvimento de qualquer projeto e portanto, não estando as

peças presencialmente na escola ainda dificultou mais a elaboração do “*Voz Activa*”, mas eu quero que vai dar a volta por cima e de uma forma muito original.

Também pela originalidade, acha que o podcast seria uma componente que aliciava a criar conteúdo que os próprios alunos não sentissem que fosse obrigatório?

A ideia de uma rádio dinamizada por uma Associação de Estudantes é exatamente para fugir a tudo aquilo que é curricular. O ideal é associarmos as duas vertentes, tanto a académica como o interesse pessoal dos jovens, mas isso nem sempre é possível de conseguir. Agora, uma coisa eu tenho a certeza, se não houver um compromisso na entrega destes mesmos materiais, Não temos forma de realizar o “*Voz Activa*”, nem para realizar rádio. Agora eu vejo que esse compromisso não tem de ser unicamente com conteúdos académicos. Pode ter conteúdos académicos, mas muito mais vastos, que tem a ver com a vida dos jovens e com o que eles fazem na escola.

Como disse é um compromisso desenvolver o jornal, então é um desenvolver das capacidades estudos destas atividades extracurriculares dentro do vasto plano de estudos?

Sem dúvida. O Agrupamento já passou por vários momentos e há escolas que dinamizam mais projetos do que outras. Neste momento não dinamizamos ou pouco são os projetos que dinamizamos, mas o grande objetivo seria que estes projetos extracurriculares pudessem ser canalizados nas vertentes curriculares. Para não sobrecarregar até os próprios alunos. Eu gostava que os projetos não fossem extracurriculares, que fossem exatamente curriculares, dentro do currículo. Sabemos que há sempre um ou outro pela sua dinâmica que vai fugir desta matriz, mas o ideal seria isso.

Sente que os projetos podem tornar-se híbridos? Este aliciar entre o online e o presencial por conta da pandemia?

Não me choca essa mistura. Não me choca, mesmo que isso dependerá da dinâmica de cada coordenador de cada projeto e da natureza do projeto. Por exemplo, o projeto de apicultura, pela sua característica, ele não vai ser desenvolvido online.

Qual é exatamente a missão e o objetivo do papel do Agrupamento?

Existe uma missão que se traduz em dois caminhos que se entrecruzem. A primeira tem a ver com os valores enquanto pessoas humanas. Primeiro que tudo, a escola prepara os alunos para a vida. A vida profissional. Isto de preparar para a vida não é só preparar para a vida académica, prepara-se a vida como pessoas enquanto seres humanos. Enquanto pessoas que têm valores. A outra vertente obviamente é preparar os alunos para entrarem no ensino superior ou para seguirem outras vias de ensino. Esta escola tem a tradição de

ter uma grande percentagem que ingressa no ensino superior. Depois existe aqui um outro caminho. Que é o caminho dos alunos que não querem seguir o ensino superior. Hoje em dia temos dois tipos de alunos e nós só temos um tipo de resposta. Portanto, este é um dos maiores desafios que a escola tem pela frente.

Todos os projetos estão inclinados para que a resposta seja dada?

Não. Os projetos que existem são projetos que, de alguma forma, completam as aquisições académicas para se seguir os estudos no ensino superior. Os projetos vão ao encontro daquilo de que o espaço que as escolas têm e daquilo que as escolas possibilitam dar e depois estão de facto relacionados com os interesses das áreas específicas escolhidas no ensino secundário. Temos projetos noutras escolas do Agrupamento, mas são projetos que acabam por encaixar dentro do currículo, portanto, não são projetos que depois se possa seguir profissionalizante por aí.

Acha que as atividades extracurriculares são favoráveis para que exista uma dinâmica entre turmas?

Neste momento não, mas deveria ser.

Porquê?

Neste momento os alunos que estão envolvidos pertencem àquela turma daquele professor que está a coordenar aquele projeto. Se o professor tiver quatro ou cinco turmas e pronto, mas de facto, não há interação neste momento entre as turmas, mas esse é o grande objetivo. Aliás, nós temos um clube de ciência viva na escola. Quando nasceram os clubes de ciência viva nasceram exatamente nesse sentido, que era como se fosse um mote agregador de todos os outros projetos que existem na escola. Portanto, era para que todos os projetos tivessem uma finalidade comum e que possam cruzar e dar-se uns com os outros. Até porque, se nós não divulgamos aquilo que se faz nos projetos eles acabam por morrer. Portanto, pode haver aqui alguma situação de que os projetos não se desenvolvam porque pode haver aqui uma falta de material, mas esse não é o ponto fulcral. O ponto fulcral de facto é nós termos um grupo que tem de ser necessariamente de diferentes turmas, para que se possa fazer uma troca de experiências muito mais ricas.

**Doc. 5 – Entrevista a Maria Vitalina Pinto – Coordenadora do Jornal Escolar *Voz Activa*
Fale-me do jornal, dos objetivos e dos resultados que tem o “*Voz Activa*”.**

Dos objetivos, vamos dizer que o jornal desta escola tem uma tradição já longa, isto vem dos anos 90. Eu peguei no jornal, salvo erro, em 2011 ou 2012, juntamente com o professor de artes, professor Carlos Farias, ele faz o aspeto gráfico do jornal e eu coordeno tudo o resto. O objetivo fundamental são objetivos de cidadania, tendo presente também outras dimensões pedagógicas, como desenvolver basicamente a leitura e a escrita. O jornal não saiu este ano nem o ano passado porque nos anos da pandemia não foi possível fazer-se.

Exatamente pela pandemia?

Sim. Isto é um trabalho que resulta muito da colaboração dos alunos uns com os outros, e dos professores com as próprias turmas. É um jornal que tinha finalidades de escrita e de leitura a par de uma outra atividade que o departamento fazia, que se chama “*ouvir o silêncio, lendo*”: uma atividade que nós fazíamos anualmente e que basicamente consiste em parar toda a escola durante meia hora toda a escola, mesmo nas escolas primárias. Durante meia hora e está a escola em absoluto silêncio e estar toda a gente a ler um livro. Essa atividade, era inserida aqui no jornal e, portanto, digamos que os objetivos pedagógicos vieram basicamente esses motivar para a leitura e para a escrita. Os objetivos mais genéricos eram objetivos de cidadania. Houve anos em que teve muita adesão e chegámos a fazer três números por ano, houve outros anos em que só fizemos um e depois esta catástrofe final, que não fizemos nenhum número. Mas os alunos vibravam por ter um artiguinho seu no jornal, ter o nome, poder ser visto, mostrado, e viviam muito excitados quando mandavam o artigo: “*mas o meu artigo vai sair, não vai sair?*”, portanto desenvolver a opinião, ser visto pelo seu trabalho, ser reconhecido, ter uma palavra a dizer, participar na vida da escola ou expressar-se sobre o que pensa relativamente a alguns assuntos. Os objetivos podem ser vistos no editorial porque fui eu que escrevi e coloquei sempre a tónica nesta questão de construir uma identidade da escola, ajudar a construir a identidade dos alunos.

Por eles verem os seus textos, as suas fotografias a serem publicados, nota que o jornal consegue ter uma importância para os alunos e para os professores?

O dia em que saia o jornal era uma animação. Eles todos queriam ver se tinham ou se não tinham, porque só quando o jornal viesse é que sabiam. Isto tem um preço irrisório, custa 1€. Isto fica caro e nós fazíamos fora da escola porque era a preto e branco. Cores só nas capas. Nunca teve mais nada a cores.

O facto de ser a preto e branco dava uma alusão ao jornal antigo?

Era uma questão estética. Portanto, nós optamos mesmo, porque achámos que ficava mais bonito, sempre entre o cinza e o preto. Eu gosto bastante do jornal e o jornal foi até premiado. Pelo jornal *Público*.

Sabe qual foi ano? Se calhar já não se lembra.

Já não me lembro.

Mas foi pelo projeto do *Público na escola*, ou foi fora?

Foi pelo projeto do *Público na Escola*, era preciso ter três jornais publicados anualmente, das condições que eu me lembro. Uma vez concorremos e até houve uma exposição em Almada de jornais escolares, e o jornal mereceu um destaque especial.

Do lado dos alunos sente que obteve bons resultados?

Trata-se de uma aprendizagem, de uma integração difícil de medir. Só é possível medir o contentamento deles. Os miúdos do 7º/8º e 9º ano escrevem para o jornal, coisinhas pequeninas essencialmente. Estes textos eram corrigidos pela professora de português e por mim, portanto, é um trabalho muito moroso. Este jornal não é exatamente daqueles em que os alunos publicam aquilo que querem, tem objetivos pedagógicos claros, definidos e, portanto, tem muitas regras. Uma das regras era que eles aprendessem alguma coisa a escrever para o jornal.

O jornal tinha este efeito de extracurricular, mas os textos e todo este desenvolvimento estava dentro do plano de estudos que eles tinham?

Sempre que possível estava dentro do plano curricular, embora o plano seja aqui entendido de uma forma muito vasta. Nós podíamos fazer visitas de estudo, idas ao teatro, ao cinema e isso também merecia comentários e uma análise dentro dos conteúdos.

Quando a professora fala em nós, não estava sozinha neste projeto como responsável? Já falou do professor Carlos Farias, que tratava do design.

O grupo era eu e o Carlos Farias.

O professor ainda está? O professor Carlos ainda está?

Maria Vitalina: Sim, está. É presidente do Conselho Geral e continua na sua área das artes a dar aulas. Portanto, ele é o grafismo do jornal porque arranjamos um programa especial.

Um programa mais gráfico.

Um programa assim mais adequado para se fazer isto e depois a coordenação era feita por mim exclusivamente e em permanência. Eu tive sempre um trabalho de mandar muitos emails para os professores turmas, conselhos de turma e às turmas. Cheguei a ir às escolas primárias para motivar.

Queria que fosse um jornal de agrupamento, não queria que fosse só aqui da secundária?

O jornal começou por ser da José Gomes Ferreira. Em 2012 nós agrupámos e nessa altura eu dediquei o jornal à inclusão das escolas no agrupamento. Não teve grande resultado, porque não depende de um jornal. Tem acabado por ser um jornal do terceiro ciclo e do secundário.

As rubricas são decididas pela professora, em conversa com os colegas?

Não, as rubricas são decididas por cada professor com as suas turmas. Há projetos que os professores têm para desenvolver dentro dos conteúdos curriculares e há uma imensa liberdade para que a partir disso estendêssemos o projeto para, por exemplo, a ciência sociais e humanas, a leitura e a escrita. O jornal nunca teve esta ideia de “*vamos trabalhar este tema*”, não. No princípio do ano começava por recolher informações sobre o que é que os professores tencionavam fazer em termos de projetos com os alunos e depois ia acompanhando sempre e estimulando.

E era este contacto com os professores para a criação que...

Com os professores e com os alunos diretamente. Eles também tinham projetos e reuníamos-nos. Pedia muitas vezes para eles escreverem sobre as eleições para a Associação de Estudantes, sobre o Baile de Finalistas, coisas que lhes interessavam particularmente a eles.

Falou do “*ouvir o silêncio, lendo*”, como é que esta rúbrica consegue ser transportada para que seja então lida no jornal?

Nesse dia, eu fazia algumas fotos ou das salas de aula ou no pátio. O hábito foi-se criando e nos últimos anos já não era preciso dizeres-lhes nada. É um projeto que tem sentido no “*Voz Activa*”. Nós fotografávamos e um escritozinho para configurar a atividade.

A melhor forma de transpor este fomentar da leitura é através da fotografia? Para ver também como os alunos se entregam?

Exatamente. Dar a ver e eles gostavam muito. Não interessa aqui as caras. Interessa o gesto de concentração na leitura. O concurso literário do José Gomes Ferreira esteve sempre ligado com o jornal, de sugestões de como é que eles acham que devia ser a escola.

A opinião deles esteve sempre patente e ligada ao “*Voz Activa*”?

Sim. Sempre. Também no âmbito do “*ouvir o silêncio, lendo*”. O “*Ler é...*” que era pedir uma frasesita a cada um e etc.

Fomenta-se assim a criatividade deles?

Sim. Nós fazíamos estas atividades na sala de aula e normalmente paramos. Eu este ano também programei a atividade e o jornal, mas o confinamento foi pior que o do ano passado e isto foi muito mau. Em termos dos alunos eles não aprenderam praticamente nada online. Eu noto.

Acha que também teve esse impacto negativo em termos de aprendizagem? Afetou também este tempo de projetos e de proatividade?

Sim. No sentido de comunidade e grupal. Perdeu-se muito. A sala de professores estava fechada. Mesmo quando viemos ao princípio, portanto, a própria comunicação entre os professores foi cobrada e isto explica uma escola parada.

Acha que voltar a ter o presencial também pode ajudar a haver uma dinâmica entre professores a dinâmica entre turmas?

É preciso regressar alguma normalidade e que se tenha segurança nessa normalidade. Eu espero que no próximo ano letivo não haja mais confinamento e que as coisas corram todas de outra forma. Regressámos a 19 de abril e muitos conteúdos ficaram por lecionar. Eu penso que e com a continuidade de estas restrições, não podemos fazer reuniões com mais de seis pessoas, mas pensei que este ano íamos ter jornal, mas não.

É interessante ouvi-la, porque é uma constatação daquilo que se perde, para além de todas estes conhecimentos e aprendizagens curriculares, há aqui nas suas palavras um perder desse contacto dessa comunicação entre os jovens entre os professores, portanto, entre a escola, propriamente dita.

Há perda do sentido de comunidade.

De comunidade e de partilha. Essa questão, por exemplo, acha que um projeto como este pode ajudar de alguma forma, devagarinho, a conseguir ter pelo menos um objetivo comum que o chame novamente àquilo que é importante: que é o estar junto, sem estar junto?

Eu penso que sim. O sentido grupal e o sentido comunitário perderam-se e eu não sei qual vai ser a moça e quanto tempo vai durar.

Eu levei o grupo do projeto, com a professora Ana Maria Tomáz, que é quem está agora connosco do 11º ano de humanidades, a Sintra, e ela disse que foi a primeira vez que saíram e a única.

Estas coisas exigem programação com tempo. É preciso marcar, pedir dinheiro, pedir autorizações, há aqui um trabalho não visível, que precisa de muito tempo. E, portanto, não tendo esse tempo, não é possível. Tiradas as aulas, não fiz praticamente nada com eles.

Há aqui uma pergunta que eu gostava de fazer que tem haver com o digital porque há uma indicação que temos visto no “Voz Activa” que alguns números cuja certa altura serem digitais. O que é que isso lhe diz? Ou era isto que estava em digital?

Era isto que estava em digital.

Era um PDF digitalizado?

Era um PDF digitalizado para as pessoas terem acesso. Houve uma altura que nos prepussemos a pôr todos os números da página da escola, mas não conseguimos e ficaram 3 ou 4. Neste momento existe um projeto de continuidade com o “Voz Activa”. Eu estou a passar tudo isto, vou-me reformar deste verão a um ano e trabalhei muito nesta escola e não quero que as coisas fiquem dependentes de mim. Tenho duas pessoas em vista, que estão ligadas à cidadania também do departamento de Ciências Sociais e Humanas. Uma é de filosofia e outra de história, que estão em vias e a fazer formação de preparar isto e, portanto, o “Voz Activa” vai mudar. Eles estão a criar um site da Cidadania, que será alargado ao jornal e aquilo que era feito por mim vai ser feito no jornal digital e provavelmente será editada uma revista anual com o que de melhor se fez na escola em papel. Penso eu que isto será o futuro do “Voz Activa”, pelo menos é o que estou a preparar com aqueles dois colegas.

Quais são os nomes dos colegas, os professores de filosofia e de história?

Quem são? Eu posso dizer, mas isto está complicado.

Ainda estão a definir?

Não. Uma pessoa é a Ana Agolar. Ela é muito dinâmica, tem uma capacidade de trabalho imensa, é muito responsável. Eu gostaria muito que ficasse no departamento e que ficasse com o jornal, mas ela é quem está a coordenar a Cidadania. Já tinha falado com o professor Esperança para que fosse ela, mas cada um é como é.

É o perfil. Uns têm e outros não têm.

Não quero estar a dizer mal nem bem, para mim é pôr as pessoas nos lugares certos. O outro professor é contratado, mas é um professor de qualidade. Os alunos adoram-no porque tem feito aqui um trabalho formidável na escola, mas não existe a certeza de que fica cá. Por isso é que eu estou com estas reservas todas, porque eu não sei, já pedi à diretora que tem de se definir em julho porque eu não vou estar aqui a coordenar isto até ao dia em que me reformo.

Pois, queria trabalhar com tempo.

Até as pessoas possa dar uma novidade, um ar diferente a isto do que ao que eu dei continuidade. Eu penso que tanto no departamento como no jornal é melhor que seja assim, que haja um tempo de transição.

Para nós é perfeito. Eu estava aqui a pensar que para nós este ano ficar é perfeito. Porque a ideia do projeto dentro aqui do projeto financiado pela Gulbenkian é exatamente isso em termos multimédia. Nós gostávamos de colaborar na ativação deste “Voz Activa”. Propor aqui um espaço multimédia por parte do multimédia. Seria lançar, com a sua ajuda, com certeza que ficava nas mãos de quem ficar responsável aqui, uma proposta de organizar algo multimédia, mas que fosse jornal, colaborando com aquilo que a escola e com a memória que este jornal tem e conseguirmos aqui pôr uma proposta, um site – portanto - com os trabalhos que a turma agora está a fazer. A turma que está no projeto.

A turma que está no projeto?

Estes alunos estão também divididos com os meus alunos finalistas de jornalismo da licenciatura. A ideia seria aqui o lançamento deste número 0 desta versão online do “Voz Activa”, que acho um nome muito bom para manterem a memória.

Eu vejo nenhum problema em colaborar, pelo contrário. Agora, não sei o que isto implica porque nós temos que apresentar um trabalho da escola. Temos de apresentar.

Têm prazo? Qual é o prazo que vocês têm?

Nós não temos prazo. Nós ganhámos o projeto, o projeto é para usar em dois ou três anos. Não podemos é deixá-lo afundar, é ver que orientações podemos dar a isso e eventualmente arranjar mais alguém que possa dar continuidade isso.

Doc. 6 – Entrevista a Lina Maria Velez – Professora Responsável da Biblioteca

Se sente que os alunos são proativos para criar e se têm predisposição para trabalhar em várias atividades lançadas pela biblioteca?

Aqui no ensino secundário, verifico que é muito mais fácil os alunos aderirem a atividades que sejam lançadas pelos professores do que propriamente atividades organizadas e lançadas pela Biblioteca. Os alunos ou têm aulas de manhã ou têm aulas de tarde e, portanto, a biblioteca não pode organizar as atividades porque eles depois não vêm. A biblioteca faz com os professores em tempo letivo ou fora do tempo letivo e os alunos não aderem, além de que os professores têm um programa muito extenso. Estes dois anos não contaram porque foi a questão da covid, mas os professores têm um programa muito extenso e têm dificuldade em integrar outras atividades que a biblioteca propõe.

Sente que pode haver este lado extracurricular que englobe atividades que estejam no plano curricular deles?

Sim, as atividades têm sempre de ser de acordo com o plano curricular deles. As atividades que a biblioteca propõe tem sempre de ir ao encontro do programa. Outro tipo de atividades, não lançamos muito porque depois não tem. Portanto, tudo o que se faz tem que ir sempre com a concordância do professor, no âmbito da disciplina.

Existe a articulação em que possa haver uma agilização com a biblioteca e clubes escolares?

Sim, a biblioteca está sempre disponível para receber qualquer projeto e nós agora temos várias exposições como forma de articulação com as turmas, com os professores, com os alunos. Nas visitas de estudo, quando os professores convidam a equipa da biblioteca, a equipa da biblioteca disponibiliza sempre alguém para ir colaborar e vamos sempre ou fazemos uma reportagem fotográfica ou vídeo e pedimos aos alunos para fazerem um texto sobre a visita de estudo. Estamos sempre em articulação.

Dado também a estes dois anos atípicos, como é que sente que foi o impacto da pandemia na biblioteca?

Para nós foi muito mau. Nós criamos condições para que os alunos pudessem vir em número reduzido. Fizemos um novo regulamento. Pronto, tentámos que funcionasse o mais normal possível, contudo, os alunos deixaram de vir à biblioteca, os professores deixaram de vir. Portanto, a biblioteca sofreu imenso. Muitos projetos que nós tínhamos já não se realizam e as aulas online também não ajudam. Depois temos a questão de colocar a biblioteca online. Só que esta biblioteca está muito envelhecida, não temos

recursos e precisamos também de apoio, de um apoio técnico que nos ajudasse a colocar a biblioteca online. Tenho feito formação pessoal e investido bastante, mas não é fácil meter a biblioteca online.

Apostando nessas formações acha que vai conseguir coloca-la online?

Sim. É um objetivo a médio prazo. A biblioteca tem de dar muito mais online, e temos que disponibilizar mais documentos online. Isso é uma área em que eu tenho de forçosamente investir, mas não é fácil. Há muita burocracia associada a tudo isso porque não se pode filmar os alunos, não se pode partilhar depois as imagens, portanto, é tudo muito difícil.

Acha que trazer o online isso poderia ser uma mais valia para eles e para a biblioteca?

Eu espero que sim. Eu penso que sim. Embora os alunos hoje em dia estão muito cansados do online e hoje em dia todos têm computador, a biblioteca deveria ter e deverá ter a mínima intenção de ter um serviço de orientação nessas pesquisas que eles devem fazer. Foi muito tempo de aulas online e os alunos ficaram muito cansados. Os próprios professores estão muito cansados com o online. Temos aqui que repensar todas estas situações.

A biblioteca viu esta avalanche e tenta dar resposta para este ensino de emergência.

Mas foi preciso os professores se adaptarem, os alunos e a biblioteca. São muitas adaptações consecutivas, vamos lá ver como é que vai correr agora nos próximos, no próximo ano. Eu penso que vem aí mais apoio para a educação, mais apoio para o reforço das aprendizagens.

Acha que podia ser importante haver um ensino híbrido em que exista o presencial e esta componente do online?

Na minha perspetiva isso seria ótimo. Só que nós temos nas escolas públicas muitas heterogeneidades. Há alunos que são capazes na perfeição de fazer esse ensino híbrido, mas há alunos que, com muita dificuldade, conseguem, e/ou alunos que não querem e não são capazes.

Não se foca apenas num tipo de aluno.

Sim e, portanto, assim é muito difícil. Porque temos aqui alunos que nos dizem que gostavam de trabalhar em casa, por exemplo, depois temos alunos, com alguma dificuldade, conseguiam ficar um dia em casa e temos alunos que se ficam em casa não fazem rigorosamente nada.

Também não sabemos as condições.

Depois as bibliotecas haveriam de ser polos bem equipados. As bibliotecas tinham que estar adaptadas aos alunos do século XXI e as bibliotecas ainda estão no século XX.

Teria de haver uma atualização?

Os espaços das bibliotecas tinham que se adaptar aos novos alunos e não se adaptaram. Esta biblioteca está assim há 40 anos.

Os alunos já não são os de há 40 anos.

Os alunos mudaram. Os alunos precisavam de estar para ter um espaço reservado. Portanto, a biblioteca tem que urgentemente evoluir se quiser sobreviver. Este espaço é o espaço que está idêntico desde o início da escola. A escola tem 40 anos. Continua igual. Se os alunos tivessem um espaço agradável, se calhar, vinham mais.

Esta atualização da biblioteca, em termos de espaço, poderia fazer com que a biblioteca deixasse de ser, por exemplo, um local de passagem?

Lina Maria Velez: Eu acredito nisso.

Voltando aos projetos, neste caso, ao jornal “Voz Activa”, consegue ver os objetivos que os alunos tiveram no jornal?

Quando eu cá cheguei não fui integrada no projeto do jornal, o jornal atualmente sai esporadicamente e, portanto, também o jornal tem que ser diferente – tem que evoluir.

Porque os alunos também sentem necessidade? Acha que o projeto também, neste caso o jornal, tem de evoluir?

Nós participamos naquele projeto do *DN Media Lab* e eles vão e fazem uma parte da página do jornal. Eles constroem ali um espaço que nós. Portanto, hoje em dia, a comunicação é outra. O jornal é uma parte pequenina de um conjunto de situações que deviam acontecer.

O extracurricular também os ajuda a verem as outras competências?

Lina Maria Velez: Sim. Temos um conjunto de alunos focados para entrar em determinados cursos que necessitam notas muito elevadas: medicina, astrofísica, arquitetura, direito e então os alunos concentram-se nas notas.

Sente que os alunos também estão um bocado robotizados?

Pois não sei, o sistema tem funcionado assim.

Em relação ainda ao jornal escolar, sente que apesar de não estar envolvida no “Voz Activa”, que é importância de manter um jornal escolar na comunidade escolar?

O jornal escolar é fundamental, mas tem de se adaptar à realidade atual, aos alunos que temos e isso não é fácil.

É um trabalho em conjunto.

Sim e para ser um bom jornal escolar tem que ter apoios, tem que ter subsídios, os professores têm que ter tempos letivos previstos para fazer estas coisas porque não pode ser só de vontade. Tem de existir um conjunto de ferramentas para que as coisas aconteçam.

E que está por trás não é só pensamento, não é só uma pessoa. São várias, um conjunto de várias equipas.

Todos esses projetos precisam de equipamento, de recursos humanos e materiais.

E a biblioteca consegue, por exemplo?

A biblioteca não tem verba nenhuma. A biblioteca vai participando em alguns projetos, mas é tudo muito difícil. Terá de ser sempre a direção da escola a dizer que este projeto é interessante. A biblioteca nunca pode agir individualmente porque ela não tem verba nenhuma.

ANEXO B



Fig. 1 – Entrada para o Pavilhão A da Escola Secundária José Gomes Ferreira.
Fotografia de Joana Silva.



Fig. 2 – Porta para o Núcleo de Fotografia e para o Clube de Animação e Audiovisual.
Fotografia de Joana Silva.

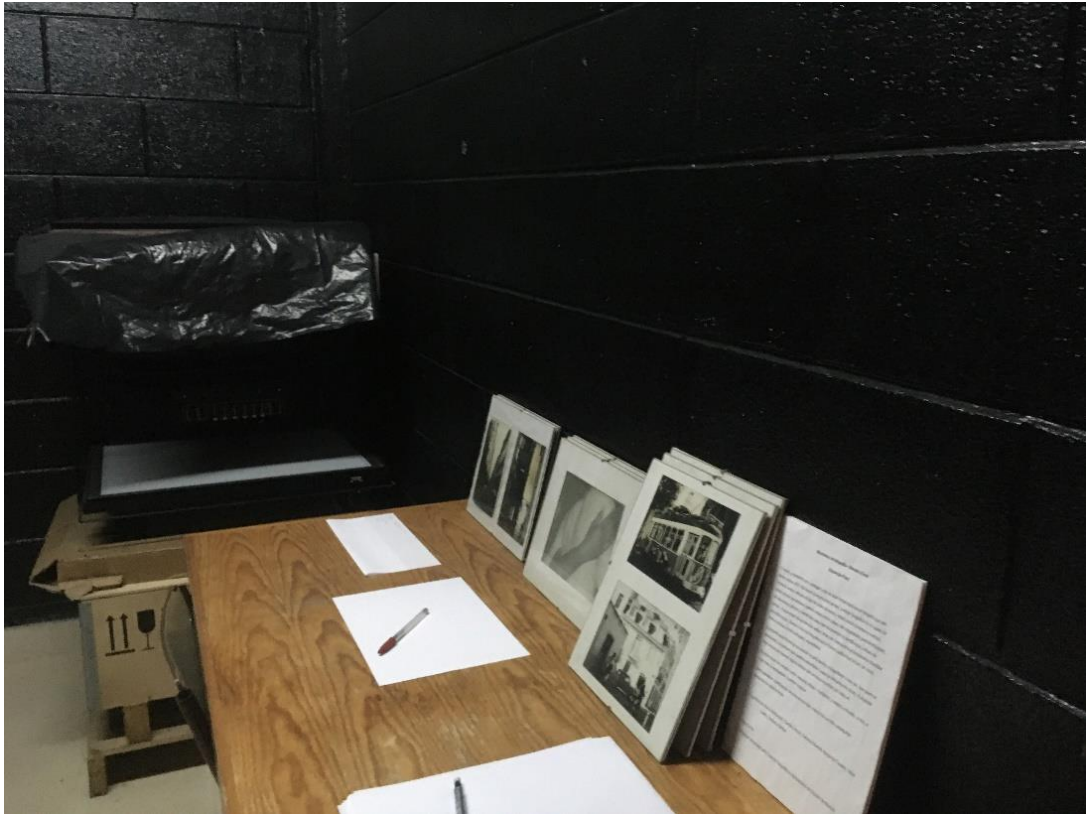


Fig. 3 – Primeira sala do Clube de Fotografia. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 4 – Organização dos utensílios no Clube de Fotografia dentro de uma Câmara Escura. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 5 – Foto em negativos. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 8 – Biblioteca piso superior. Entrada e vista para a zona dos computadores.
Fotografia de Joana Silva.



Fig. 9 – Corredor de acesso à Biblioteca com uma exposição temporária. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 10 – A Biblioteca numa outra perspetiva. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 11 – Três números do *Voz Activa* ao longo das décadas. Ano das publicações, esquerda para a direita: 1990, 2009 e 2018. Fotografia de Joana Silva.

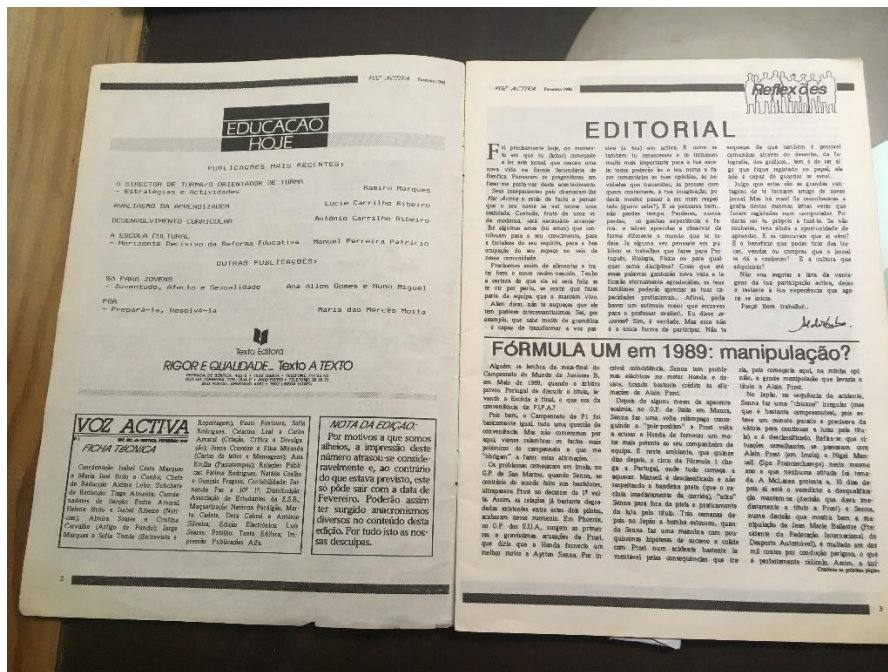


Fig. 12 – Foco da Ficha Técnica e do Editorial do primeiro número do *Voz Activa*, em 1990. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 13 – Última página do 1º número do *Voz Activa*. Fotografia de Joana Silva.



Fig. 13 – Capa do número 11 do Jornal Escolar *Voz Activa*, em abril de 2009. Fotografia de Joana Silva.

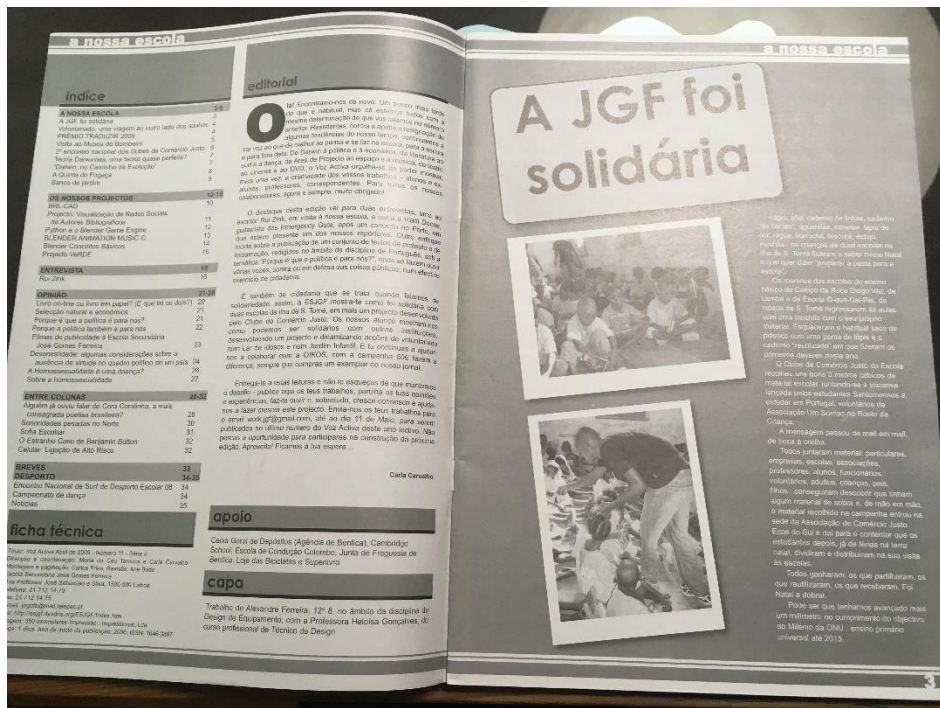


Fig. 14 – Foco na Ficha Técnica e do Editoria do 11º número do Voz Activa, em 2009.

Fotografia de Joana Silva.

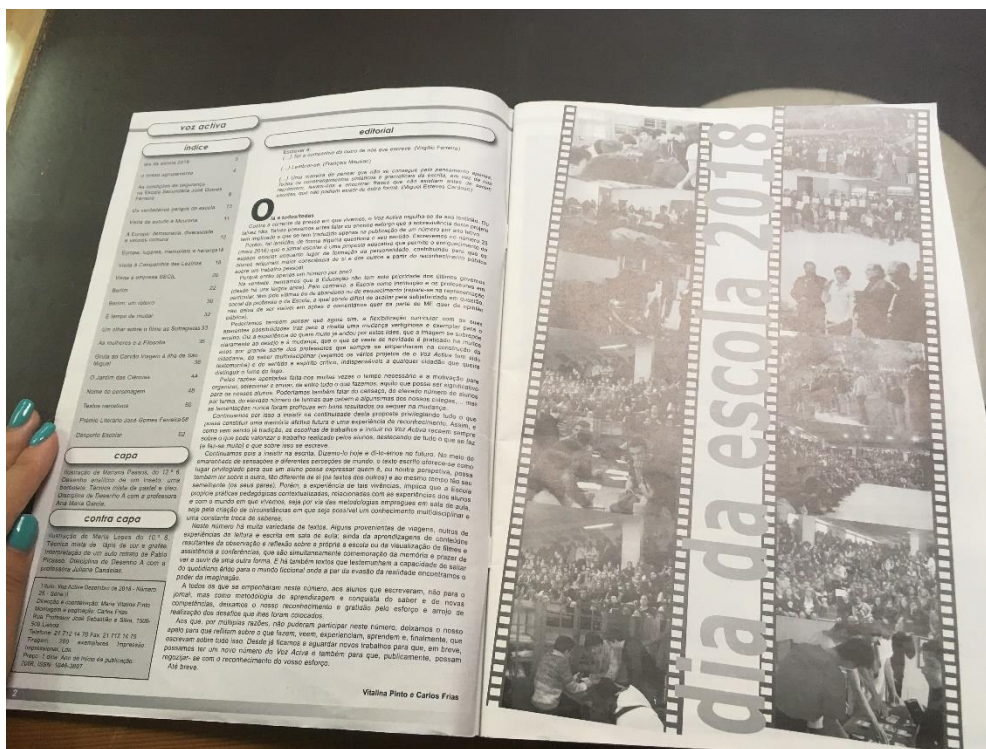


Fig. 15 - Foco na Ficha Técnica e do Editoria do 25º número do Voz Activa, em 2018.

Fotografia de Joana Silva.



Fig. 16 – Foco na atividade “Ouvir o Silêncio, lendo...” no número 25 do Voz Activa.

Fotografia de Joana Silva.

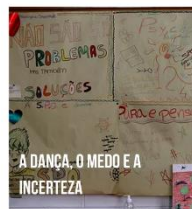


A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJGF | Fotogaleria | Som do Voz Activa



SOBRE NÓS

Breve descrição sobre o jornal escolar Voz Activa (clica aqui para saberes mais)



ARQUIVO

2021 JEMAMJJASOND



Ver Mais (clicar para abrir mais espaço)

Secção de comentários:

Colocar email (para identificação)

Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)



Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

Contactos

Nº telefone da ESJGF
Nº telefone coordenadora do Voz Activa

Locais

R. Prof. José Sebastião e Silva 1,
1500-500 Lisboa

Som do Voz Activa

(link para a plataforma online do podcast)

Inscreve-te

Inscreve-te para poderes ter acesso à newsletter e saberes o que saiu no jornal no teu email!

©2021 por Joana Americana para o trabalho final de projeto
Ano letivo 2020/2021

Fig. 17 – Esquema com imagens e cores da primeira página do jornal *Voz Activa* no meio digital. Fotografia de Joana Silva.



A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJGF | Fotogaleria | Som do Voz Activa



Nome dos autores
(Rubrica: História de Gentes)

Artigo na íntegra – letra menos Times New Roman – texto justificado

Botões de Partilha do artigo para as
redes sociais

SOBRE NÓS

Breve descrição
sobre o jornal
escolar Voz Activa

ARQUIVO

2021_JFMAMJJASOND

RELACIONADOS



Secção de comentários:

Colocar email (para identificação)

Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)

Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

Contactos

Nº telefone da ESJGF
Nº telefone
coordenadora do Voz
Activa

Locais

R. Prof. José
Sebastião e Silva 1,
1500-500 Lisboa

Som do Voz Activa

(link para a
plataforma online
do podcast)

Inscreve-te

Inscreve-te para poderes ter
acesso à newsletter e saberes o
que saiu no jornal no teu email!

©2021 por Joana Americano para o trabalho final de projeto
Ano letivo 2020/2021

Fig. 18 – Esquema da página a cores e imagens sobre a abertura de um artigo para leitura. Fotografia de Joana Silva.



A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJGF | Fotogaleria | Som do Voz Activa

FOTOGALERIA



TÍTULO DA FOTOGRAFIA: NATUREZA EM VOLTA DA ESCOLA (2021)
AUTORIA: JOANA AMERICANO

Pequenas fotografias para verificar as que estão dispostas na fotogaleria.

SOBRE NÓS

Breve descrição sobre o jornal escolar Voz Activa

ARQUIVO

2021 JFMAMJJASOND

ARTIGOS QUE POSSAM SER DO TEU INTERESSE



Secção de comentários:

Colocar email (para identificação)

Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)



Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

Contactos

Nº telefone da ESJGF
Nº telefone
Coordenadora do Voz Activa

Locais

R. Prof. José
Sebastião e Silva 1,
1500-500 Lisboa

Som do Voz Activa

(link para a
plataforma online
do podcast)

Inscribe-te

Inscribe-te para poderes ter
acesso à newsletter e saberes o
que saiu no jornal no teu email!

©2021 por Joana Americana para o trabalho final de projeto
Ano letivo 2020/2021

Fig. 19 – Esquema da página a cores e com imagens da fotogaleria. Fotografia de Joana Silva.

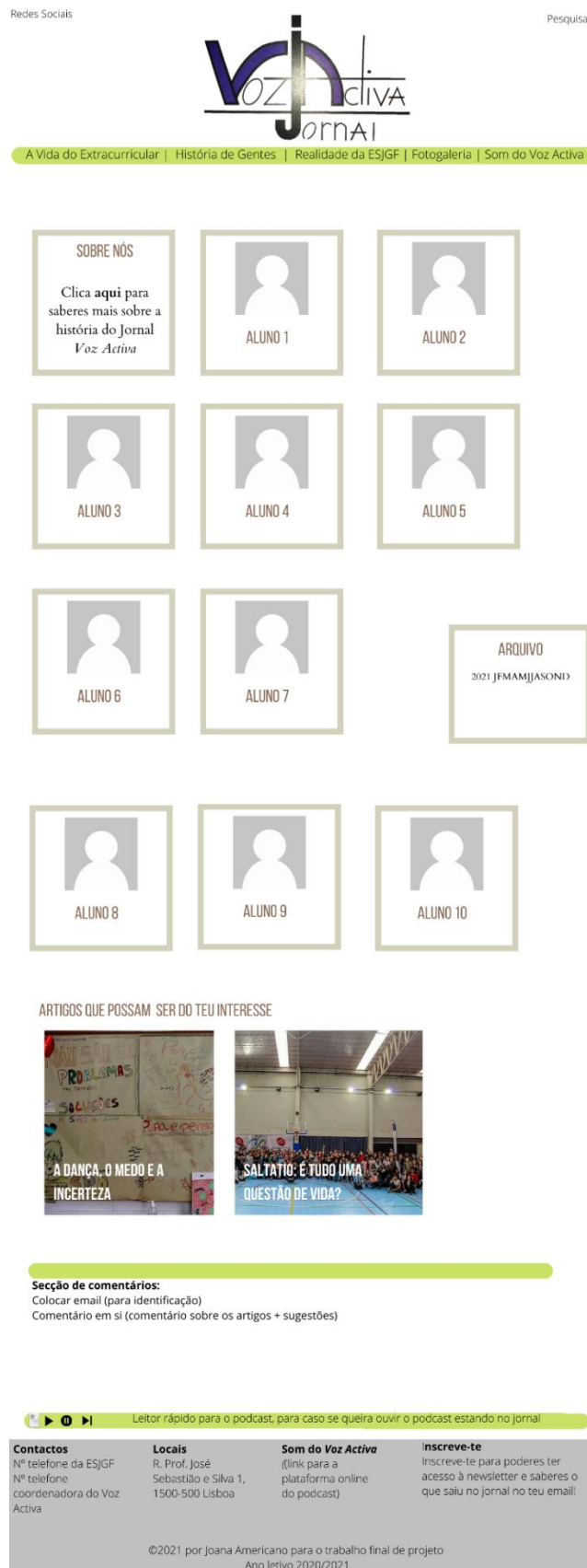
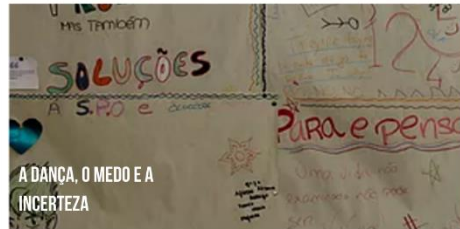


Fig. 20 – Esquema da página “Sobre Nós” com imagens e cores. Fotografia de Joana Silva.



A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJGF | Fotogaleria | Som do Voz Activa



ARTIGO (SEGUNDO MAIS RECENTE)



ARTIGO (PRIMEIRO A SER ESCRITO)

ALUNO 1

Antes do nome
uma fotografia à
escola do estudante
Breve identificação
feita pelo aluno
sobre ele próprio

ARQUIVO

2021 JFMAMJJASOND

ARTIGOS QUE POSSAM SER DO TEU INTERESSE



Secção de comentários:

Colocar email (para identificação)
Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)

Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

contactos ☎ telefone da ESJGF ☎ telefone ordenadora do Voz ctiva	Locais R. Prof. José Sebastião e Silva 1, 1500-500 Lisboa	Som do Voz Activa (link para a plataforma online do podcast)	Inscribe-te Inscribe-te para poderes ter acesso à newsletter e saberes o que saiu no jornal no teu email!
---	---	--	---

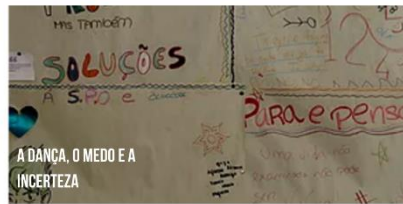
©2021 por Joana Americano para o trabalho final de projeto
Ano letivo 2020/2021

Fig. 21 – Esquema da página do aluno com imagens e cores. Fotografia de Joana Silva.



A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJ/GF | Fotogaleria | Som do Voz Activa

ARQUIVO: OUTUBRO 2021



Ver Mais (clique para abrir mais espaço)

Secção de comentários:
Colocar email (para identificação)
Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)

Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

contatos ☎ telefone da ESJ/GF ☎ telefone coordenadora do Voz Activa	Locais R. Prof. José Sebastião e Silva 1, 1500-500 Lisboa	Som do Voz Activa (link para a plataforma online do podcast)	Inscribe-te Inscribe-te para poderes ter acesso à newsletter e saberes o que saiu no jornal no teu email!
--	---	--	---

©2021 por Joana Americano para o trabalho final de projeto
Branco, Lisboa, 2020/2021

SOBRE NÓS

Breve descrição sobre o jornal escolar Voz Activa (clique aqui para saberes mais)

ARQUIVO

2021 JFMAMJJASOND

Fig. 22 – Esquema a cores e imagens do arquivo. Fotografia de Joana Silva.



A Vida do Extracurricular | História de Gentes | Realidade da ESJGF | Fotogaleria | Som do Voz Activa

HISTÓRIA DE GENTES



MAIS ARTIGOS NESTA RUBRICA

SOBRE NÓS

Breve descrição sobre o jornal escolar Voz Activa (clica aqui para saberes mais)

ARQUIVO

2021 JFMAMJJASOND

Secção de comentários:

Colocar email (para identificação)

Comentário em si (comentário sobre os artigos + sugestões)



Leitor rápido para o podcast, para caso se queira ouvir o podcast estando no jornal

Contactos Nº telefone da ESJGF Nº telefone coordenadora do Voz Activa	Locais R. Prof. José Sebastião e Silva 1, 1500-500 Lisboa	Som do Voz Activa (link para a plataforma online do podcast)	Inscribe-te Inscribe-te para poderes ter acesso à newsletter e saberes o que saiu no jornal no teu email!
--	--	--	---

©2021 por Joana Americano para o trabalho final de projeto
Ano letivo 2020/2021

Fig. 23 – Esquema com cores e imagens das páginas das rubricas. Fotografia de Joana Silva.

Contactos	Locais	Som do Voz Activa	Inscribe-te
Nº telefone da ESJGF Nº telefone coordenadora do Voz Activa	R. Prof. José Sebastião e Silva 1, 1500-500 Lisboa	((link para a plataforma online do podcast)	Inscribe-te para poderes ter acesso à newsletter e saberes o que saiu no jornal no teu email!
©2021 por Joana Americano para o trabalho final de projeto Ano letivo 2020/2021			

Fig. 24 – Foco do rodapé com imagem e cor. Fotografia de Joana Silva.